

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Hugo Lagrimante Ferreira

**Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no
Brasil**

Juiz de Fora
2022

Hugo Lagrimante Ferreira

Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Matemática. Área de concentração: Educação Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva

Juiz de Fora

2022

Hugo Lagrimante Ferreira

Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Matemática. Área de concentração: Educação Matemática.

Aprovada em 20 de janeiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Amarildo Melchades da Silva - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Ana Elisa Esteves Santiago

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra

Prof. Dr. Ronaldo Rocha Bastos

Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 17/01/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Amarildo Melchades da Silva, Professor(a)**, em 09/03/2022, às 18:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronaldo Rocha Bastos, Professor(a)**, em 11/03/2022, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Araujo de Oliveira, Professor(a)**, em 12/03/2022, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.uffj.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0648582** e o código CRC **754CC1A6**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela proteção e força em todas as horas do meu caminhar.

Aos meus pais Anna Cristina e Eduardo, pelo amor, educação, incentivo, compreensão e exemplos para o meu crescimento como pessoa e profissional.

A minha companheira Luisa, pelo amor, paciência, apoio e conselhos em minhas decisões.

A todos os meus familiares e amigos, por todo o suporte e compreensão nos meus momentos de ausência.

A todos os colegas de turma, em especial a Natasha, pela parceria no navegar sobre as águas da Educação Financeira.

Ao professor Dr. Amarildo Melchiades da Silva, por contribuir com minha formação da graduação até este momento. Obrigado pelas orientações, incentivos, exemplos e amizade.

Aos professores do programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática da UFJF, por toda competência, dedicação e profissionalismo em todos os momentos.

A professora Dra. Ana Elisa Esteves Santiago e ao professor Dr. Ronaldo Rocha Bastos por fazerem parte deste trabalho como membros da banca e contribuírem ricamente com minha pesquisa.

Aos colegas do grupo de pesquisa do NIDEEM, aos quais me inspiraram para esta jornada acadêmica e também profissional.

Se um gigante e um anão andam na mesma estrada, cada passo que eles darão proporcionará nova vantagem para o gigante.

(ROUSSEAU, 1755 tradução 2017).

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo elaborar um conjunto de tarefas, referenciadas teoricamente, para estimular os estudantes a produzirem significados sobre a desigualdade social associada a questões financeiras no Brasil. O estudo desenvolvido se insere na vertente de pesquisa em Educação Matemática denominada Educação Financeira Escolar cuja finalidade é a inserção do assunto na sala de aula de Matemática. As discussões sobre a desigualdade foram pautadas sobre as disposições sociológicas e as disposições socioeconômicas. A pesquisa é fundamentada teoricamente pelo Modelo dos Campos Semânticos e pela concepção de Educação Financeira Escolar proposta por Silva e Powell (2013). O processo de investigação baseou-se numa abordagem qualitativa de investigação que contou com uma pesquisa de campo como meio para recolha dos dados a partir da discussão de tarefas com estudantes do Ensino Médio, de modo a permitir orientar possíveis revisões de acordo com os objetivos fixados. A análise das ações enunciativas dos participantes evidenciou que os elementos propostos nas tarefas, tais como as noções de capital (econômico, cultural e social), *habitus* e tempo livre, foram amplamente debatidos, articulados e utilizados nas respostas dos estudantes estimulando também a inserção de outros elementos trazidos à discussão. Como resultado da pesquisa foi elaborado um produto educacional para uso dos professores em salas de aula.

Palavras-chave: Educação Matemática. Educação Financeira Escolar. Desigualdade Social. Estratificação. Produção de Significados.

ABSTRACT

The primary objective of this research is to develop tasks, referenced and based theoretically, that would encourage students to reflect and provide insights related to social inequality associated with financial issues in Brazil. The study developed is part of a research strand in Mathematics Education called School Financial Education, in which has a main purpose to teach basic finance and economics knowledge during the Mathematics classroom. The discussions about inequality were based on sociological dispositions and socioeconomic. The research is theoretically based on the Semantic Model Theory and on the concept of School Financial Education, proposed by Silva and Powell (2013). A qualitative approach derivative from field research with high school students, collected the data using the aforementioned tasks that ultimately guided possible revisions in accordance with the previously established objectives. The analysis of the participants enunciative actions showed that the elements proposed in the tasks, such as the notions of capital (economic, cultural and social), habitus and free time, were widely debated, articulated and used in the students' responses, also stimulating the insertion of other elements brought to the discussion. As a result of this research, an educational product was developed for use by teachers in classrooms.

Keywords: Mathematics Education. School Financial Education. Social inequality. Stratification. Production of Meanings.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Índice de Gini da distribuição de rendimento domiciliar per capita - Brasil - 2012 a 2018	36
Figura 2 - Rendimento mensal domiciliar per capita médio por cor ou raça - Brasil – 2012 a 2018	38
Figura 3 - Proporção de pessoas com rendimento domiciliar per capita inferior a US\$ 1,90 e inferior a US\$ 5,50 PPC diários, por unidade federativa do Brasil - 2018	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar	40
Quadro 2 - Limites de renda domiciliar total de todas as fontes em valores de 2014	41
Quadro 3 - Dissertações desenvolvidas pelo grupo NIDEEM – Eixo Norteador IV ..	46
Quadro 4 - Sistema de Divisão Básico de Classes.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tamanho dos estratos segundo o modelo SAE em valores de 2012.....	42
Tabela 2 - Sistema de pontos do Critério Brasil 2019	43
Tabela 3 - Pontos de corte do Critério Brasil.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCEB	Critério de Classificação Econômico Brasil
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MCS	Modelo dos Campos Semânticos
NIDEEM	Núcleo de Investigação, Divulgação, e Estudos em Educação Matemática
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
PPC	Paridade de Poder de Compra
SAE	Secretaria de Assuntos Estratégicos
SIS	Síntese de Indicadores Sociais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A DESIGUALDADE SOCIAL EM DISCUSSÃO	17
2.1 DISPOSIÇÕES SOCIOLÓGICAS	18
2.2 DISPOSIÇÕES SOCIOECONÔMICAS	33
2.2.1 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE	37
2.2.2 Fundação Getúlio Vargas – FGV	40
2.2.3 Secretaria de Assuntos Gerais - SAE	41
2.2.4 Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP	42
3 REVISÃO DE LITERATURA	45
4 TOMANDO POSIÇÕES TEÓRICAS	51
4.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR	51
4.2 O MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS	54
4.3 O PROBLEMA DE PESQUISA	57
5 METODOLOGIA DE PESQUISA	59
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	59
5.2 CARACTERIZAÇÃO DE TAREFAS	62
5.3 O CONJUNTO DE TAREFAS	63
6 ANÁLISES	74
6.1 ANÁLISE DA TAREFA 1	74
6.1 ANÁLISE DA TAREFA 2	78
6.3 ANÁLISE DA TAREFA 3	81
6.4 ANÁLISE DA TAREFA 4	85
6.5 ANÁLISE DA TAREFA 5	89
6.6 ANÁLISE DA TAREFA 6	92
6.7 ANÁLISE DA TAREFA 7	98
6.8 PRODUTO EDUCACIONAL	101
7 CONSIDERAÇÕES	103
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE	110

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, inserida no campo da Educação Matemática, é parte de um projeto de pesquisa maior intitulado “Design e Desenvolvimento de um Programa de Educação Financeira para a formação de Estudantes e Professores da Educação Básica”, que tem como meta reforçar as ações brasileiras de inserção do tema Educação Financeira nas escolas públicas do Brasil. Este projeto de pesquisa é um dos que compõem o Núcleo de Investigação, Divulgação, e Estudos em Educação Matemática - NIDEEM, que está inserido no Departamento de Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF.

Considerando o projeto de Educação Financeira supracitado, o objetivo desta pesquisa será elaborar um conjunto de tarefas referenciadas teoricamente, que visam estimular estudantes do Ensino Médio a refletirem sobre a Educação Financeira e a desigualdade social associada a questões financeiras no Brasil, onde este conjunto de tarefas constituirá um produto educacional.

Os caminhos até o início do desenvolvimento desta pesquisa estão entrelaçados em minha trajetória acadêmica e profissional. Para situar o leitor, explanarei brevemente sobre o que considero os principais pontos deste percurso.

Ainda no início de minha graduação na UFJF, participo no ano de 2012 de um processo seletivo para um projeto de treinamento profissional intitulado Educação Financeira na Educação Básica, na unidade acadêmica da UFJF, o Colégio de Aplicação João XXIII. Sou selecionado para tal projeto, cujo o objetivo era organizar, elaborar, reelaborar e encontrar materiais para um conjunto de doze a quinze aulas de Educação Financeira, que eram realizadas uma vez por semana ao longo de um trimestre por turma, para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Esta primeira experiência me permitiu observar diversas dificuldades e necessidades em relação ao tema, ou seja, percebi que ali existia um campo aberto para o desenvolvimento de pesquisa.

Já atuando profissionalmente como professor de matemática, ministrando aulas para a Educação de Jovens e Adultos, novamente a Educação Financeira se fez presente. Como a maioria dos alunos era independente financeiramente, frequentes eram os questionamentos em relação ao dinheiro e formas de pagamentos, principalmente relacionados a financiamentos, taxas e aplicação dos

juros compostos. O fato desta situação ser corriqueira, me levou a questionar “que educação matemática é esta que realizamos nesta modalidade de ensino?”, vez que nas horas de maior necessidade real de tomada de decisão, surgem mais dúvidas do que afirmativas.

Posteriormente, em outra atuação profissional, desta vez em uma escola de um bairro periférico e carente também na cidade de Juiz de Fora - MG, ministrando aulas para o Ensino Médio, ocorreu um fato que talvez tenha sido determinante para a escolha do tema desta pesquisa. A escola queria promover uma visita dos alunos ao Centro de Ciências da UFJF. Para tanto, não podendo arcar com o custeio do aluguel de um ônibus, a escola sugeriu que cada aluno pagasse o próprio transporte no valor de R\$ 9,00. Esta situação gerou um grande debate na escola, pois a grande maioria dos alunos não poderia arcar com o valor sugerido. Dentre os vários debates, a fala de um aluno foi marcante: “o preço do passeio está muito caro, com esse valor eu faço muita coisa, dá para comprar um açaí grande”.

Da fala deste aluno, alguns questionamentos emergiram: pensando nas relações monetárias, que educação financeira podemos realizar nesta escola? Em uma educação inclusiva, poderia a escola promover a oportunidade de conhecimento à um grupo seletivo de alunos? Por que um grande debate foi levantado em torno deste valor, sendo que o custo seria menor se comparado ao transporte público? O que levou este aluno a optar pelo consumo de um bem imediato em vez do consumo de um bem cultural? Conhecimento tem preço?

Desta última escola destacada, sua localização e a comunidade que a circunda, podemos apontar duas falas de Souza (2018). Na primeira, o autor afirma que não houve na sociedade brasileira “nos últimos 150 anos, um efetivo aprendizado social e moral em direção a uma sociedade inclusiva entre nós” (SOUZA, 2018, p.71). Já na segunda, o autor salienta que em famílias pobres, mesmo quando os pais insistem na via escolar como saída da pobreza, “a criança percebe que a escola pouco fez para mudar o destino de seus pais, por que iria ajudar a mudar o seu?” (Ibidem, p.103).

Bauman (2015, p.17), cita Glenn Firebaugh para observar os sinais de reversão da desigualdade mundial. Se antes a desigualdade era crescente entre nações e constante ou declinante dentro delas, existe agora uma mudança para desigualdade declinante entre nações e desigualdade crescente dentro delas. Além disso, Bauman (2015) ainda expõe alguns dados numéricos, como por exemplo, o

consumo de 20% da população mundial abraça 90% de todos os bens produzidos, ao passo que os 20% mais pobres consomem apenas 1%.

No Brasil, dados¹ apontam que o rendimento do 1% mais rico da população supera em 33,8 vezes o ganho dos 50% mais pobres. O rendimento dos 10% mais ricos², entre os anos de 2017 e 2018, teve alta de 4,1%. Já dos 40% mais pobres, houve uma queda nos rendimentos de 0,8%. Também no ano de 2018, 25,3% da população³ possuía rendimentos inferiores a US\$ 5,50 por dia, ou aproximadamente R\$ 420,00 mensais.

Assim como Bauman (2015), podemos nos questionar: quais são as realidades sociais que esses números refletem? A riqueza de poucos beneficia todos nós?

Voltando ao ambiente escolar, a temática da desigualdade social pode estar atrelada tanto a Geografia, História e Sociologia quanto também a Educação Financeira. Na proposta de Silva e Powell (2013) de um design de currículo para a Educação Financeira, os autores, além de caracterizarem o que seria a Educação Financeira Escolar e um estudante educado financeiramente, caracterizam também eixos norteadores de temáticas a serem discutidas ao longo de toda a Educação Básica. As temáticas foram divididas em quatro eixos: I – Noções básicas de Finanças e Economia; II – Finança pessoal e familiar; III – As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo; IV – As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira. Assim, a partir do eixo IV da proposta de Silva e Powell (2013), se estabelece o vínculo entre os estudos da desigualdade social e a Educação Financeira Escolar.

Deste modo, o problema de pesquisa que se instala é o de investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre a relação entre a desigualdade social e a condição financeira da sociedade brasileira, referenciadas teoricamente, com o objetivo de estimular a produção de significados de estudantes do Ensino Médio em Educação Financeira Escolar.

Esta dissertação está organizada em sete capítulos, sendo o primeiro esta introdução.

¹ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/diferenca-de-rendimentos-entre-pobres-e-ricos-e-recorde.shtml>

² Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/06/ibge-10-mais-ricos-tem-rendimento-13-vezes-maior-que-os-40-mais-pobres.htm>

³ Fonte: Síntese de Indicadores Sociais do IBGE – 2019.

No segundo capítulo, iniciaremos a discussão em relação a desigualdade social no Brasil, a qual será abordada em duas seções. Na primeira seção, denominada disposições sociológicas, apresentaremos uma revisão do campo sociológico traçando um processo filogenético do homem, as relações de troca, os fenômenos históricos e as construções culturalistas brasileiras. Na segunda seção, denominada disposições socioeconômicas, apresentaremos a caracterização do *status* socioeconômico e os principais critérios de estratificação utilizados pelos mais renomados órgãos brasileiros.

No terceiro capítulo, apresentaremos uma revisão de literatura tentando relacionar os campos da Educação Matemática, Educação Financeira Escolar e a desigualdade social no Brasil. Desta revisão, concluiremos que este campo de pesquisa ainda se encontra inexplorado.

No quarto capítulo, apresentaremos a concepção de Educação Financeira voltada para a escola na qual nos apoiaremos e o eixo norteador que nossa pesquisa está inserida dentre os quatro existentes em tal concepção. Apresentaremos também o Modelo dos Campos Semânticos, que será utilizado como suporte teórico desta pesquisa e nos auxiliará na leitura da produção de significados dos alunos. Ao fim da sessão, apresentaremos nosso problema de pesquisa.

No quinto capítulo, apresentaremos a metodologia de pesquisa utilizada em nosso processo investigativo, assim como o conjunto de tarefas elaborado por nós que visam estimular estudantes do Ensino Médio a refletirem sobre a Educação Financeira e a desigualdade social no Brasil, tarefas estas que irão compor o produto educacional. Junto a cada tarefa, apresentamos também seus objetivos específicos.

No sexto capítulo, será apresentado a análise de cada uma das tarefas com a leitura da produção de significados dos sujeitos de pesquisa. Uma análise geral do conjunto de tarefas também é realizada para que este componha o produto educacional associado a esta dissertação.

No sétimo e último capítulo, apresentaremos algumas considerações e conclusões gerais sobre todo o trabalho de pesquisa, assim como alguns direcionamentos para sua continuidade.

2 A DESIGUALDADE SOCIAL EM DISCUSSÃO

Neste capítulo, nosso objetivo será identificar e explicitar conceitos e definições de classe social e *status* socioeconômico junto aos seus respectivos parâmetros de mensuração para a estratificação de pessoas e famílias, com o intuito de criar bases para discussão da desigualdade social no Brasil.

Para a realização deste estudo, nosso olhar estará voltado para os aspectos sociológicos e socioeconômicos em relação ao debate de classes e desigualdade social no Brasil, não tendo a pretensão de adentrar especificamente em dimensões relacionadas a gênero, etnia, raça, casta ou religião, por exemplo.

Desta premissa, iremos dividir este capítulo em duas seções, denominadas disposições sociológicas e disposições socioeconômicas. Na primeira seção, inicialmente iremos apresentar o processo filogenético do homem desenvolvido por Jean-Jacques Rousseau (1755, tradução 2017); a ideia de igualdade de Norberto Bobbio (2017); as relações de troca de Georg Simmel apresentadas por Visser (2015); o comportamento calculista do ser humano de Max Weber apresentadas por Albino (2016); os fenômenos históricos, as construções culturalistas brasileiras e alguns de seus desdobramentos nos estudos de Jessé Souza (2018 e 2019); além das contribuições do estudo dos capitais e a caracterização de classe social de Pierre Bourdieu apresentadas por Monteiro (2018). Por fim, relacionaremos alguns aspectos confluentes dos autores citados anteriormente, tais como a disposições do tempo, a relação do capital econômico na compra de tempo livre e sua conversão em capital cultural e conseqüentemente em trabalho especializado.

Já na segunda seção, denominada disposições socioeconômicas, apresentaremos inicialmente o conceito de *status* socioeconômico e os principais indicadores ligados a ele, os princípios para a construção de um critério de estratificação e um coeficiente de mensuração de desigualdade, o Índice de Gini. Em seguida apresentaremos seis critérios de estratificação utilizados no Brasil, onde os três primeiros estão ligados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o quarto a Fundação Getúlio Vargas – FGV, o quinto a Secretaria de Assuntos Gerais – SAE e o sexto e último critério ligado a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP.

2.1 DISPOSIÇÕES SOCIOLÓGICAS

O comportamento humano, assim como os fenômenos naturais, inseridos dentro de uma cadeia dinâmica de conexões e sob uma multiplicidade de formas, estão passíveis de apresentar regularidades. Da sucessão de ações, o presente da história humana, seja ela individual ou social, carrega consigo heranças do passado. A construção de explicações de seus processos evolutivos, seja eles abstratos em “tipos ideais” ou não, que buscam compreensões seguras e concretas, cabe a área das ciências humanas denominada sociologia. A prática desta ciência pode ser definida como:

A análise sociológica ao mesmo tempo nos abstrai da realidade e nos ajuda a entendê-la, pelo fato de que ela mostra em que grau de aproximação um fenômeno histórico concreto pode ser, sob um aspecto, “feudal”, sob outro, “burocrático” e, sob outro ainda, “carismático”. Para atribuir a esses termos um significado preciso, é necessário que o sociólogo formule tipos ideais das formas correspondentes de ação que em cada caso envolvem o mais alto grau de integração lógica em virtude de sua adequação total no nível do significado. Mas justo porque isso é verdade, é provavelmente raro, se é que chega a acontecer, que se possa encontrar um fenômeno real que corresponda com exatidão a qualquer um desses tipos ideais idealmente construídos. (MAX WEBER apud BAUMAN, 2008, p.40)

Deste modo, as percepções em relação ao comportamento humano não podem ser reduzidas somente as disposições econômicas. Por mais que a sociologia crítica deva considerar as relações com o dinheiro dentro do estudo cultural, Visser (2015, p.8) destaca que “a teoria da classe de renda reduz e obscurece o vínculo propriamente qualitativo com o dinheiro, para readquirir uma estratificação unilateral dos indivíduos”.

A partir destes pressupostos, o objetivo desta seção é realizar um estudo sociológico de modo que este nos dê alicerce para debater a desigualdade social no Brasil em aspectos que vão além do economicismo. Inicialmente, discutiremos sobre o processo filogenético do homem até a eminência do convívio em sociedade. Em seguida, já admitindo o convívio em sociedade, falaremos sobre igualdade, os processos de troca e da racionalização cientificista. Desta racionalização, adentraremos em alguns culturalismos brasileiros, que não deixam de ser, em aspectos gerais, um estudo histórico de nosso país. Por fim, trataremos dos conceitos de capital cultural, capital econômico, capital social e classe para podermos analisar possíveis relações entre os mesmos e também junto a ideia de trabalho e tempo.

No campo filosófico e sociológico, o interesse de conhecer a nós mesmos é considerado um importante preceito. Estes estudos carregam consigo indagações que norteiam pensamentos muitas vezes hipotéticos e até mesmo condicionais, que não necessariamente são verdades históricas, mas que são, talvez, os mais adequados a esclarecer a natureza de algo. Em relação ao homem, podemos nos questionar, por exemplo, como ele seria capaz de se ver frente a natureza que o formou? Quais seriam as experiências necessárias? Assim, da questão posta pela Academia de Dijon, na França, *qual é a origem da desigualdade entre os homens, e se ela é legitimada pela lei natural*, também poderíamos nos indagar o por que conhecer a origem da desigualdade sem antes conhecer a si mesmo?

A questão posta pela Academia de Dijon, por mais contemporânea que se possa apresentar, é uma questão de meados do século XVIII. Partindo desta questão, Jean-Jacques Rousseau (1755, tradução 2017), em 1755, traça uma linha física, metafísica e moral desde a origem no homem selvagem até sua chegada ao meio social. Partindo do princípio do homem como visto hoje, fugindo do debate evolutivo dos naturalistas e de qualquer divindade sobrenatural, visto à sua época, Rousseau coloca em igualdade o homem selvagem disperso na natureza e os animais selvagens que com ele dividem o meio, tendo cada qual a sua vantagem da espécie, sendo a do homem a de absorver a vantagem dos outros animais e também poder escolher entre a fuga e o combate. As vulnerabilidades do homem e dos animais também são postas em igualdade por Rousseau, já que a infância e a velhice cabem a todas as espécies, sendo as doenças algo pertencente principalmente ao homem que vive em sociedade.

A assimilação da parte física entre homem e animais selvagens só começa a se distinguir quando começamos a comparar o campo das ideias. Mesmo que ambos tenham sentido e conseqüentemente ideias, o homem se difere e se sobressai quanto ao grau de intensidade destas ideias. Assim, só o homem possui a qualidade de agente livre, não sendo comandado pela natureza. Só o homem tem a faculdade de se aperfeiçoar, sendo que um animal é, após certo tempo, o que será a vida toda. Sendo assim, o homem selvagem começa a tomar grande distância dos animais selvagens ao passo das paixões. O homem só procura conhecer porque deseja desfrutar, não sendo possível uma concepção por quem não tivesse desejos nem temores e não se dando assim ao trabalho de raciocinar.

Para Rousseau (2017), o homem selvagem vivendo em seu estado natural, não tendo relações morais nem deveres conhecidos, não tendo vícios e virtudes, não sendo bom nem mau, sentindo somente suas verdadeiras necessidades, não pode ser privado de nada em um estado que somente a natureza pode provê-lo. Ou seja, o homem natural, longe da possibilidade de privação, se afasta também de qualquer relação ligada a miséria. Deste modo,

é fácil ver que, entre as diferenças que distinguem os homens, várias são dadas como naturais, mas não passam de uma obra do costume e dos diversos gêneros da vida que os homens adotam na sociedade. [...] não só a educação faz a diferença entre os espíritos cultivados e os que não o são, como aumenta a que se encontra entre os primeiros à proporção da cultura, porque, se um gigante e um anão andam na mesma estrada, cada passo que eles darão proporcionará nova vantagem para o gigante. Ora, se compararmos a prodigiosa diversidade de educações e de gêneros de vida reinantes nas diferentes ordens do estado civil com a simplicidade e a uniformidade da vida animal e selvagem, em que todos se nutrem com os mesmos alimentos, vivem da mesma maneira e fazem exatamente as mesmas coisas, compreenderemos quanto a diferença entre um homem e outro deve ser menor no estado de natureza do que no de sociedade, e quanto a desigualdade natural deve aumentar na espécie humana pela desigualdade de instituições. (ROUSSEAU, 1755 tradução 2017, p.67)

Antes mesmo de qualquer instituição, ao qual se refere Rousseau, o autor caracteriza o aperfeiçoamento do processo comunicativo como um dos mais difíceis e importantes passos dado pelo homem. Outro importante passo é o estabelecimento e compreensão da autoconservação, que através do uso de instrumentos, lhe proporcionou também a demarcação e fixação de um local para habitar, caracterizando assim o início da sociedade civil. É deste último passo que os seres humanos se domesticam e estreitam vínculos e ligações. Hábitos são criados como

se reunir diante das cabanas ou em volta de uma grande árvore: o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, se tornaram a distração, ou antes, a ocupação dos homens e das mulheres ociosos reunidos em grupo. Cada um começou a olhar para os outros e a querer ser olhado, e a estima pública teve seu valor. [...] E foi esse, ao mesmo tempo, o primeiro passo rumo à desigualdade e ao vício: dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo, de outro, a vergonha e a inveja [...]. (Ibidem, p.77)

Nesta linha de construção evolutiva, a igualdade tende ao desaparecimento com a união das forças de trabalho e a introdução da demarcação de territórios, onde os homens passaram também a aperfeiçoar-se em suas ocupações, tanto em grupos quanto individualmente, gerando assim o que podemos caracterizar como desigualdade das combinações, onde o mais habilidoso tira melhor proveito de seu trabalho, o mais forte trabalha mais e o mais engenhoso abrevia seu trabalho,

ocasionando uma diferenciação circunstancial e insensível. A igualdade tende também ao desaparecimento à medida que as propriedades passaram a cobrir todo o solo de modo a tocarem-se, fazendo com que o crescimento de uns passasse a ser o detrimento de outros.

Dos sentimentos de vergonha e inveja, nascentes logo no início das sociedades, e as necessidades de subsistência, intrínseco a qualquer animal pelo instinto de sobrevivência, se instala o conflito das posses. Os ricos são propensos a assegurar o que lhes pertence. Os fracos ambicionam a conquista ao mesmo tempo protegendo-se das opressões. Desencadeia-se assim, tanto para os que estão na riqueza quanto na pobreza, um ambiente de repleta insegurança, onde forças são empregadas em detrimento dos semelhantes. Deste desencontro de segurança, ambos os lados cedem a justiça e a paz no instinto de autoconservação, formando desta maneira um conjunto de regulamentos indistinguíveis, onde todos são obrigados a se conformar.

Assim foi, ou deve ter sido, a origem da sociedade e das leis, que proporcionaram novos entraves ao fraco e novas forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, estabeleceram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade [...]. (Ibidem, p.87)

A indistinção em um conjunto de leis, ou princípio igualitário, é aquele que elimina a discriminação precedente de qualquer que seja o cidadão, seja ela derivada da classe social, do sexo, da religião, da raça, etc. A igualdade na liberdade⁴, como salienta Bobbio (2017, p.62), é aquela em que cada um deva “gozar de tanta liberdade quanto for compatível com a liberdade dos outros e pode fazer tudo o que não ofenda à igual liberdade dos outros”. Assim, a igualdade passa a ser o princípio fundamental das constituições de Estados liberais, vistas principalmente ao final do século XVIII. Segundo Bobbio (2017) estes princípios são a igualdade perante a lei e a igualdade de direitos.

Outro aspecto relevante sob o prisma filosófico e sociológico que emergiu nos estudos realizados na presente pesquisa refere-se ao significado das relações monetárias. O valor quantitativo dado aos objetos, reduzindo-os a seu mero valor abstrato numérico, seria uma concepção que superaria apenas as relações de

⁴ Segundo Bobbio (2017, p.62), liberdade e igualdade analisados de modo isolado se apresentam como valores antitéticos. O principal fim do liberal é a expansão da personalidade individual, mesmo que para este desenvolvimento seja necessário o detrimento da personalidade do mais pobre ou menos dotado. Já para o igualitário, o principal fim é o desenvolvimento da comunidade em seu conjunto, mesmo que para isto seja necessário diminuir a esfera de liberdade dos singulares.

escambo em sociedades pré-modernas. Nas sociedades de consumo, os objetos passam a agregar também uma concepção qualitativa nos valores, onde a satisfação, sacrifícios e renúncias enfrentam-se para a constituição da base econômico valorativa. Desta premissa, nos ampararemos no estudo de Visser (2015), que busca em sua tese reconectar a sociologia econômica aos seus fatores culturais e simbólicos. Para tanto, Visser (Ibidem) alicerça-se, dentre vários autores, em Georg Simmel, sociólogo alemão que abre o campo de estudo sobre as relações e o papel do dinheiro na contemporaneidade. Simmel, segundo Visser (Ibidem, p.8), considera dois argumentos centrais para este campo: “a) o dinheiro se torna o elemento, impregnado em quase todas as trocas sociais modernas; b) ele transforma todo arcabouço psicossocial dos indivíduos, impondo novas tendências e costumes”.

Para Simmel (apud. VISSER, 2015), o valor conferido aos objetos não se constitui como unidade constante pré-fixada pelo tempo médio de trabalho realizado no mesmo, nem tão pouco como uma propriedade aderente e isolada. Os valores possuem uma capacidade de atribuição qualitativa e relacional que se transformam em atividades não neutras que podem refletir na formação e nos estados de uma cultura, podendo também imprimir princípios hierárquicos. Por mais que o valor tenha sua gênese na diferenciação entre sujeito e objeto, a troca⁵ é outro fator central na sociologia simmeliana e também na economia monetária, pois é no intervalo temporal entre produção e o consumo que o objeto adquire valor. Assim, é o intervalo temporal da troca que dinamiza as relações afetivas das emoções, afetos e desejos como a satisfação, sacrifícios e renúncias e qualifica o valor econômico.

Esta construção de valor na perspectiva simmeliana (apud. ibidem, 2015), quantitativa e qualitativa, é o pressuposto para a passagem do valor de substância para o valor de função do dinheiro. Esta passagem é o que alicerça a separação dos objetos em duas classes: “a) os que exibem uma finalidade de uso concreto (mercadorias); b) os que cumprem um papel funcional, isto é, o dinheiro simbolizando o valor quantitativo dos demais objetos” (Ibidem, p.26). Deste modo, na segunda classe, o valor quantitativo do objeto na função de permuta é imediatamente mais significativo que sua utilidade em si. Portanto, a passagem do

⁵ Os estudos de Visser (2015) deixa claro que a teoria de Georg Simmel é um esforço complementar as teorias de Karl Marx, e não uma oposição. O contraste está no princípio de sustentação teórica, que não parte do sistema produtivo de mercadorias.

valor de substância para o de função faz do dinheiro o símbolo geral máximo e ditador no capitalismo moderno, impondo um universo de cálculo no campo comportamental dos indivíduos. A forma valorativa quantitativa da economia monetária reduz a forma qualitativa, onde o dinheiro passa a aderir a “qualidade dos objetos ao passo que esta qualidade não é mais por si própria senão exprimível através do seu valor quantitativo, abstrato e de permuta” (Ibidem, p.28). Isso faz com que os indivíduos modernos reduzam sua capacidade contemplativa à mera assimilação intercambiável, valorando a impessoalidade em detrimento da personificação.

Souza (2018, p.170) destaca que a imposição do universo do cálculo no campo comportamental na perspectiva simmeliana passa a dominar também as emoções e sentimentos, tornando este o modo de percepção do mundo. Ele ainda equipara esta perspectiva à de Kant, cuja percepção se dá a partir das instituições do espaço e do tempo. Segundo o mesmo autor (2018), a redução das qualidades às quantidades, típicas da nossa época, dá as ciências naturais a ilusão da certeza absoluta. “O que é quantificável passa a ser o que é percebido como “científico”, sem sequer nos perguntarmos acerca dos pressupostos dessa “cientificidade”” (SOUZA, 2018, p.106).

Outro intelectual que considera a perspectiva do cálculo no campo comportamental, não só em relação as trocas, é o alemão Max Weber. Como mostram os estudos de Albino (2016), Weber atribui o progresso do ocidente ao desencantamento do mundo, ou seja, a base do conhecimento não se fundamenta em ideias misteriosas e sim nos encaminhamentos lógicos, sistemáticos e abstratos, presentes desde os gregos. No período da Renascença, o princípio da experimentação racional passa a nortear a ciência, o que muitos acreditavam ser a condução para a verdade. Para Weber (apud. ALBINO, 2016, p.55), a ciência tem conduta própria sedimentada no rigor metodológico e na clareza, se afastando do senso comum. Assim, esta trajetória de especialização do conhecimento seria o que nortearia as predisposições inter-relacionais em contextos reais. Isso faz com que Weber seja

uma espécie de “chave mestra” que nos permite abrir o registro profundo desse “racismo científico” dominante, ainda que até hoje inarticulado, mas por isso mesmo, “naturalizado” e aceito por todos no âmbito científico e na esfera prática e cotidiana de todas as sociedades modernas. (SOUZA, 2018, p.24)

Em relação a esfera econômica, Weber (apud. ALBINO, 2016) segue a mesma linha calculista, considerando o capitalismo como ações racionais que visam lucro, oriundas das possibilidades de troca segundo a utilidade e aplicabilidade. Porém, mesmo destacando outros elementos, como o histórico, que dissocia limitações e condicionantes contextuais, e o sociológico, que individualiza ações e resultados, Weber considera que os valores religiosos apresentam profunda afinidade com os valores capitalistas, em específico os valores protestantes na cultura ocidental. O protestantismo difunde a ideia da relação direta entre homem e Deus, onde esta relação é estreitada mediante ao trabalho e a dedicação máxima nas obrigações diárias. Assim, o homem virtuoso, distante dos prazeres mundanos, acumula dinheiro pelo trabalho e pela poupança. Portanto, para Weber é

a conduta racional baseada na vocação orientada e formação profissional extremamente qualificada, conduzindo o religioso ao burocrata impessoal, um agente indispensável ao capitalismo moderno, de sangue-frio e rigor matemático. (ALBINO, 2016, p.74)

Da convergência para o ocidente traçada por Weber, passaremos a adentrar ao universo brasileiro a partir de agora. Como para o entendimento da atualidade a sociologia se faz através dos fenômenos históricos, nos ampararemos nas obras de Jessé Souza, que realiza um grande estudo analítico do Brasil através de destacados sociólogos, historiadores e pensadores brasileiros. Os de maior relevância em suas obras são: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Raymundo Faoro, Francisco de Oliveira e Florestan Fernandes. Além de realizarem um estudo histórico do Brasil, estes autores colaboraram também para importantes “ideias-força”⁶ que se incutiram na cultura brasileira.

O primeiro pensador que destacaremos das obras de Jessé Souza (2018 e 2019) será Gilberto Freyre. Este escritor brasileiro, autor de obras como *Casa-Grande & Senzala* publicado em 1933, *Sobrados e Mucambos* publicado em 1936, dentre outras, foi o pensador que contribuiu fortemente para a concepção de que a cultura brasileira fosse uma continuação de Portugal através de sua herança ibérica. Em sua análise sociológica, Freyre (apud. SOUZA, 2019) destaca a experiência

⁶ Para Souza, “ideias-força” possui múltiplos sentidos a depender da circunstância. Alguns deles são: a) “ideia articulada a interesses poderosos que permite mascará-los e justificá-los”; b) “espécie muito peculiar de percepção da relação entre mercado, Estado e sociedade, onde o Estado é visto, a priori, como incompetente e inconfiável e o mercado como local da racionalidade e da virtude; c) ideias influentes de uma sociedade que não ficam nos livros, mas ganham outros espaços como escolas, universidades, jornais e mesas de bares; d) ideias que se tornam vida prática da sociedade contemporânea. Neste ponto, assumiremos as duas últimas, mas tendo em mente as duas primeiras.

colonizatória portuguesa, que implementa nos primeiros anos de sua colonização do Brasil uma economia baseada na monocultura e no trabalho escravo, cujos fins seriam a estabilização da nova terra. Assim, a sociedade seria alicerçada no patriarcalismo, ou seja, o senhor da terra português era o centro do núcleo familiar. Estas famílias ainda eram passíveis da poligamia por parte do senhor, que mantinha relações com a mulher índia e posteriormente a escrava africana. Deste modo, a família patriarcal era composta pelo núcleo, por elementos intermediários como os bastardos e dependentes, além da base de escravos. O destaque para Freyre em toda esta construção histórica seria o fato de a possibilidade do filho do senhor europeu com a escrava africana ser aceito como europeizado através da aceitação da fé e costumes do pai.

Desde o início da colonização do Brasil por parte dos portugueses, a sociedade só irá passar por uma mudança significativa com a chegada da família real portuguesa no ano de 1808. Na análise de Freyre (apud. SOUZA 2019), o mercado capitalista competitivo e o Estado burocrático centralizado promovem uma mudança comportamental social, fazendo o patriarcalismo debater-se. Por mais que inicialmente a cidade representa-se uma extensão do campo, em pouco tempo o Estado penetra na casa dos senhores de terra, fazendo de seus filhos escolarizados mão de obra especializada. O talento individual passa a ser valorizado. Novas profissões e inovações técnicas desvalorizam o trabalho escravo e conseqüentemente o senhor do escravo. Assim, o elemento médio se valoriza como aprendiz dos novos ofícios. Este elemento era na verdade, em sua maioria, indivíduos mestiços, que se apresentavam como “deslocados” na sociedade até então.

Assim, Souza destaca a importância desta linha sociológica construída por Freyre.

Foi Freyre, afinal, o primeiro a articular a tese do “mestiço *is beautiful*”, permitindo interpretar a miscigenação visível e palpável da sociedade brasileira como uma “virtude de cultura” – quando durante todo o século XIX e até os anos 1930 era considerado por todos como nosso principal defeito – e sinal, “empiricamente verificável nas ruas”, da suposta tolerância e abertura cultural brasileira. Foi Freyre, portanto, quem construiu o “vínculo afetivo” do brasileiro como uma ideia de Brasil, em alguma medida, pelo menos, “positiva”, com a qual a nação e seus indivíduos podiam se identificar e se autolegitimar. (SOUZA, 2018, p.30)

E continua:

Afinal, a miscigenação racial funcionava como “reductor de todas as diferenças”, especialmente das de classe social e prestígio, além de permitir

uma associação “espontânea” com ideias como “calor humano”, hospitalidade, sensualidade, cordialidade e todas as qualidades ambigualmente “pré-modernas” que hoje são patrimônio afetivo de todo brasileiro. (Ibidem, p.30)

Outro importante pensador brasileiro analisado por Souza é Sergio Buarque de Holanda, que publica seu livro mais célebre, *Raízes do Brasil*, em 1936. Buarque (apud. SOUZA 2018) assume os pressupostos teóricos de Freyre em sua análise da sociedade brasileira pré-moderna, porém inverte seu diagnóstico positivista. Para Buarque, a ênfase nas relações institucionais e políticas está no patrimonialismo – o primitivo, pessoal e corrupto – ao contrário do personalismo – relações interpessoais de favor/proteção – característica da obra freyriana. Desta forma, o ponto alto da tese de Buarque será a ideia do “homem cordial”, ou seja, aquele que merece todos os privilégios e divide o mundo com os amigos, fazendo o “inimigo” merecer toda dureza da Lei. Em específico, Buarque foca as ações do “homem cordial” em relação ao Estado. Assim, Souza (2018) elenca cinco pressupostos que Buarque teria deixado como ideias-força para a base filosófica e, inclusive, política no Brasil. São elas:

1. A idealização dos Estados Unidos como uma espécie de “paraíso na terra”, com justiça social e igualdade de oportunidades, com o protestante pré-capitalista e, portanto, “mítico”, servindo de contraponto crítico da situação brasileira;
2. O homem cordial brasileiro como um ser genérico de todas as classes, emotivo, prisioneiro das paixões do corpo e, portanto, moralmente inferior, indigno de confiança e tendencialmente corrupto;
3. O amálgama institucional do “homem cordial” na noção de “patrimonialismo” apenas estatal, que servirá mais tarde para a contraposição entre mercado virtuoso e estado demonizado;
4. A criação de um caminho alternativo universalizável para toda a nação: um antiestatismo sob a condução dos interesses de mercado do estado de São Paulo;
5. A construção de uma ideologia antipopular, concebida como uma crítica ao populismo, que equivale a um “racismo de classe” e que perpassa também toda a sociedade. (Ibidem., p.49)

Da tese patrimonialista de Buarque, Raymundo Faoro (apud. SOUZA 2018) será seu historiador com a obra *Os Donos do Poder*, publicado em 1958. Faoro retorna ao século XII em busca das raízes da constituição do Estado português. O destaque da obra de Faoro seria a prematura unificação e centralização do estado português medieval e sua concentração de recursos, dificultando assim o desenvolvimento do capitalismo industrial. Esta situação acarretaria em um estamento patrimonial, ou seja, um estrato da sociedade compartilha o prestígio e estilo de vida através de uma solidariedade interna com o fim de concentrar os

poderes do Estado. Desta premissa, Souza (2018, p.54) destaca as duas principais teses de Faoro: “a) o Brasil “herda” de Portugal, para a nossa desgraça, sua singularidade social e política; e b) o principal elemento que “prova” essa herança é a estrutura “patrimonial” do Estado e, por consequência, de toda a vida social”. Porém, Souza (2018) destaca que a análise de Faoro é estática e a-histórica, além de antecipar os fins para validar sua tese. Apesar disso, a ideia força deixada por Faoro e que permanece viva até hoje é a do patrimonialismo brasileiro a partir de um estamento “do mal” fazendo as ações do Estado serem demonizadas em contraposição às ações virtuosas do mercado.

É importante ressaltar, que as principais ideias-força dos pensadores brasileiros analisadas por Souza fazem referência à estratos de acordo com classes e grupos específicos. Para Souza (2018), este ponto é fundamental e alicerça a construção de uma base teórica sólida, que não cria assim a ilusão de explicações subjetivas em relação à “espaços” sociais circunscrito de positividade.

Dentro desta base teórica, porém com viés economicista, outra obra brasileira analisada por Souza é a *Crítica à razão dualista* publicada em 2003, do sociólogo Francisco de Oliveira. Com foco no desenvolvimento socioeconômico brasileiro do século XX, Oliveira (apud. SOUZA, 2018) toma como partida o ano de 1930 e seu processo de industrialização e transferência do excedente populacional rural para o meio urbano. O modo de subsistência urbana e o baixo custo dos alimentos alinha-se com o os baixos salários dos trabalhadores, fazendo da indústria um acumulador de capitais, em contraponto ao setor de serviços. Com preços não competitivos e um mercado monopolizado, o consumo de bens duráveis encarecidos fica à cargo da uma classe que detém também a concentração da renda, propriedade e poder. Deste modo, os fatos que eram históricos passam a ser estruturantes.

Mesmo destacando positivamente a construção de Oliveira, Souza faz ponderações ao seu modelo economicista. Ele ressalta que

os atores, individuais ou coletivos, produzem e reproduzem consensos sociais que não são mera decorrência de interesses econômicos. Esse é o verdadeiro limite de toda forma de economicismo, que é tão cego que sequer percebe que a própria ação econômica já pressupõe todo um universo simbólico composto por pressupostos jurídicos, emocionais, pulsionais, morais e políticos. (Ibidem., p.115)

Sob este prisma, Souza (2018 e 2019) destaca o sociólogo Florestan Fernandes e suas obras *A revolução burguesa no Brasil* e *A integração do negro na sociedade de classes*, publicadas em 1975 e 1965 respectivamente. Também com

viés economicista, Fernandes (apud. SOUZA, 2018) vai além ao considerar as formas sociais e políticas na transformação das estruturas brasileiras, o que o difere de Oliveira. O ponto de partida para Fernandes é a independência política do Brasil com o fim do Império. A partir deste ponto, o mercado comercial interno começa a se dinamizar com novos serviços, funções e ligações entre regiões. As riquezas que antes eram drenadas para a metrópole, agora vão exigir uma articulação consciente e o desenvolvimento de práticas claras com projeções prospectivas. Esta exigência será o principal aspecto limitante deste novo arranjo, já que o papel do antigo ideário liberal era apenas reagir a antiga ordem dominante. Logo, a burguesia só será capaz de produzir uma revolução molecular, se constituindo “no dia a dia e nas práticas cotidianas, mas sem a articulação consciente e de longo prazo de uma visão de mundo adequada a seus próprios interesses” (SOUZA, 2018, p.125).

Em relação as dinâmicas sociais, Fernandes (apud. SOUZA, 2019) destaca que a revolução burguesa antiescravista disfarçava a expansão da ordem social competitiva, ou seja, a “revolução seria de brancos para brancos”. Ao ser liberto, o negro é lançado a própria sorte, e sem amparo do Estado ou até mesmo da igreja, ele não dispunha de meios morais e materiais para sobreviver. Só lhe restava ocupar as mesmas funções degradantes de antes. Desmotivado e diante da concorrência dos italianos, principalmente no estado de São Paulo, o negro fica mercê da marginalidade e da pobreza econômica.

Toda esta caracterização analítica do processo histórico-social humanístico brasileiro dado até aqui, nos faz sugerir que as práticas de um indivíduo no presente se constituem através da incorporação e adaptação de um passado. Isso nos arremete então ao processo epistemológico do sociólogo francês Pierre Bourdieu, em específico para suas definições de capital e *habitus*. De modo sintético, para Bourdieu (apud. MONTEIRO, 2018, p. 55) o *habitus* é um processo dinâmico não estático que compreende o princípio gerador das práticas e o princípio inventivo, que é produzido e gestado na história. Neste sentido, o *habitus* se diferencia tanto entre os indivíduos quanto entre as classes. Vale frisar que classe não é entendida aqui como a ideia de *homo economicus*. Classe, dentro das concepções bourdieusianas, privilegia as relações e a classe real em detrimento da classe ideal. Sendo assim, para Bourdieu

as classes sociais existem como grupos práticos: famílias, associações, movimentos sociais e políticos. É a proximidade dos agentes no espaço social que possibilita uma potencialidade objetiva de unidade do grupo, ou

como diz o sociólogo, “uma classe provável”. As classes mobilizadas – que são, para Bourdieu classes reais – produzidas pelas lutas de classificação – lutas políticas e simbólicas – têm como objetivo impor uma visão reconhecida, logo desconhecida, sobre as divisões do mundo social. As classes sociais existem enquanto mobilizações, como construção que se faz no espaço a partir das lutas políticas e simbólicas. (MONTEIRO, 2018, p.69)

A partir desta definição de classe, diretamente relacionada ao conceito de *habitus*, Souza (2019, p.91) destaca que sua reprodução no tempo pode prefigurar e predeterminar todas as chances que um indivíduo terá na vida em diversas dimensões. Assim, podemos analisar classe social através das dinâmicas das socializações familiares, que serão específicas à cada classe. Esta socialização engloba uma corrente de forças de transmissão de capitais que irá lutar por recursos escassos, recursos estes não só materiais como também no que tange ao reconhecimento, respeito, prestígio, charme, dentro outros.

Para nos referirmos a capitais, novamente recorreremos a Bourdieu. Esta teoria do sociólogo francês destaca dois capitais que seriam estruturantes à sociedade contemporânea, o capital econômico e o capital cultural. Além destes dois há também o capital social, o capital político e o capital simbólico. O capital econômico “designa o conjunto de recursos englobando tanto patrimônio material (terras, fábricas, automóveis, equipamentos, trabalho) como salários, renda, poupanças e investimentos em bolsas e aplicações, em seu sentido financeiro” (MONTEIRO, 2018, p.75). O capital cultural “constitui de recursos correspondentes ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar e transmitido pela família” (Ibidem, p.75). O capital cultural (apud. Ibidem, p.75) pode ser ainda compreendido em três estados: o incorporado, objetivado e o institucionalizado. O primeiro se refere a socialização e a incorporação de valores transmitidos pela família e instituições, como por exemplo a escola. Já o segundo se refere a incorporação de um apreço por livros e obras de arte onde sua aquisição está atrelada a recursos econômicos. O capital cultural em seu estado institucionalizado é aquele referente ao reconhecimento e legitimação através de diplomas e certificados. Destacaremos também, além do econômico e cultural, o capital social, que em síntese, é construído por uma dependência dos dois primeiros. O capital social é

uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizada de interconhecimento e inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como um conjunto de agentes que não são dotados de propriedades comuns [...] mas, também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU apud. MONTEIRO, 2018, p.78)

Um dos fatores atrelados ao acesso destes capitais e suas disposições é o fator tempo. De acordo com Visser (2015, p.103), em economias maduras é possível observar que a percepção e uso do tempo se diferem nos distintos grupos e classes. Apesar das características universais de medição em diferentes partes do globo para fins de circulação e serviços, as referências categóricas - como as naturais (estações, ciclos solar e lunar, etc.) por exemplo - passam a ser abstratas, exigindo do indivíduo autorresponsabilidade frente aos compromissos estabelecidos. Logo, a posição de origem deste indivíduo irá marcar os limites e desafios das estruturas temporais, em específico o enraizamento de uma cultura escolar. Em famílias de classes cujos capitais econômicos são estáveis a longo prazo, os estudos perdem seu caráter acidental e passam a ser a atividade primária.

A relação dos capitais econômico e cultural junto as disposições de tempo também são destacadas por Souza (2019). A classe média, aquela que está abaixo da elite⁷, mas que possui algum capital econômico, é privilegiada por poder comprar tempo livre de seus filhos para que estes se dediquem somente aos estudos. Não precisando conciliar trabalho e estudo, o tempo livre pode refletir em estudos ainda mais sofisticados como o literário, a língua estrangeira ou até mesmo o técnico. Incentivos e estímulos familiares desde muito cedo, refletem na concentração dos estudos fazendo a formação escolar assumir perspectivas longitudinais, incutindo assim pensamentos prospectivos de diferentes instâncias. O contrário acontece na família dos excluídos, “a criança percebe que a escola pouco fez para mudar o destino de seus pais, por que iria ajudar a mudar o seu?” (SOUZA, 2019, p.103)

Outro fator atrelado aos capitais econômico e cultural é o trabalho. A conversão do capital cultural em trabalho especializado tende a implicar em uma trajetória profissional contínua, o que desenvolve, segundo Visser (2015, p.93), a noção de carreira ou vocação. O efeito será a ocupação de trabalhos com remunerações maiores, ou seja, o trabalho especializado, consequente do capital cultural, gera capital econômico. Mas não podemos analisar unicamente o vínculo ativo do trabalho com o capital econômico, como bem lembra Visser (2015, p.94). O trabalho possui também um valor relacional enquanto função social. O reconhecimento de

⁷ Na perspectiva de Souza, as classes dominantes são aquelas que possuem os capitais econômico, cultural e social sempre juntos. Como os recursos econômicos são concentrados pela elite, resta para os que estão abaixo dela a luta por acesso ao capital cultural para assim poder lograr de algum prestígio.

um trabalho qualificado junto as suas bonificações, seguro desemprego, capacidade de aprimoramento, previdência, dentre outros, está ligada à um conjunto de outros empregos “desqualificados” e “improdutivos”, fazendo do capital cultural institucionalizado fator principal para a aquisição deste trabalho qualificado.

Em relação ao trabalho e a compra de tempo livre, Souza (2018) faz duras e pertinentes críticas vinculadas a sociedade brasileira e que é também considerado um dos pontos altos de sua obra.

As classes média e alta de uma sociedade como a brasileira não possuem apenas o mesmo privilégio de consumo que seus pares europeus e norte-americanos. No Brasil essas classes contam ainda com um verdadeiro exército de mão de obra barata, sob a forma de empregadas domésticas, babás, faxineiras, porteiros, office boys, motoboys, etc., que permite poupar tempo para atividades bem-remuneradas e reconhecidas além de minorar, por exemplo, a luta de gênero nessas mesmas classes, “transformada” em luta de classes invisível.” (SOUZA, 2018, p.156)

E complementa:

Luta de classes não é apenas a greve sindical ou a revolução sangrenta nas ruas que todos percebem. Ela é, antes de tudo, o exército silencioso da exploração construída e constituída socialmente. (Ibidem, p.233)

Nesta perspectiva, se o trabalho é uma consequência da trajetória social que foi sedimentada através do capital cultural institucionalizado e da herança familiar, onde o pensamento prospectivo está circunscrito a estas disposições, a ideologia do mérito não deve ser considerada quando se trata da classe média. Tanto Visser (2015) quanto Souza (2018) salientam que se o trabalho faz parte das reproduções circulares que envolvem o capital econômico e cultural, as trajetórias sociais também logram do mesmo. Neste sentido, a luta por acesso aos capitais é uma reprodução de privilégios permanentes.

Ao se questionar: “a riqueza de poucos beneficia todos nós?”, Bauman (2015) elenca falsas crenças que são tidas como premissas implicitamente aceitas, das quais todas são responsáveis pela desigualdade. Estas crenças estão incutidas na realidade de forma reigente e inflexível à tentativa de reformá-las ou substituí-las e exigiria uma mudança do modo vida, não sendo possível com uma mera mudança de mentalidade. São elas:

1. O *crescimento econômico* é a única maneira de lidar com os desafios e de algum modo resolver todos e quaisquer problemas que a coabitação humana necessariamente gere.
2. O *aumento permanente do consumo*, ou a rotatividade acelerada de novos objetos de consumo, talvez seja a única ou pelo menos a principal e mais efetiva maneira de satisfazer a busca humana de felicidade.

3. A *desigualdade entre os homens é natural*; assim, ajustar as oportunidades de vida humana à sua inevitabilidade beneficia todos nós, enquanto adulterar seus preceitos prejudica todos.

4. A *rivalidade* (com os seus dois lados, a eminência do notável e a exclusão/degradação do desprezível) é, simultaneamente, uma condição necessária e suficiente para a justiça social assim como para a reprodução da ordem social. (BAUMAN, 2015, p.40, grifo do autor)

Assim, as crenças elencadas por Bauman (2015) poderiam ser uma síntese do que discorreremos sobre as disposições sociológicas. O olhar somente voltado para as relações monetárias faz com que percamos a capacidade contemplativa e o valor das relações qualitativas. As ideias de capital vão além, elas se estendem para a cultural, o social e o político, por exemplo, como vimos em Bourdieu.

O ato de crer em algo sempre conciliado as mesmas justificações não geram novos conhecimentos e sim culturalismos que fazem com que certas ideias-força perpetuem. Reformulá-las exigiria mudanças no modo de vida. A origem portuguesa do Brasil e a sua construção paternalista são utilizadas em justificações como: “começou errado, não sou eu quem vou mudar” ou “se já fizeram isso antes, porque eu não posso fazer?”, mantendo a estagnação e não gerando mudanças. A desigualdade não ser natural foi posta por Rousseau ainda em meados do século XVIII.

Por fim, ao pensar em capitais podemos pensar em um grande ciclo. O tempo livre pode ser convertido em capital cultural que conseqüentemente pode gerar um trabalho especializado. Este trabalho especializado gera capital econômico, que gera novamente a compra do tempo livre, formando-se assim o ciclo. A pergunta que se faz é: é mais difícil manter este ciclo ou inicia-lo? Daí vem a ideia de rivalidade, que se faz necessária para que estes ciclos não se rompam. Porém, ficam ainda outras indagações: por que existem mais pessoas fora destes ciclos do que dentro dele? Por que todos não podem fazer parte deste ciclo?

Na próxima seção, trataremos das disposições socioeconômicas. Como visto anteriormente, os encaminhamentos lógicos e sistemáticos, sedimentado no rigor metodológico fazem parte da ciência contemporânea. Assim o fizemos nesta seção. Porém, dada uma necessidade de síntese, a próxima seção tem o objetivo de tratar das disposições quantitativas ao discutirmos a desigualdade social, não sendo assim um contraponto a esta primeira seção e sim o olhar sob outra perspectiva.

2.2 DISPOSIÇÕES SOCIOECONÔMICAS

Estratificar, de acordo com o dicionário de Ferreira (2008) é o ato de: “dispor em estratos ou camadas”. Na antiguidade, sociedades como a romana, eram estratificadas em escravos, plebeus e patrícios, por exemplo. Já na idade média a sociedade era estratificada em senhores feudais, clero, guerreiro e servos.

Já na atualidade, a estratificação, em específico a socioeconômica, tem o propósito de atender principalmente aos objetivos dos programas de ações de *marketing* e ao acompanhamento de políticas públicas em organizações públicas. Segundo Kamakura e Mazzon (2013, p.11), estas esferas realizam melhores planejamentos tendo informações de como as famílias usam o dinheiro. Para tanto, variáveis como a composição dos membros da família, região geográfica e o tipo de município (urbano ou rural) são consideradas fundamentais para estes estudos. Assim, segundo os mesmos autores (2013, p.12), não existe uma medida única que consiga estratificar socioeconomicamente todo o Brasil, mas ponderam que as dimensões familiares e geográficas devem ser prioridade em estudos desta natureza.

Segundo Kamakura e Mazzon (2013), o *status* socioeconômico tem sido o principal parâmetro para mensurar a desigualdade, pobreza e acesso a bens e serviços ao longo dos últimos tempos. Este conceito está associado as oportunidades e desafios que os indivíduos têm de enfrentar em seu cotidiano nos mais diversos temas, tais como consumo, alimentação, educação, saúde, habitação, emprego, dentre outros. Para os autores (2013, p.28), “a noção de estrato socioeconômico enfatiza a conquista de *status*, usando educação e renda como causa e efeito do *status* ocupacional”. Assim, classe social, *status* social, estratificação social, *status* socioeconômicos são conceitos que têm sido usados de forma indistinta ao longo das últimas décadas (GALOBARDES et. al *apud* KAMAKURA, MAZZON, 2013, p.53). Mesmo considerando a educação e renda como principais indicadores para a conquista de *status*, a não existência de um critério único de estratificação se dá devido as limitações dos mesmos. Para a educação, é destacado que:

Estratificação educacional nas sociedades modernas ocorre não só no acesso a diferentes níveis de educação, mas cada vez mais no acesso à educação de qualidade em todos os graus. Além disso, a educação formal não considera treinamentos no trabalho e outros investimentos na carreira

que diferenciam indivíduos com níveis de escolaridade formal. (KAMAKURA, MAZZON, 2013, p.28)

Já as limitações em relação a renda são:

Enquanto os rendimentos auferidos a partir de um emprego estável são mais fáceis de lembrar e declarar, a renda produzida pelo trabalho temporário ou nos mercados de trabalho informais carrega maiores erros de informação. Além disso, a renda produzida a partir de capital é mais propensa a ser declarada em menor valor em pesquisas. A renda corrente familiar atual pode ser um indicador fraco do padrão de vida dos aposentados, pois não reflete os recursos financeiros disponíveis. (Ibidem, p.31)

Além da educação e renda, outros indicadores podem auxiliar a construção de um *status* socioeconômico. Componentes de renda transitória e renda permanente, posse de bens duráveis, acesso a serviços públicos e condições de moradia são alguns exemplos. Porém, a Síntese de Indicadores Sociais – SIS (2019) destaca um conjunto de restrições que afetam a população em dimensões não monetárias. Estas dimensões seriam as de bem estar para toda a população, que estão em consonância com o desenvolvimento sustentável através de provisões públicas. Seu objetivo é, “até 2030, reduzir pelo menos à metade a proporção de homens, mulheres e crianças, de todas as idades, que vivem na pobreza, em todas as suas dimensões, de acordo com as definições nacionais” (NAÇÕES UNIDAS apud SIS, 2019, p.71). Assim, são cinco as dimensões consideradas: educação para crianças, adolescentes, analfabetos e pessoas que não possuem ensino fundamental completo; proteção social; moradia adequada com banheiro exclusivo do domicílio e paredes de materiais duráveis; saneamento básico; comunicação com acesso à internet. Deste modo, a renda se faz como um indicador necessário de *status* econômicos, mas não suficiente.

Mas como um pesquisador constrói um *status* socioeconômico? A partir de quais princípios? Kamakura e Mazzon (2013) elencam as quatro principais questões que se destacaram de uma revisão de literatura sobre o assunto. São elas:

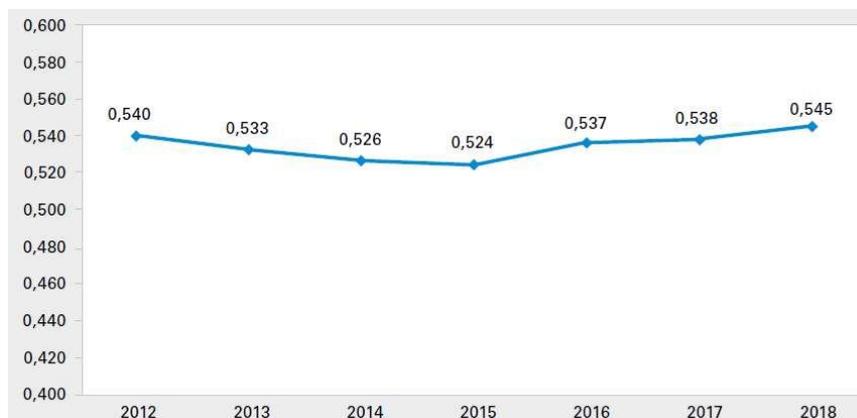
- a) Qual é o objetivo da construção de uma estratificação socioeconômica?
- b) esse construto é unidimensional?
- c) a melhor medida desse construto decorre de indicadores discretos ou contínuos?
- d) como ajustar a medida desse construto a especificidades locais e à dinamicidade de uma sociedade contemporânea? (Ibidem, p.54)

Em relação a primeira questão, o campo da sociologia e antropologia pode centrar seus objetivos em estabelecer, por exemplo, hierarquia social, poder político ou estrutura dominante dos meios de produção. Em contraponto, o objetivo pode estar ligado, por exemplo, à hierarquia que retrata o potencial de consumo. Para a

segunda questão, se o construto for unidimensional, pessoas ou domicílios, por exemplo, estariam todos em um contínuo, desde o extremo superior até um extremo inferior. Caso seja multidimensional, pessoas ou domicílios estariam em classes através de métricas pré-estabelecidas. Já para a terceira questão, ao considerar renda corrente familiar, por exemplo, a métrica contínua poderia tomar um valor de R\$ 1.250,00 de renda familiar e outro três vezes maior, R\$ 3.750,00. Ao tomar valores discretos, a mesma variável, renda corrente familiar, poderia ser representada em intervalos, como por exemplo, renda menores que R\$ 1.000,00, entre R\$ 1.000 e R\$ 1.999,00, entre R\$ 2.000,00 e R\$ 3.999,00, e assim por diante. Desta terceira questão, existem ainda dois pontos a serem analisados. O primeiro seria em relação ao número de categorias que comporá o critério e, segundo, em relação ao intervalo de valores de cada uma das categorias. Para a última questão da construção de um critério de *status*, o ajuste às especificidades locais e a dinâmica de uma sociedade se daria através da escolha de variáveis. Mão de obra doméstica e uso de motocicleta possuem custos e relevâncias diferentes entre cidades do interior e regiões metropolitanas, por exemplo.

Vale ressaltar aqui, que não só o *status* socioeconômico e seus indicadores são parâmetros para mensurar a desigualdade através de rendimentos. O Índice de Gini, criado em 1912 por Corrado Gini (1884-1965), é um dos mais importantes coeficientes de mensuração de desigualdade, que ordena de forma crescente os rendimentos das pessoas e analisa como o rendimento total se distribui entre a população. No Índice de Gini, o valor 0 significa que não há desigualdade na população e o valor 1 representa máxima desigualdade. O gráfico a seguir apresenta o comportamento do Índice de Gini entre os anos de 2012 e 2018 no Brasil.

Figura 1 - Índice de Gini da distribuição de rendimento domiciliar *per capita* - Brasil - 2012 a 2018



Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – 2019

O gráfico mostra que entre os anos de 2012 e 2015 a desigualdade no Brasil era decrescente, enquanto entre os anos de 2016 a 2018 a desigualdade foi crescente, atingindo seu pior resultado no ano de 2018, considerando o intervalo dado.

Para mais detalhes sobre dados em relação ao Brasil que utilizam o Índice de Gini, deixamos indicada a obra de Pochmann (2015), que apresenta, dentre outros gráficos relativos à desigualdade, o Índice de Gini da distribuição dos bens declarados, da propriedade industrial, da propriedade rural, da renda pessoal por região e unidade federativa, das pessoas ativas por setor de ocupação, dentre outros.

Dada as premissas até aqui e a ressalva quanto ao Índice de Gini, iremos apresentar seis critérios de estratificação de renda utilizados por importantes órgãos brasileiros. Os três primeiros critérios estão ligados ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Em seguida apresentaremos o critério utilizado pela Fundação Getúlio Vargas – FGV, pela Secretaria de Assuntos Gerais – SAE e pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. Neste trabalho, nos limitamos a apresentar somente os pontos de corte de cada um dos critérios, deixando em segundo plano os indicadores e variáveis que podem ser utilizados a partir deles.

2.2.1 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde o ano de 1999, divulga anualmente um estudo intitulado Síntese de Indicadores Sociais (SIS), que visa analisar a qualidade e as condições de vida da população brasileira. A periodicidade anual tem por objetivo traçar um quadro sistêmico destas condições e adequar cada publicação às questões do campo social que estão sendo debatidas na atualidade, podendo assim, cada estudo, apresentar a progressiva incorporação ou renovação de indicadores, diversificar as formas de apresentação dos resultados e propor novos temas. A principal fonte de informação para a construção dos indicadores da SIS provém da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). O estudo da SIS divulgado no ano de 2019, retrata a estrutura social brasileira dividida em três capítulos: a estrutura econômica e mercado de trabalho; padrão de vida e distribuição de renda; e educação.

Como nosso objetivo é analisar aspectos socioeconômicos, daremos ênfase ao capítulo dois da SIS (2019)⁸ cujo intuito é apresentar indicadores para medir a desigualdade através da renda, ou seja, os indicadores que são apresentados sob ótica monetária. O primeiro critério de estratificação adotado para a elaboração de indicadores é o *rendimento médio mensal domiciliar per capita*, que “é o resultado da soma do rendimento habitual do trabalho e o efetivo de outras fontes de cada membro do domicílio, dividido pelo número de componentes da unidade domiciliar” (SIS, 2019, p.48). Este critério exclui os indivíduos pensionistas e empregados domésticos do domicílio. Um exemplo de indicador construído através do rendimento *per capita* é o da figura 2 a seguir, que exhibe o histórico entre os anos de 2012 a 2018 da desigualdade de rendimentos mensal domiciliar *per capita* médio do Brasil por cor ou raça. O rendimento mensal domiciliar *per capita* por unidade federativa, por origem de rendimento e por faixas de salário mínimo são alguns exemplos de outros indicadores apresentados na SIS (2019) que utilizam este critério de estratificação.

⁸ Realizamos a análise deste estudo no ano de 2020, onde a versão mais atualizada da SIS disponível à época era a do ano de 2019.

Figura 2 - Rendimento mensal domiciliar per capita médio por cor ou raça - Brasil – 2012 a 2018



Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – 2019

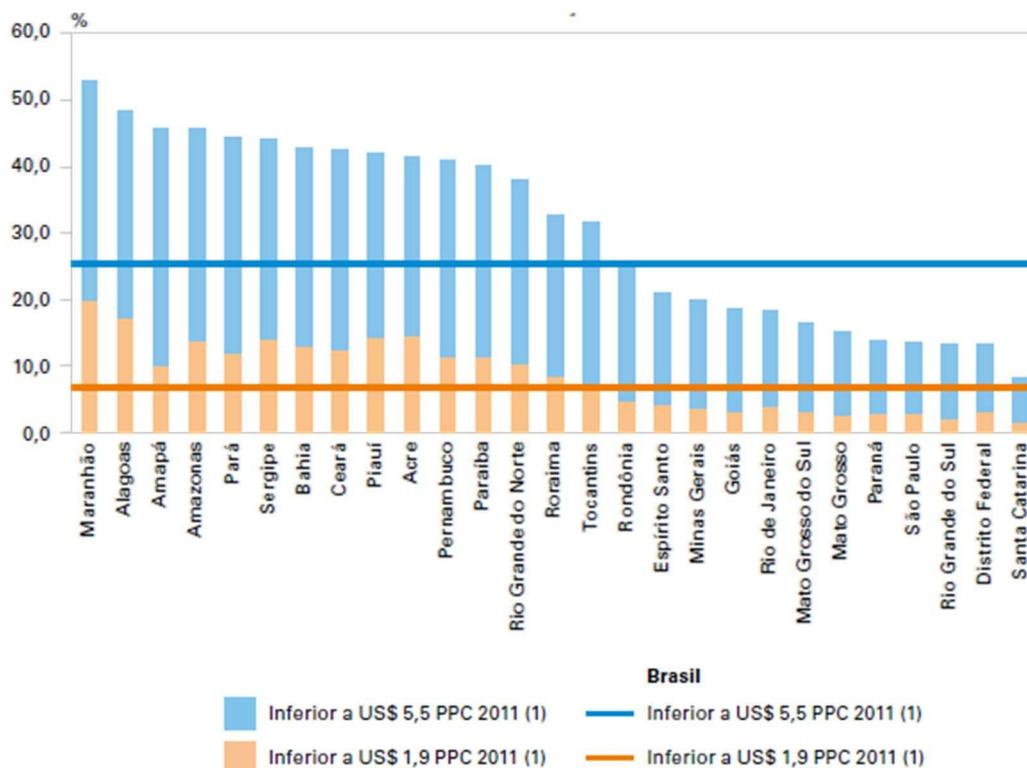
Podemos observar que o maior *rendimento médio mensal domiciliar per capita* tanto para brancos quanto para pretos ou pardos foi no ano de 2018, considerando o intervalo dado.

O segundo critério adotado para elaboração de indicadores monetários na SIS (2019) se trata de um valor absoluto adotado em nível internacional que tem origem em estudos realizados pelo Banco Mundial. A linha de corte que diferencia pobres e não pobres é valorada em US\$ 1,90 diários *per capita* em Paridade de Poder de Compra (PPC). A PPC é

utilizada para comparar o poder de compra entre diferentes países, ou moedas, e é utilizada como alternativa à taxa de câmbio, que em geral varia com mudanças nos índices de preços e mesmo a volatilidade do mercado de capitais e especulação. O fato de conversão de PPC é o número de unidades da moeda de um país necessários para comprar a mesma quantidade de bens e serviços no mercado interno como dólares comprariam nos Estados Unidos. (SIS, 2019, p.57)

Atualmente, o Banco Mundial sugere o valor de US\$ 1,90 PPC para países de baixo rendimento, como é o caso de alguns países da África e países marcados por conflitos recentes como Afeganistão, Haiti e Síria. Já o Brasil, é classificado como um país com nível de desenvolvimento médio-alto, sendo assim adotado o valor absoluto de US\$ 5,50 diários *per capita* em PPC para classificar pessoas na pobreza. Um exemplo de indicador construído através do rendimento *per capita* inferior a US\$ 5,50 diários é o do gráfico 3, que exhibe a proporção de pessoas com rendimentos inferiores a US\$ 1,90 e US\$ 5,50 PPC por unidades federativas no ano de 2018.

Figura 3 - Proporção de pessoas com rendimento domiciliar per capita inferior a US\$ 1,90 e inferior a US\$ 5,50 PPC diários, por unidade federativa do Brasil - 2018



Fonte: Síntese de Indicadores Sociais – 2019

(1) Taxa de conversão da paridade de poder de compra (PPC) para consumo privado, R\$ 1,66 para US\$ 1,00 PPC 2011.

A figura 3 mostra que no estado do Maranhão mais de 50% das pessoas são pobres, vivendo com rendimento domiciliar per capita inferiores a US\$ 5,50, apresentando-se como a unidade federativa brasileira com pior proporção. Já Santa Catarina, é a unidade federativa que apresenta a menor proporção de pessoas pobres, menos de 10% da população possui rendimento domiciliar per capita inferiores a US\$ 5,50.

O terceiro critério utilizado pelo IBGE é através da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF). Este estudo tem por objetivo mensurar as estruturas de consumo, gastos, rendimentos e variação patrimonial das famílias a fim de traçar um perfil das condições da vida da população a partir de seus orçamentos domésticos. Assim como a SIS, a POF (2019) traz diversos resultados através de diferentes indicadores, porém com dados gerados através de normas técnicas própria. Uma das normas estabelecidas se refere a classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar. Para a definição destas classes considerou-se o salário

mínimo no valor de R\$ 954,00, vigente em 15 de janeiro de 2018. Optou-se pela utilização de sete classes, dispostos de acordo com a variação do quadro a seguir:

Quadro 1 - Classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar

Reais mensais (R\$)	Salários mínimos
Até 1 908 (1)	Até 2 (1)
Mais de 1 908 a 2 862	Mais de 2 a 3
Mais de 2 862 a 5 724	Mais de 3 a 6
Mais de 5 724 a 9 540	Mais de 6 a 10
Mais de 9 540 a 14 310	Mais de 10 a 15
Mais de 14 310 a 23 850	Mais de 15 a 25
Mais de 23 850	Mais de 25

Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares - 2019

2.2.2 Fundação Getúlio Vargas – FGV

A Fundação Getúlio Vargas Social (FGV Social) é um centro de pesquisa e estudo da FGV voltado às políticas sociais, que tem por objetivo conectar a pesquisa aplicada ao debate na sociedade. Suas pesquisas têm como fonte as bases de microdados públicos. Assim, em vários estudos, a FGV Social utiliza a PNAD ou a PNAD Contínua, disponibilizada pelo IBGE, como fonte de suas análises.

Assim como a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, a FGV Social também utiliza a *renda domiciliar per capita* como corte para a projeção e elaboração de seus indicadores. A escolha deste instrumento é justificada pela vasta literatura existente e também pela delimitação clara de suas virtudes e restrições. No estudo A Escalada da Desigualdade, divulgado no ano de 2019 pela FGV (Neri, 2019), são apresentados diversos indicadores que utilizam este corte. Além das projeções da evolução do Índice de Gini, semelhante ao gráfico 1, são apresentados também outros indicadores como: crescimento da renda por faixas; evolução do nível da renda média; renda individual do trabalho; dentre outros.

Além de realizar projeções de indicadores, a FGV Social elaborou um critério de estratificação próprio, com o intuito de auxiliar a divulgação de seus dados. Este critério de estratificação, que toma por base a renda domiciliar *per capita*, define primeiramente o que seria a Classe C. Esta classe “está compreendida entre os imediatamente acima dos 50% mais pobres e os 10% mais ricos” (Neri, 2010, p.28). Ou seja, a Classe C é a classe central (40% “centrais” ou “do meio”) deste critério,

que tem as classes A e B acima e as classes D e E abaixo. De acordo com Neri (2010, p.29), “a classe C auferem em média a renda média da sociedade, ou seja, é a classe média no sentido estatístico”. Ainda de acordo com o mesmo autor, a distribuição de renda brasileira é próxima da renda da observada em outros países globalmente.

A tabela abaixo traz as faixas de renda domiciliar e suas respectivas classes de acordo com o critério de estratificação da FGV.

Quadro 2 - Limites de renda domiciliar total de todas as fontes em valores de 2014

CLASSE ECONÔMICA	LIMITE INFERIOR	LIMITE SUPERIOR
Classe E	0	R\$ 1.254
Classe D	R\$ 1.255	R\$ 2.004
Classe C	R\$ 2.005	R\$ 8.640
Classe B	R\$ 8.641	R\$ 11.261
Classe A	R\$ 11.262	-

Fonte: Fundação Getúlio Vargas

2.2.3 Secretaria de Assuntos Gerais - SAE

O critério da Secretaria de Assuntos Gerais (SAE), secretaria criada no ano de 2008, extinta em 2015 e recriada em 2017 com o nome Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos e ligada a Secretaria Geral da Presidência da República tinha por finalidade atender as políticas públicas e delimitando claramente o que seria a classe média brasileira. Para isso, este critério foi criado para ser calcado em informações disponíveis, conceitos e metodologias sólidos e que fosse de fácil compreensão.

O critério da SAE utilizava a renda corrente familiar *per capita* para estabelecer o grau de vulnerabilidade e probabilidade de um domicílio estar em condições de pobreza em algum momento de um intervalo de cinco anos. Este critério de vulnerabilidade considera o valor inferior a R\$ 140,00 domiciliar *per capita* ao mês como linha de pobreza. A partir desta linha e do intervalo de tempo, por meio de um critério de polarização, é estabelecido os pontos de corte inferior e superior para a divisão em classes baixa, média e alta e suas respectivas subdivisões.

Tabela 1 - Tamanho dos estratos segundo o modelo SAE em valores de 2012

Estratos (ordem decrescente)	Denominação	Renda familiar per capita mensal	Tamanho dos estratos SAE (em %)	Tamanho dos estratos POF (em %)	
1	Baixa	Extremamente pobre	Até 81	5	8,4
2		Pobre, mas não extremamente pobre	Entre 81 e 162	10	19,2
3		Vulnerável	Entre 163 e 291	19	17,5
4	Média	Baixa classe média	Entre 292 e 441	17	15,8
5		Média classe média	Entre 442 e 641	17	14,8
6		Alta classe média	Entre 642 e 1.019	15	14,5
7	Alta	Baixa classe alta	Entre 1.020 e 2.480	13	7,3
8		Alta classe alta	Mais de 2.480	4	2,5

Fonte: Kamakura e Mazzon – 2016

É importante ressaltar que a extinção desta secretária em 2015 fez também sucumbir este critério de estratificação assim como seus dados, normas e diretrizes. Porém, no tempo em que esteve disponível, vários estudos e notícias fizeram uso deste critério.

2.2.4 Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP

O Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), ou simplesmente Critério Brasil, é um critério de estratificação desenvolvido pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) e tem por objetivo discriminar grandes grupos de acordo com a capacidade de consumo de produtos e serviços, com finalidade de atender interesses diversos, principalmente de comerciantes.

Com o intuito de ser um critério de fácil operacionalização, o Critério Brasil utiliza um sistema de pontuação padronizado que é obtido através de um questionário de informações objetivas, precisas e de fácil coleta. Esta proposta de questionário visa facilitar o registro do pesquisador, que teria todas as informações em mãos e não necessitaria da ajuda de nenhum software, já que para realizar a classificação de um domicílio basta realizar a soma dos scores das respostas dadas.

As tabelas a seguir, apresentam as pontuações dadas em relação a quantidade de itens de cada uma das variáveis e o ponto de corte para cada uma das sete classes socioeconômicas dadas: A, B1, B2, C1, C2, D e E. Tanto as classes quanto o intervalo de corte são dados de modo arbitrário.

Tabela 2 - Sistema de pontos do Critério Brasil 2019

VARIÁVEIS	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	3	3	5	5
Freezer	0	3	4	6	6
Lava roupa	0	3	4	6	6
DVD	0	3	3	4	6
Micro-ondas	0	3	4	4	4
Motocicleta	0	3	3	3	3
Secadora de roupa	0	3	2	2	2
GRAU DE INSTRUÇÃO DO CHEFE DA FAMÍLIA					
Analfabeto / Fundamental 1 incompleto	0				
Fundamental 1 completo / Fundamental 2 incompleto	1				
Fundamental 2 completo / Médio incompleto	2				
Médio completo / Superior incompleto	4				
Superior completo	7				
SERVIÇOS PÚBLICOS					
	NÃO		SIM		
Água encanada	0		4		
Rua pavimentada	0		2		

Fonte: Critério de Classificação Econômica Brasil – 2019

Dos pontos obtidos de acordo com a tabela anterior, a classificação do domicílio será atribuída de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 3 - Pontos de corte do Critério Brasil

Classe	Pontos
1 – A	45 – 100
2 – B1	38 – 44
3 – B2	29 – 37
4 – C1	23 – 28
5 – C2	17 – 22
6 – D - E	0 – 16

Fonte: Critério de Classificação Econômica Brasil – 2019

Nas observações finais do documento do Critério Brasil, é sugerido a procura de outro critério para pesquisados com renda pessoal mensal acima de R\$ 30.000,00.

Vale ressaltar que todos os critérios apresentados são passíveis de alguma inconsistência. O Critério Brasil, além de considerar somente os dados de renda

declarados, desconsidera a localização das residências bem como a qualidade e durabilidade dos eletrodomésticos. No critério SAE, por levar em consideração somente a renda, análises de acesso a serviços públicos e privados são desconsiderados. Já o critério da FGV e os critério do IBGE tentam compensar estas inconsistências através de indicadores.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, nosso objetivo será apresentar uma revisão de literatura tentando relacionar os campos da Educação Matemática, Educação Financeira Escolar e a desigualdade social no Brasil, com o olhar também voltado para os aspectos socioeconômicos e sociológicos. Para isso, iremos analisar trabalhos científicos e acadêmicos tais como artigos, monografias, dissertações e teses.

Como este trabalho está inserido como subprojeto do NIDEEM, a primeira revisão de literatura realizada foi através das produções de Educação Financeira desenvolvidas dentro deste núcleo de pesquisa. Estas produções têm em comum a proposta de Educação Financeira apresentada por Silva e Powell (2013). Nesta proposta, intitulada “Design e Desenvolvimento de um Programa de Educação Financeira para a formação de Estudantes e Professores da Educação Básica”, os autores traçam inicialmente o perfil de um estudante educado financeiramente para poderem, assim, apresentar a caracterização de Educação Financeira Escolar. Além disso, esta proposta considera que um currículo de Educação Financeira deve levar em consideração as dimensões pessoal, familiar e social. Este currículo deve ser ainda organizado em eixos norteadores, que são: I – Noções básicas de Finanças e Economia; II – Finança pessoal e familiar; III – As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo; IV – As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira. No capítulo seguinte, esta proposta será explorada com mais detalhes.

Seguindo esta linha, contabilizamos 28 trabalhos realizados dentro do NIDEEM, dos quais 25 dissertações já foram defendidas desde o ano de 2012 e outras 3 se encontram em desenvolvimento. No apêndice I, é possível observar um quadro com todas as dissertações defendidas e em andamento organizadas de forma cronológica.

O quadro a seguir, apresenta as produções de Educação Financeira desenvolvidas pelo NIDEEM que seguem a proposta apresentada por Silva e Powell (2013) norteadas pelo eixo IV. O eixo norteador IV visa tratar de temas como consumo e consumismo, produção de lixo e impacto ambiental, salários, classes sociais e desigualdade social, dentro outros. No quadro são apresentados o título das dissertações, o autor e orientador dos trabalhos, se está em andamento ou já foi

concluído e também o nível de ensino para o qual o produto educacional está voltado. Como os trabalhos foram desenvolvidos em um programa de pós-graduação de natureza profissional, além da apresentação da dissertação, é necessário também o desenvolvimento de um produto educacional. Deste modo, destacamos também a natureza de cada um dos produtos educacionais, o NPE, através de uma categorização sugerida pela CAPES⁹, segundo os campos da Plataforma Sucupira.

Quadro 3 - Dissertações desenvolvidas pelo grupo NIDEEM – Eixo Norteador IV

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do ensino fundamental	2019	Dailiane de Fátima Souza Amarildo Melchiades da Silva	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão na sociedade de consumo	2021	Priscila Fontes Juste Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: As dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da Educação Estatística: um estudo de caso com alunos do Ensino Médio	2022	Natasha Cardoso Dias Ronaldo Rocha Bastos	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil	Em andamento	Hugo Lagrimante Ferreira Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 15 nov. 2021.

Como podemos observar no quadro 3, há apenas três trabalhos de dissertação, além do presente trabalho, desenvolvidos no NIDEEM dentro do eixo norteador IV. O quadro indica também um foco recente para o desenvolvimento de trabalhos neste eixo.

O trabalho de Dailiane de Fátima Souza, desenvolvido com alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, tem por objetivo trabalhar a noção de poupança para além do dinheiro. Para tanto, a autora destaca as noções de desperdício, solidariedade, planejamento e aquisição do dinheiro como temas que também foram abordados em

⁹ https://capes.gov.br/images/Criterios_apcn_2019/ensino.pdf

seu produto educacional, fazendo com que seu trabalho se enquadre também no eixo norteador IV, além do eixo I.

O trabalho de Priscila Fontes Juste, focado nas tomadas de decisões na sociedade de consumo, se enquadra no eixo norteador III por abordar os riscos e as armadilhas do consumo. Este trabalho também se enquadra no eixo IV por considerar que nas tomadas de decisões podem estar atrelados aspectos como consumo e consumismo, necessidade e desejo.

Dos trabalhos do eixo norteador IV, o trabalho de Natasha Cardoso Dias é o único que se aproxima do presente trabalho. Mesmo abordando aspectos sociológicos tendo como referencial teórico Pierre Bourdieu, o trabalho de Dias se difere por abordar conceitos de natureza estatística utilizando Análise de Correspondências Múltiplas.

Em uma análise mais abrangente, ou seja, para além das pesquisas realizadas no NIDEEM, nenhuma produção acadêmica foi encontrada relacionando os mesmos campos de pesquisa: Educação Matemática, Educação Financeira Escolar e a desigualdade social no Brasil. Sendo assim, expandimos nossa revisão de literatura tentando relacionar as disposições socioeconômicas com a desigualdade. Desta pesquisa, foram encontrados outros cinco trabalhos de diversas áreas tais como economia, publicidade, estatística, administração e engenharia de produção. Também relacionamos os campos da Educação Financeira e a desigualdade, onde foi encontrado um trabalho desenvolvido nas ciências sociais.

O artigo de Paiva, Silva e Feijó (2013), realizado no campo da estatística, compara os critérios de estratificação da FGV e o Critério Brasil em relação as variáveis demográficas e socioeconômicas e apontam a distinção de resultados quando analisados a distribuição percentual dos estratos, renda total mensal média por estrato e escolaridade do chefe da família, por exemplo.

O artigo de Rosa, Gonçalves e Fernandes (2014), realizado no campo da economia, tem por objetivo apresentar um novo critério de estratificação baseado em padrões de consumo. Para tanto, os autores inicialmente destacaram alguns critérios de estratificação utilizados no Brasil, como por exemplo o Critério Brasil e o critério SAE.

A monografia de Quito (2015), realizada no campo das relações públicas, tem por objetivo comparar métodos de estratificação social e incluir quesitos e fatores

comportamentais qualitativos de modo a considerar os fatores regionais em suas aplicações. Os critérios de estratificação em questão são o Critério Brasil, o critério da SAE e o critério da FGV. O objetivo final deste trabalho é contribuir para as ações de *marketing* e o mercado publicitário.

A monografia de Azeredo (2015), realizada no campo da engenharia de produção, analisa as diversas variáveis utilizadas em censos demográficos e as variáveis mais utilizadas para a construção de critérios de estratificação. Assim, o autor elenca as cinco variáveis mais utilizadas caracterizando-as e justificando sua relevância para criar um novo sistema estratificador através de pontos.

A dissertação de Piedade (2009), realizado no campo da administração, tem por objetivo identificar um critério estratificador que utiliza uma abordagem qualitativa para estratificar socialmente consumidores da cidade de Belo Horizonte. Após uma análise crítica do Critério Brasil e uma investigação para possíveis novas abordagens, a autora se apoia nas concepções de *habitus* cultural, de Pierre Bourdieu, como ponto chave para estratificação através do consumo.

Dos cinco últimos trabalhos citados anteriormente, podemos observar que seus objetivos são ou comparar ou criar critérios de estratificação. Assim, estes trabalhos revelaram a existência de uma pluralidade de critérios de estratificação e suas utilizações. Com isso, a contribuição dos trabalhos supracitados inspirou o tópico 2.2 do presente estudo, intitulado “Disposições Socioeconômicas”. Apesar da inspiração, optamos por realizar nossa própria revisão detalhada dos critérios de estratificação, na busca de investigar o que é e quais são os critérios de estratificação mais relevantes no Brasil.

Outro trabalho encontrado nesta revisão foi a tese de Soares (2017), único dos trabalhos do campo das ciências sociais, que tem por objetivo investigar o processo de financeirização da vida doméstica e compreender o sentido da Educação Financeira em uma sociedade financeirizada marcada pelo aumento da complexidade em decisões financeiras. Para tanto, o autor realiza um estudo sobre as caracterizações de Educação Financeira no Brasil e no mundo, sobre a financeirização da vida doméstica e os impactos da Educação Financeira da população, sobre a financeirização no Brasil e também em relação a desigualdade e a exclusão financeira no Brasil.

Ao tratar da desigualdade da perspectiva da financeirização, Soares (2017, p. 217) destaca três perfis de indivíduos. O primeiro, é o que possui uma postura defensiva, na busca da preservação de patrimônio. O segundo, possui uma postura ativa, onde busca oportunidades e maiores ganhos através do sistema financeiro. Já o terceiro, é o indivíduo vítima da financeirização, pois tem pouco acesso ou nenhum acesso ao sistema financeiro. É a partir deste último perfil que Soares (2017) desenvolve sua análise.

Soares (2017, p.219) destaca Collard e Kempson (2005) para salientar que o termo exclusão financeira, que ganhou força na década de 1990, é uma variante que está diretamente relacionada à pobreza. O contrário, o termo inclusão financeira, seria permitir o acesso justo, possibilitando a satisfação das necessidades cotidianas e esporádicas dos indivíduos.

Outro autor destacado por Soares (2017, p.220) é Bauman (2008), que aponta que a principal virtude em uma sociedade de consumo é o indivíduo ser um consumidor ativo, utilizando talões de cheque e cartões de crédito, pois é isso que se precisa para avaliar o crescimento do PIB. Este apelo, segundo Bauman, só faz sentido para pessoas com contas bancárias no azul e uma carteira cheia de cartões de crédito, pois do contrário, o indivíduo é considerado um consumidor falho. É a partir deste perfil da capacidade de consumo que o novo *status* do cidadão é definido e não mais pela sua capacidade produtiva. Nesse sentido

termos que já foram comuns, como classe trabalhadora, são superados ou tidos como inadequados, mas novos rótulos surgiram. Os mais pobres agora são “não consumidores” e não mais “desempregados” em um mundo em que a tarefa de consumir ganha mais importância do que a tarefa de produzir (SOARES, 2017, p. 222).

Ao se pensar em classes sociais, a mudança que tem ocorrido é em relação ao consumo, pois a lógica e estrutura do desenvolvimento capitalista através da exploração ainda continuam. Soares (2017, p. 226) destaca diversos autores que consideram os níveis de bem-estar, condições de domicílio e oportunidade de vida para os filhos como parâmetro para a maioria das pessoas ainda serem consideradas pobres, mesmo que no Brasil exista uma nova denominação para os novos consumidores, a chamada Nova Classe Média (NCM).

Sob a perspectiva do consumo, uma análise bourdieusiana através do capital cultural também é feita pelo autor (2017, p. 227) para a Nova Classe Média. Por mais que esta classe e até mesmo os ditos pobres estejam ativos no mercado de

consumo, o capital cultural ainda é uma aquisição dos membros das classes mais altas, o que faz do capital cultural um dos principais entraves na mobilidade social. Deste modo, podemos voltar a pensar no ciclo de reprodução de privilégios, já destacado no tópico 2.1 da presente obra intitulado “Disposições Sociológicas”.

Portanto, a abordagem de Soares (2017) trazer é feita sob a perspectiva da exclusão financeira. Mesmo debatendo a Educação Financeira no Brasil e no mundo, seu trabalho não está voltado para a área de educação, assim como os demais trabalhos desenvolvidos fora do NIDEEM, que além de não estarem voltados para a Educação, abordam a desigualdade social apenas através dos critérios de estratificação. Assim, somente o trabalho de Dias, desenvolvimento no NIDEEM, tem por objetivo relacionar os campos da Educação Matemática, Educação Financeira Escolar e a desigualdade social no Brasil.

Desta revisão de literatura, podemos concluir que a desigualdade social no Brasil atrelada aos campos da Educação Matemática e da Educação Financeira Escolar se encontra ainda como um campo inexplorado e, portanto, aberto a realizações de pesquisas. Esta constatação reforça então a relevância de nosso estudo.

4 TOMANDO POSIÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, dividido em três seções, apresentaremos inicialmente nosso posicionamento teórico sobre a concepção de Educação Financeira voltada para a escola, defendida por Silva e Powell (2013). Em seguida, apresentaremos os pressupostos teóricos do Modelo dos Campos Semânticos, modelo epistemológico de Romulo Campos Lins. Por último, apresentaremos nosso problema de pesquisa.

4.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

Para a compreensão da Educação Financeira no Brasil, nos ampararemos no projeto de Educação Financeira Escolar desenvolvido por Silva e Powell (2013) intitulado *Uma Experiência de Design em Educação Matemática: O Projeto Educação Financeira Escolar*. Este projeto, toma como ponto de partida a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que, além de influenciar as propostas brasileiras da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), influenciou as propostas curriculares de programas relacionado ao tema de diversos outros países.

No ano de 2003, o debate sobre o tema Educação Financeira passa a tomar contornos internacionais em virtude do interesse em que os países membros da OCDE (38 atualmente e 34 à época) tinham em discutir o tema. A partir desta influência, a OCDE elabora então um projeto intitulado *Projeto Educação Financeira*, cujo o objetivo era orientar os países membros e não membros quanto as ações a serem tomadas em relação a educação financeira de seus cidadãos.

Em 2005, a primeira fase do projeto da OCDE analisou pesquisas sobre Educação Financeira nos países membros e identificou importantes pontos em relação ao tema a serem considerados pelas gestões públicas destes países. São eles: adaptação dos trabalhadores aos novos sistemas previdenciários e sua dependência a fundos de pensão e economias pessoais; o endividamento no consumo de produtos financeiros, em particular dos jovens; parcela significativa de consumidores não participantes do sistema financeiro; conhecimento e compreensão da complexidade dos produtos financeiros.

Desta primeira fase, um documento intitulado *Recomendações sobre os princípios e boas práticas para a Educação Financeira e consciência* foi gerado no mesmo ano. Este documento recomendava que “a Educação Financeira deve começar na escola. As pessoas devem ser educadas sobre questões financeiras o mais cedo possível em suas vidas” (OCDE, 2005 apud SILVA; POWELL, 2013, p.3). Além disso, trazia também uma caracterização de Educação Financeira, que diz:

Educação Financeira é o processo pelo qual consumidores e investidores aprimoram seu entendimento em relação a conceitos e produtos financeiros, e, alicerçados em informação, instrução e/ou consultoria direta, desenvolvem habilidades e confiança que os torna conscientes das oportunidades e riscos financeiros, para fazer escolhas informadas, mais capazes de obter informação adicional para fazer escolhas, saberem onde buscar ajuda e de assumirem outras ações efetivas a fim de melhorar a sua proteção e o seu bem-estar financeiro. (OECD 2005 apud SILVA; POWELL, 2015, p. 8)

Entretanto, em 2008, a OCDE traz em outro documento, questões e desafios quanto a implementação da Educação Financeira nas escolas. A primeira delas se refere ao desafio de convencer a gestão pública quanto a importância e necessidade de espaço no currículo escolar para a inserção da Educação Financeira. A segunda questão se refere a obrigatoriedade ou eletividade da educação financeira no currículo escolar. Outras questões seriam: a disciplina seria autônoma ou transversal em outras disciplinas? Com qual faixa de idade os alunos deveriam começar a serem educados financeiramente? Como envolver estes alunos?

Mesmo não sendo um país membro da OCDE, o Brasil se apoia em suas diretrizes para a Educação Financeira que, em dezembro de 2010, por meio de decreto oficial, instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. “Com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores” (BRASIL, 2010), a ENEF utiliza, com pequenas adaptações, a mesma definição de Educação Financeira da OCDE. Esta centralização por meio da ENEF “visa a assegurar coerência metodológica entre os programas e ações, evitando o uso da educação financeira como ferramenta de marketing ou para venda disfarçada de produtos e serviços financeiros” (BRASIL/ENEF, 2017, p.20).

Desta premissa, Silva e Powell (2013) entendem que um programa de Educação Financeira não deve se reduzir a finanças pessoais, como é o caso da caracterização proposta pela OCDE. Além disso, a Educação Financeira voltada

para as escolas deve compreender toda a Educação Básica, com foco na própria escola. Desta forma, os autores elaboraram uma proposta de um currículo de Educação Financeira Escolar, com todos os elementos centrais que comporiam este currículo, voltado para estudantes das escolas públicas brasileiras.

Silva e Powell (2013) caracterizam então Educação Financeira Escolar como:

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (SILVA; POWELL, 2013, p. 12)

Para traçar os objetivos desta caracterização, os autores (ibidem 2013, p.12) se questionaram anteriormente “qual deveria ser o perfil idealizado, de um estudante educado financeiramente, ao final da Educação Básica, através do processo de ensino orientado para este fim?”, em uma proposta de caracterização do fim para o início. Deste modo, um estudante é educado financeiramente ou possui um pensamento financeiro quando:

- a) Frente a uma demanda de consumo ou de alguma questão financeira a ser resolvida, o estudante analisa e avalia a situação de maneira fundamentada, orientando sua tomada de decisão valendo-se de conhecimentos de finanças, economia e matemática;
- b) Opera segundo um planejamento financeiro e uma metodologia de gestão financeira para orientar suas ações (de consumo, de investimento, ...) e a tomada de decisões financeiras a curto, médio e longo prazo;
- c) Desenvolveu uma leitura crítica das informações financeiras veiculadas na sociedade. (Ibidem, p. 12)

Vale frisar que, de acordo com a proposta dos autores, a estrutura curricular deve considerar três dimensões:

- i) *pessoal*: que foca as finanças pessoais;
- ii) *familiar*: com ênfase no núcleo familiar. Ao mesmo tempo em que discute as problemáticas financeiras de uma família, também pretende estimular o estudante a participar da vida financeira de sua família, veiculando informações e ajudando na tomada de decisões;
- iii) *social*: o foco estará em temas e questões financeiras presentes na sociedade atual. (Ibidem, p. 13)

Demarcado o que seria Educação Financeira Escolar e um estudante educado financeiramente, Silva e Powell (2013) propõem também eixos norteadores de temáticas a serem discutidos ao longo de toda a Educação Básica. Estes eixos norteadores que comporiam o currículo se dividem em quatro: I – Noções básicas de Finanças e Economia; II – Finança pessoal e familiar; III – As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo; IV – As

dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira.

Dentro dos eixos norteadores propostos por Silva e Powell (2013), a temática de nossa pesquisa se encaixa no eixo IV, que propõe, em específico, debates em relação ao “consumismo e consumo; as relações entre consumismo, produção de lixo e impacto ambiental; salários, classes sociais e desigualdade social; necessidade versus desejo; ética e dinheiro” (Ibidem, p. 14).

4.2 O MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS

Para o quadro teórico desta pesquisa, nos ampararemos no Modelo dos Campos Semânticos (MCS). Criado pelo educador matemático Rômulo Campos Lins, o MCS tem origem no ano de 1992 em sua tese de doutorado intitulada “*A Framework For Understanding What Algebraic Thinking Is*”, porém as primeiras ideias para seu desenvolvimento surgiram entre os anos de 1986 e 1987, como relata o próprio autor em Lins (2012). O MCS trata-se de um modelo epistemológico, pautado nas noções de conhecimento, significado e campo semântico, tendo como amparo autores como Vygotsky, Leontiev, Davydov, Nelson Goodman, dentre outros.

Em seu primeiro artigo publicado após a defesa de sua tese, Lins (1993) ressalta que ao realizar uma pesquisa, os “pesquisadores devem manter sempre explícitas suas *posições epistemológicas*” (LINS, 1993, p.75), de modo que:

tanto as questões sendo investigadas, quanto as hipóteses de trabalho, os métodos de investigação e mesmo os resultados, só podem ser entendidos e avaliados corretamente em relação às posições epistemológicas do pesquisador e do leitor. [...] Posições epistemológicas são elementos essenciais na construção do mundo onde um pesquisador “vive”, e é deste mundo – e não de todos os mundos – que o pesquisador está falando. (LINS, 1993, p.78)

Mas o que se entende por epistemologia? Estaria a epistemologia preocupada apenas com a ciência, ou preocupa-se, de modo geral, com conhecimento? Na tentativa de elucidar esta questão, Lins (1993) propõe a seguinte caracterização para epistemologia:

Epistemologia é a atividade humana que estuda as seguintes questões:

- (i) o que é conhecimento?;
- (ii) como é que conhecimento é produzido?;
- (iii) como é que conhecemos o que conhecemos?

(ibidem, p.77)

Ou seja, responder as perguntas postas anteriormente caracteriza tomar uma posição epistemológica.

Para além desta caracterização, Lins se apoia em pressupostos vygotskyanos ao considerar que leituras de conhecimento não podem ser feitas pela falta. Ou seja, se em Piaget o olhar se dirige para estágios e a passagem entre eles, em Vygotsky os processos cognitivos se transformam, pois “uma vez postos em marcha são causa de sua própria mudança” (LINS, 1999, p.79). Assim, não cabe o certo ou errado e sim a busca em entender o que autoriza o sujeito a dizer o que diz.

Mas o que é conhecimento? Na primeira caracterização dada por Lins (1993, p.86) para a formulação do MCS, *conhecimento* é proposto como um par ordenado onde a primeira coordenada é uma *crença-afirmação* e a segunda coordenada é uma *justificação*. Já em uma segunda caracterização, Lins (1994a) propõe o conhecimento de forma mais abrangente:

conhecimento é uma crença-afirmação junto com uma justificação para a crença-afirmação. Indicamos, desta forma, que conhecimento é algo do domínio da enunciação - e que, portanto, todo conhecimento tem um sujeito - e não do domínio do enunciado; podemos também expressar este fato dizendo que conhecimento é do domínio da fala, e não do texto. (grifo do autor) (LINS, 1994a, p.29)

Lins ainda complementa sua proposição em relação a justificação, pois ao “exigir que cada *conhecimento* tenha uma *justificação*, o MTCS¹⁰ indica que o mesmo *texto*, falado com diferentes *justificações*, constitui diferentes *conhecimento*” (grifo do autor) (Ibidem, p.29).

Além do *conhecimento* ser do domínio da enunciação, Lins é categórico ao afirmar que todo *conhecimento* tem um sujeito. Assim, “ao eliminar a necessidade da enunciação, elimina também o sujeito do conhecimento” (LINS, 1994b, p.37).

Sendo *conhecimento* uma *crença-afirmação* junto com uma *justificação* para a *crença afirmação*, a questão que se põe agora é: as *justificações* não precisariam ser justificadas? Para esta indagação, Lins (1999) responde que não, pois:

localmente as justificações funcionam como verdades absolutas. A partir da noção de estipulação elaborada por Nelson Goodman, eu utilizo a noção de *estipulações locais*, afirmações que localmente não precisam ser justificadas. Por exemplo, se estou produzindo significado para certas equações como equilíbrios de balanças de dois pratos, é uma verdade localmente absoluta que acrescentar pesos iguais aos dois pratos mantém o equilíbrio. É claro que se pode produzir uma justificação para esta afirmação

¹⁰ Durante alguns anos após sua origem, o Modelo dos Campos Semânticos era nomeado como Modelo Teórico dos Campos Semânticos.

com relação à noção de momento, da Física, mas dentro daquela atividade envolvendo as equações isto não é feito. (grifo nosso) (LINS, 1999, p.87)

Logo, um conjunto de *estipulações locais*, num dado momento e dentro de uma atividade, será chamado de *núcleo*.

A partir dos pressupostos traçados até aqui, podemos agora falar em *campo semântico*. Um *campo semântico* é “um processo de produção de significado, em relação a um núcleo, no interior de uma atividade” (LINS, 2012, p.17). Ou ainda, “do ponto de vista da teorização, “campo semântico” serve para articular “produção de conhecimento”, “significado”, “produção de significado” e “objeto”” (ibidem, p.18). Para tanto, Lins recorre a álgebra para exemplificar tal proposição:

Imagine que há pessoas falando sobre equações como $3x+10=100$, e que elas falam de tirar ou juntar dos dois lados, de repartir em 3, etc. Elas parecem estar operando em *um* campo semântico que tem em seu núcleo, neste momento, balanças de dois pratos (suas imagens, suas propriedades, diagramas, ...). (LINS, 2012, p.17)

Como ressalta Lins (2012), a referência ao processo ser realizado no interior de uma atividade, evita “o caso em que se esteja falando de futebol e de equações “ao mesmo tempo” e terminemos fazendo referência a um campo semântico no qual pareça que se está produzindo significado para gol em relação a uma balança de dois pratos” (ibidem, p.18).

Na caracterização de *campo semântico*, é feita referência a *significado* e *objeto*. Para o MCS, “significado de um objeto é aquilo que efetivamente se diz a respeito de um objeto, no interior de uma atividade. Objeto é aquilo para que se produz significado” (grifo do autor) (ibidem, p.28). Ou seja, produzir significado é produzir ações enunciativas a respeito de um objeto no interior de uma atividade.

A produção de ações enunciativas é realizada em alguma direção, esta direção é chamada de *interlocutor*. O *interlocutor* não é um ser biológico, e sim cognitivo. Deste modo, para Lins, “o interlocutor é uma *direção* na qual se fala. Quando falo na direção de um interlocutor é porque acredito que este interlocutor diria o que estou dizendo e aceitaria/adotaria a justificção que me autoriza a dizer o que estou dizendo” (ibidem p.19).

As ações enunciativas na direção de um interlocutor fazem parte de um processo comunicativo. Neste processo são considerados três noções: texto, autor e leitor. “Quando o autor fala, ele sempre fala para alguém, mas por mais que o autor esteja diante de uma plateia este alguém não corresponde a indivíduos nesta

plateia, e sim a um leitor que o autor constitui: é para este "um leitor" que "o autor" fala" (LINS, 1999, p.81).



Neste processo em relação ao autor, o pontilhado indica que a "transmissão" deve ser dirigida a alguém, o *interlocutor*, que é um ser cognitivo.

O processo em relação ao leitor é semelhante. "O leitor constitui sempre um autor, e é em *relação ao* que este "um autor" *diria* que o leitor produz significado para o texto (que assim se transforma em texto)" (Ibidem, p.82).



Da mesma forma, o pontilhado indica o autor como ser cognitivo. "Vale a pena enfatizar que é apenas na medida em que o leitor *fala*, isto é, *produz significado para* o texto, colocando-se na posição de autor, que ele se constitui como leitor" (Ibidem, p.82).

Portanto, o compartilhamento e convergência de *interlocutores*, do autor com o leitor e do leitor com o autor, constitui um espaço comunicativo.

Por fim, vale ressaltar ainda que o juízo de valor não cabe no MCS. Lins ressaltava que:

Se eu quisesse falar de verdadeiro só poderia me referir, em primeiro lugar, a conhecimento, mas a própria enunciação que o faz existir garante que ele é verdadeiro para alguém e, uma vez que o ser cognitivo não se identifica ao biológico, ele não é nunca verdadeiro para um indivíduo isolado. O que se dá é um rompimento com as noções absolutas de verdade - sempre problemáticas -, ao mesmo tempo que não se concede um relativismo absoluto - também igualmente problemático. (LINS, 1999, p.89)

É deste quadro teórico, MCS, que pretendemos realizar a leitura das falas dos sujeitos de pesquisa em nossas análises.

4.3 O PROBLEMA DE PESQUISA

Como exposto anteriormente, esta pesquisa é parte de um projeto de pesquisa maior intitulado "Design e Desenvolvimento de um Programa de Educação Financeira para a formação de Estudantes e Professores da Educação Básica".

Nossa problemática tem como referência todo o exposto até aqui, como a discussão da desigualdade social no Brasil através das disposições

socioeconômicas e sociológicas, a concepção de Educação Financeira Escolar e o MCS.

Assim, o problema que se instala é o de investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre a relação entre a desigualdade social e condição financeira da sociedade brasileira, referenciadas teoricamente, com o objetivo de estimular a produção de significados de estudantes do Ensino Médio em Educação Financeira Escolar.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo é dividido em três seções; na primeira, apresentaremos a metodologia de pesquisa utilizada em nosso processo de investigação; na segunda seção, apresentaremos o que consideramos por tarefa; na terceira apresentaremos um conjunto de sete tarefas que foram desenvolvidos e utilizados em nosso processo investigativo junto aos seus respectivos objetivos específicos.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa de investigação. Segundo Bogdan e Biklen (2013), a pesquisa qualitativa se destaca por cinco características:

I) Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. II) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. III) Os investigadores interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. IV) Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente. V) O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. (BOGDAN e BIKLEN, 2013, p. 47-51).

A abordagem qualitativa visa analisar os dados de forma minuciosa, considerando os detalhes que circundam o meio da pesquisa, na tentativa de não deixar escapar gestos, piadas e conversas, por exemplo, pois considera que nada é trivial, “tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN e BIKLEN, 2013, p. 49).

Realizamos nossa pesquisa de campo em uma escola da rede particular da cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Devido a pandemia viral da Covid-19 eclodida no ano de 2020 e as medidas de distanciamento social necessárias como meio de prevenção ao vírus, a sala de aula tomou novas formas, passando a utilizar o meio virtual para a interação entre alunos e professores. Comumente passou-se a utilizar o modo síncrono de aulas, onde professores e

alunos interagem virtualmente ao vivo por meio de som, imagem e mensagens. Este foi um dos meios utilizados nesta escola em que realizamos a pesquisa.

Os participantes da pesquisa foram estudantes do 1º ano do Ensino Médio, cujos pseudônimos são Alana, Olívia, P.H. e Ítalo com idades de 14, 15, 15 e 15 anos respectivamente. A escolha dos participantes da pesquisa foi realizada pela professora de Matemática que ministra as aulas de Educação Financeira para a turma de 1º ano desta escola. A escolha foi baseada na participação e interação dos estudantes nas aulas de Educação Financeira que ocorriam na modalidade de ensino virtual síncrono. Assim, foram escolhidos os estudantes mais participativos nestas aulas, não levando em consideração qualquer outro desempenho, como o por notas por exemplo.

Foram realizados com os estudantes dois encontros, cada um com duração aproximada de 2 hora e 30 minutos. Devido a pandemia da Covid-19, optamos por realizar encontros virtuais de modo a respeitar os protocolos de distanciamento. Os encontros foram realizados e gravados através do serviço de comunicação por vídeo e áudio *Google Meet*¹¹, disponibilizado de forma gratuita pela plataforma *Google*. As transcrições completas das falas dos participantes da pesquisa estão disponíveis nos apêndices 3 e 4. Ainda assim foi necessário o fechamento da tarefa 7 após o término do segundo encontro, o que foi feito através do aplicativo de conversa por mensagem *WhatsApp*, cujas transcrições estão disponíveis nos apêndices 5 e 6.

Os instrumentos utilizados na coleta dos dados foram as gravações em vídeo e áudio via *Google Meet* e também as anotações realizadas pelos estudantes em cada uma das tarefas. Estas anotações foram realizadas antes do debate de cada uma das tarefas, de modo que o debate não influenciasse na resposta pessoal de cada sujeito. Os instrumentos de coleta destas anotações foram desenvolvidos no ambiente *Google Forms*¹², aplicativo gratuito também disponibilizado pela plataforma *Google* que permite a construção de formulários e pesquisa de opinião, dentre outros, e estão disponíveis de forma integral no apêndice 7.

A comunicação através do *Google Meet* se dá de forma virtual. Para esta comunicação é necessário que um moderador gere o *link* da reunião. Este *link* deve ser compartilhado através de outros meios de comunicação (e-mail, *WhatsApp*, etc.)

¹¹ <https://meet.google.com/>

¹² <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

para que os demais participantes acessem a reunião. Primeiramente o moderador acessa o *link*, se tornando também um participante da reunião, e em seguida pode aceitar ou recusar o ingresso dos demais participantes nesta reunião. A interação dos participantes pode ser feita através de vídeo, áudio ou *Chat* de mensagens escritas. Os controles de ativação ou desativação da participação por vídeo são exclusivos e individuais a cada participante. No controle de áudio, a ativação também é exclusiva e individual de cada participante sendo que sua desativação pode ser realizada pelo moderador. Já o *Chat* é de livre participação, onde o moderador tem o controle desativá-lo para todos os participantes ou não.

Segundo Bogdan e Biklen (2013, p. 150), “o resultado bem sucedido de um estudo de observação participante em particular, mas também de outras formas de investigação qualitativa, baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas”. Os autores consideram que as gravações realizadas durante o processo são consideradas um suplemento às anotações, pois “o gravador não capta a visão, os cheiros as impressões e os comentários extra” (BOGDAN e BIKLEN, 2013, p. 150). Apesar de concordarmos com os autores, destacamos que devido a circunstância de pandemia, o próprio campo de pesquisa passou a utilizar meios virtuais de vídeo e áudio como sendo o principal meio de interação, o que pode dificultar a abrangência do olhar do pesquisador quanto a visões, cheiros, impressões e comentários dos sujeitos de pesquisa.

Para a realização da pesquisa, seguimos os protocolos de ética, onde segundo Bogdan e Biklen (2013) “ao negociar a autorização para efetuar um estudo, o investigador deve ser claro e explícito com todos os intervenientes relativamente aos termos do acordo e deve respeitá-lo até à conclusão do estudo” (BOGDAN e BIKLEN, 2013, p. 77). Assim, fizemos tanto em relação a escola, entrando em contato com a direção e enviando-lhes uma carta de apresentação, disponível no apêndice 7, quanto com os sujeitos da pesquisa, solicitando a autorização pelos responsáveis através de um termo de compromisso ético que está disponível no apêndice 2.

Na próxima sessão será apresentado o que entendemos pela caracterização de uma tarefa.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DE TAREFAS

O entendimento de tarefa que utilizaremos na presente pesquisa será pautada nas características já apontadas em trabalhos anteriores do NIDEEM, mais especificamente nos trabalhos de Loth (2011) e de Campos (2012). Estes trabalhos apontam dois importantes preceitos para a caracterização de uma tarefa. O primeiro é que uma tarefa deve ampliar as possibilidades de produção de significado dos alunos. O segundo é permitir “ao professor e pesquisador identificar na fala dos alunos sua maneira de operar e a lógica de suas operações” (CAMPOS, 2012, p.75). Para tanto, as tarefas ainda devem ser familiares e não usuais. Silva (2003) esclarece este último fato:

Familiar, no sentido de permitir que as pessoas falem a partir daquele texto e, não-usual, no sentido de que a pessoa tenha que desprender um certo esforço cognitivo na direção de resolvê-lo. O fato de a tarefa ser não-usual tem como objetivo nos permitir – enquanto professores ou pesquisadores – observar até onde a pessoa pode ir falando. Além disso, será nosso caminho para investigar a dinâmica do processo de produção de significados dos sujeitos de pesquisa. É importante ressaltar que a crença de que uma tarefa seja familiar e não-usual está presente apenas nas expectativas do pesquisador através do entendimento dos sujeitos envolvidos e do contexto onde o problema será aplicado, pois, não há nada que garanta tal crença. (SILVA, 2003, p.41)

A partir desta caracterização inicial, segundo Campos (2012), devemos atentar para os seguintes objetivos na elaboração de uma tarefa:

- estimular a produção de significados dos alunos;
- ampliar os significados que podem ser produzidos, permitir diferentes estratégias de resolução e possibilitar que elas se tornem objeto de atenção de todos;
- possibilitar que vários elementos do pensar matematicamente estejam em discussão, como a análise da razoabilidade dos resultados, estimativas, tomada de decisão, a busca de padrões nas resoluções, desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas;
- apresentar situações abertas que propiciem vários caminhos de resolução. (CAMPOS, 2012, p.76)

Loth (2011) complementa: “as tarefas devem exigir dos alunos a leitura de textos, em oposição a enunciados curtos como, por exemplo, simplesmente “resolva as operações”” (LOTH, 2011, p.78). Além disso, poderíamos também acrescentar que o conjunto de tarefas deve conter uma tarefa inicial ou disparadora, que introduza o estudante ao tema que está sendo abordado e comece a estimular o pensamento e a fala.

Esta caracterização de tarefa nos permite realizar melhor leitura das produções de significados dos estudantes, o que vai ao encontro do nosso referencial teórico, o Modelo dos Campos Semânticos. Segundo Silva (2003), da perspectiva do MCS, o processo de desencadeamento de produção de significados para o resíduo de enunciação envolve elementos chamados de noções categorias. Silva (2003) elenca os seguintes elementos:

- i) A constituição de objetos – coisas sobre as quais sabemos dizer algo e dizemos – que nos permite observar tanto os novos objetos que estão sendo constituídos quanto os significados produzidos para esses objetos;
- ii) A formação de um núcleo: as estipulações locais, as operações e sua lógica;
- iii) A produção de conhecimento;
- iv) Os interlocutores;
- v) As legitimidades, isto é, o que é legítimo ou não dizer no interior de uma atividade. (SILVA, 2003, p.41)

Silva (2003) complementa sobre o uso das noções categorias:

Vale ressaltar que, quando apresentamos esta lista de elementos – que usualmente chamamos de noções- categorias – em uma determinada ordem, não estamos querendo dizer que há uma sequência de procedimentos, uma ordem de leitura, mas queremos dizer que é para o conjunto dessas coisas que estaremos considerando quando estivermos fazendo nossa leitura. (SILVA, 2003, p.41)

É válido ressaltar novamente que o nosso trabalho está sendo desenvolvido para salas de aula de Matemática. Assim, consideramos que os objetivos traçados anteriormente para a elaboração de tarefas também se enquadram para desenvolver o tema da Desigualdade Social no Brasil.

Portanto, é com base nesta caracterização que elaboramos o conjunto de tarefas a seguir.

5.3 O CONJUNTO DE TAREFAS

Este conjunto de tarefas tem como objetivo principal estimular a produção de significados de estudantes do Ensino Médio sobre a Educação Financeira e a desigualdade social no Brasil através das relações entre os aspectos sociológicos e os aspectos socioeconômicos, na sala de aula de Matemática.

A seguir, apresentaremos o conjunto composto por sete tarefas que foram aplicados na pesquisa sendo antecedida por seus respectivos objetivos específicos.

Tarefa 1 – Início da conversa

Objetivo: o objetivo desta tarefa é, de fato, iniciar a conversa sobre a relação entre a desigualdade social e condição financeira da sociedade brasileira. Antes de qualquer apresentação, os questionamentos tem o propósito de estimular os estudantes a começar a pensar sobre a condição social tanto do seu entorno mais próximo, como da sua família, bairro ou comunidade, quanto de um modo mais global em relação a sociedade em que vive.

Caro(a) estudante,

a proposta de discussão deste tema é o de desenvolver uma reflexão importante de como podemos mudar a condição social e econômica a partir da compreensão da nossa situação atual e do que os estudiosos no assunto já sabem, para com isso podermos ter ações claras e efetivas de mudança de nossa própria condição, de nossos familiares e da comunidade em que vivemos. Mas, para isso, precisamos entender e aprender algumas coisas.

Tarefa 1: Início da conversa

Como você responderia às seguintes questões:

- (a) Você gostaria de mudar a sua condição financeira e social atual? Por quê?
- (b) Quais são os caminhos possíveis que você vê para que uma pessoa possa, caso ela queira, mudar sua condição financeira?
- (c) Você acha que é justa e igualitária a distribuição de renda e riqueza na população brasileira?

Tarefa 2 – Texto sobre as Nações Unidas

Objetivo: o objetivo desta tarefa é inserir alguns pontos de destaque para um conjunto de restrições que afetam a população em dimensões não monetárias. Estes pontos podem ser voltados para uma perspectiva tanto individual quanto social. Além da apresentação do texto, o estudante terá que se posicionar em relação a uma lista de prioridades de um conjunto de itens indicado, itens estes que não estão ligados diretamente as dimensões monetárias individuais.

Tarefa 2: Nações Unidas

Leia o texto e responda as questões.

Existem muitas entidades pelo mundo que buscam identificar problemas que afetam o bem-estar social das populações dos diferentes países e estudam a desigualdade social no mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) é uma dessas entidades que, além de trabalhar na manutenção da paz internacional, busca proteger os direitos humanos e estabelecer metas e ações para o enfrentamento de questões que não dependa dos rendimentos monetários dos cidadãos, tais como a erradicação da pobreza, educação de qualidade, saúde e bem-estar, proteção do meio ambiente, igualdade de gênero, dentre outros.

Questão 1: Olhando para o entorno (bairro, comunidade) em que você vive, pontue o nível de prioridade sobre os temas que o poder público da sua cidade deveria atuar para diminuir a desigualdade social e aumentar a qualidade de vida das pessoas, numerando a primeira coluna de acordo com a segunda coluna, utilizando cada uma das opções somente uma vez.

<input type="checkbox"/> Educação para crianças, jovens e analfabetos	(0) não é necessário
<input type="checkbox"/> Segurança pública confiável e justa	(1) pouco necessário
<input type="checkbox"/> Moradia digna	(2) necessário
<input type="checkbox"/> Comunicação com acesso à internet	(3) urgente
<input type="checkbox"/> Serviços de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo)	(4) imediatamente

Caso necessário, faça um comentário sobre a numeração anterior:

Questão 2: Qualidade de vida está associada a ter muito dinheiro?

Tarefa 3 – Aprendendo coisas novas, ampliando a visão

Objetivo: esta tarefa apresenta um texto que insere as ideias dos conceitos de capital e *habitus*, conceitos estes que podem afetar diretamente toda a estrutura e perspectiva social de sujeitos, famílias ou classes.

Tarefa 3: Aprendendo coisas novas, ampliando a visão

Leia o texto e responda à questão.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu é um pensador central para que possamos entender as ideias e as questões sociais contemporâneas. Ele estabelece diálogos entre literatura e ciência política, história e arte, economia e linguística, análise do discurso e estatística. Assim, se buscamos por mudanças para nós e para os que estão em nosso entorno, Bourdieu é um dos estudiosos que precisamos analisar.

A primeira ideia que Bourdieu nos traz é a de que classes sociais são grupos práticos constituídos por pessoas: famílias, associações (de moradores, por exemplo), movimentos sociais e movimentos políticos.

Outros dois conceitos que ele propõe e que são importantes pensar com eles são: o de capital e o de *habitus*.

Bourdieu destaca dois tipos de capitais que seriam estruturantes na sociedade contemporânea: o capital econômico e o capital cultural. Além destes dois, há também o capital social, o capital político e o capital simbólico.

O *capital econômico* de uma pessoa é o conjunto de recursos que ela (ou sua família) possui englobando tanto patrimônio material (terras, fábricas, automóveis, equipamentos, trabalho) como patrimônio em seu sentido financeiro, na forma de salários, renda, poupanças e investimentos em bolsas e aplicações.

O *capital cultural* de uma pessoa constitui dos recursos correspondentes ao conjunto de qualificações intelectuais que foram adquiridas por ela no sistema escolar e transmitido pela família. Logo, o *capital cultural* pode ser compreendido através do nível de instrução, que são os reconhecimentos através de diplomas e certificados que ela possui. Podem ser compreendidos também através da incorporação e socialização de valores transmitidos pela família ou escola, que vão refletir nas posturas corporais, na fala em público, preferência estética etc. E, por fim, compreendidos através do gosto em apreciar e possuir livros, obras de arte, galerias de arte (quadros, pinturas, esculturas etc.).

O outro conceito de Bourdieu é o de *habitus*. Para entendermos, precisamos lembrar que vivemos em sociedade e por este motivo estamos envolvidos em crenças, leis, regras, valores culturais e valores econômicos, todos com ações e práticas diferentes. E, portanto, incorporamos toda essa gama de coisas.

As regras e estruturas destes lugares são incorporadas no corpo e na mente dos indivíduos de uma sociedade. As percepções e ações do indivíduo, ou *habitus*, são produzidos e gerados na história e são adquiridos com o passar do tempo, ou seja, não é inalterável. Desta forma, o *habitus* é o conceito mediador entre ações e estrutura, indivíduo

e sociedade, subjetividade e objetividade. Assim, *habitus* é um processo dinâmico que compreende o princípio gerador das práticas e o princípio inventivo, que é produzido e gestado na história. Neste sentido, o *habitus* se diferencia tanto entre as pessoas quanto entre as classes.

A análise do *habitus* permite entender o porquê que as pessoas praticam alguns esportes e não outros, porque se vestem de um jeito e não de outro; porque se alimentam de determinada maneira e não de outra.

Questão 1: Como podemos utilizar os elementos de *capital* e de *habitus* a nosso favor para mudar nossa condição financeira e social no futuro?

Questão 2: Como e quais meios digitais estão atrelados a aquisição de capital cultural?

Tarefa 4 – Os Capitais e o tempo.

Objetivo: esta tarefa apresenta um texto que insere a ideia de tempo livre. Todo o ciclo de capital cultural e *habitus* que resulta em capital econômico estão também sob influência do fator tempo. O fator tempo pode prefigurar e predeterminar todas as chances que um indivíduo terá na vida em diversas dimensões.

Tarefa 4: Os Capitais e o tempo

Leia o texto e responda as questões.

Você pode achar estranho, mas logo vai entender que um dos fatores atrelados ao acesso a esses tipos de capitais (cultural e econômico) e seus arranjos é o fator tempo. Sem o tempo, pois se uma pessoa tem que trabalhar o dia todo, ela terá mais dificuldades, por exemplo, de estudar para assim obter diplomas, de visitar museus, de ler um livro. Coisas que em seu conjunto constituiriam o seu capital cultural.

Famílias que possuem boa condição financeira e que possuem capital econômico, os estudos de seus filhos deixam de ser secundários e são vistos como atividade primária.

A classe média, por exemplo, sendo aquela que está abaixo da elite, mas que possui algum capital econômico, é privilegiada por poder comprar tempo livre de seus filhos para que eles se dediquem somente aos estudos. Não precisando conciliar trabalho e estudo, o tempo livre pode refletir em estudos ainda mais sofisticados como o literário, a língua estrangeira ou até mesmo o técnico. Incentivos e estímulos familiares desde muito cedo,

refletem na capacidade de concentração nos estudos fazendo a formação escolar assumir perspectivas longitudinais, inculcando assim pensamentos prospectivos (de longo prazo) de diferentes instâncias.

O contrário acontece na família dos excluídos, “a criança percebe que a escola pouco fez para mudar o destino de seus pais, por que iria ajudar a mudar o seu?” (SOUZA, 2019, p.103)

Outro fator atrelado aos capitais econômico e cultural é o trabalho. A conversão do capital cultural em trabalho especializado tende a implicar em uma trajetória profissional contínua, o que desenvolve a noção de carreira ou vocação. O efeito será a ocupação de trabalhos com remunerações maiores, ou seja, o trabalho especializado, trabalhos estes que são consequência do capital cultural e que geram assim maior capital econômico.

Questão 1: Como você entende a ideia do tempo livre?

Questão 2: Elenque 3 profissões que exigem alto volume de capital cultural e outras 3 que exigem pouco capital cultural. O que você pode falar sobre a remuneração destas profissões?

Tarefa 5 – Análise de perfis

Objetivo: esta tarefa tem por objetivo analisar a tomada de decisão de três diferentes perfis de adolescentes. Os perfis destacam principalmente o meio familiar que os adolescentes estão inseridos e a tomada de decisão em relação ao capital cultural de cada um deles. Em cada um dos perfis, existem elementos que fazem referência ao *habitus*, capital cultural e capital econômico, que são conceitos que estão interlaçados e foram destacados nas tarefas anteriores.

Tarefa 5: Análise de perfis

Leia os textos e responda as questões.

Perfil 1

Lucas é um adolescente que mora com os pais e sua irmã mais nova Laura. Seu pai é professor e sua mãe é médica. Para auxiliá-los nas tarefas domésticas, eles contam diariamente com uma ajudante e pagam a ela um salário mínimo. Além dos afazeres da casa, a ajudante cuida também de Laura. O jovem Lucas, um ano atrás, resolveu abandonar o curso de inglês para se dedicar somente a prática do vôlei no contraturno da escola. Porém, ao voltar de uma viagem de férias feita para o exterior, ele constatou que a língua

inglesa é muito importante para se comunicar bem em outros países. Assim, Lucas pediu aos seus pais para que voltassem a pagar o curso de inglês para ele. Este pedido foi prontamente atendido pelos pais.

Perfil 2

Gabriela é uma adolescente que mora de aluguel com sua irmã mais nova, com sua mãe que trabalha como diarista e com sua avó aposentada, que também faz quitutes para a mãe de Gabriela vender nos lugares em que trabalha. Sua família permite que Gabriela não trabalhe para se dedicar somente aos estudos. Ela criou um grupo de xadrez com seus colegas e frequentemente incentiva a escola a programar excursões para visitar espaços culturais (museus, teatro, galerias etc.). Ela aprimora seus conhecimentos de língua estrangeira escutando músicas e fazendo cursos na internet, através do *Duolingo* e do YouTube. Ela aprendeu na escola que estas ações são importantes para o crescimento intelectual e vive planejando seu futuro.

Perfil 3

André tem 17 anos e está cursando o terceiro ano do ensino médio. Seus pais possuem um restaurante de comida self-service que fica aberto todos os dias da semana. Em alguns finais de semana, André trabalha no restaurante da família de forma remunerada para suprir seus gastos pessoais. Ele gosta de andar sempre com roupas da moda, dando preferência pelas de marca e gosta de sempre ter o celular de última geração. Faltando 4 meses para concluir o ensino médio, ele aceitou uma proposta de emprego de tempo integral para trabalhar como ajudante de depósito de uma loja de roupas, onde ganha desconto na compra dos produtos por ser funcionário da loja.

Questão 1: Como você analisa cada um dos perfis apresentados acima em relação as atitudes e ações que fazem em suas vidas e na consequência de seus atos para a mudança de sua condição financeira e social?

Questão 2: As noções da capital econômico, cultural e *habitus* discutidas anteriormente te ajudam a analisar estes perfis? Como?

Tarefa 6 – Critérios de Estratificação

Objetivo: apresentar a ideia sobre o que é um critério de estratificação, suas utilidades e aplicações. Para melhor exemplificação são apresentados dois critérios que exploram dimensões pessoais e familiares e um índice que estratifica países, onde em todos eles trazemos pelo menos uma questão para melhor exploração. O objetivo com as questões é levar os estudantes a comparar intuitivamente os critérios e analisar suas possíveis inconsistências.

Tarefa 6: Critérios de Estratificação

Leia os textos e responda as questões.

O termo *estratificar* significa o ato de dispor em estratos ou camadas. Por exemplo, na antiguidade, sociedades como a romana, eram estratificadas em escravos, plebeus e patrícios. Já na idade média a sociedade era estratificada em senhores feudais, clero, guerreiro e servos. E, na atualidade, a estratificação, em específico a socioeconômica, tem o propósito de atender principalmente aos objetivos dos programas de ações de marketing e ao acompanhamento de políticas públicas em organizações públicas. Estas esferas realizam melhores planejamentos tendo informações de como as famílias usam o dinheiro. Para tanto, variáveis como a composição dos membros da família, região geográfica e o tipo de município (urbano ou rural) são consideradas fundamentais para estes estudos.

Veja a seguir alguns critérios de estratificação.

Tarefa 6A - Critério Brasil

Critério de estratificação que utiliza um sistema de pontuação que é obtido através de um questionário de variáveis.

VARIÁVEIS	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	3	3	5	5
Freezer	0	3	4	6	6
Lava roupa	0	3	4	6	6
DVD	0	3	3	4	6
Micro-ondas	0	3	4	4	4
Motocicleta	0	3	3	3	3
Secadora de roupa	0	3	2	2	2
GRAU DE INSTRUÇÃO DO CHEFE DA FAMÍLIA					
Analfabeto / Fundamental 1 incompleto					0
Fundamental 1 completo / Fundamental 2 incompleto					1
Fundamental 2 completo / Médio incompleto					2
Médio completo / Superior incompleto					4
Superior completo					7
SERVIÇOS PÚBLICOS					
			NÃO	SIM	
Água encanada		0		4	
Rua pavimentada		0		2	

Classe	Pontos
1 – A	45 – 100
2 – B1	38 – 44
3 – B2	29 – 37
4 – C1	23 – 28
5 – C2	17 – 22
6 – D - E	0 – 16

Questão 1: Pense numa família que você conhece, sem mencionar qual é, preencha o questionário de variáveis do Critério Brasil. Em qual classe ela se encontra de acordo com o Critério Brasil?

VARIÁVEIS	PONTOS
Banheiros	
Empregados domésticos	
Automóveis	
Microcomputador	
Lava louça	
Geladeira	
Freezer	
Lava roupa	
DVD	
Micro-ondas	
Motocicleta	
Secadora de roupa	
Grau de instrução do chefe da família	
Água encanada	
Rua pavimentada	
Total de Pontos	
Classe	

Tarefa 6B - Critério Fundação Getúlio Vargas - FGV

O critério de estratificação da Fundação Getúlio Vargas traz as faixas de renda domiciliar e suas respectivas classes.

CLASSE ECONÔMICA	LIMITE INFERIOR	LIMITE SUPERIOR
Classe E	0	R\$ 1.254
Classe D	R\$ 1.255	R\$ 2.004
Classe C	R\$ 2.005	R\$ 8.640
Classe B	R\$ 8.641	R\$ 11.261
Classe A	R\$ 11.262	-

Em valores de 2014.

Questão 2: Considere o critério da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em que as famílias são classificadas segundo seus limites de renda. O que você pode dizer desse critério? Que informações você entende que ele apresenta? E o que ele não informa de importante?

Tarefa 6C - Índice de Felicidade

Como explicar a diferença de felicidade em mais de 150 países visto que o resultado depende somente da avaliação das pessoas de diferentes histórias, culturas, etnias e nacionalidades? O que interfere na percepção delas? Dinheiro? Escolaridade? Empregabilidade? Saúde?

O Relatório Mundial de Felicidade considera 6 variáveis para a construção do Índice de Felicidade. São eles:

1. PIB PER CAPITA: relacionada a renda per capita, indicador econômico.
2. EXPECTATIVA DE VIDA: dados utilizados da Organização Mundial da Saúde (OMS).
3. SUPORTE SOCIAL: sensação de suporte de familiares ou amigos em momentos de necessidade e/ou lazer.
4. LIBERDADE PARA FAZER ESCOLHAS: sensação de que cada pessoa possui liberdade de fazer o que bem entender.
5. GENEROSIDADE: sensação de generosidade e altruísmo das pessoas.
6. PERCEPÇÃO DA CORRUPÇÃO: como os cidadãos percebem a corrupção no governo, em entidades e nos negócios.

Com base nesses critérios apresentamos na tabela abaixo o Índice de Felicidade de alguns países no ano de 2020:

PAÍSES	COLOCAÇÃO
Finlândia	1º
Dinamarca	2º
Suíça	3º
Alemanha	13º
Estados Unidos	19º
Brasil	35º
Japão	56º
China	84º

Questão 3: você acha que este critério de estratificação é importante para a sociedade?

Questão 4: O poder econômico de um país é sinônimo de felicidade de sua população?

Tarefa 7 – Criação de um critério de estratificação

Objetivo: o objetivo desta tarefa é levar a concatenação e utilização das ideias apresentadas nas tarefas anteriores, como as de *habitus*, capital cultural, capital econômico e a estratificação.

TAREFA 7 – Criação do critério de estratificação

Considerando nossos estudos até aqui e seus conhecimentos prévios, seu objetivo agora será criar um critério de estratificação. Considere para a criação deste critério as variáveis que sejam mais relevantes para você. Caso seja necessário, elencamos quatro questões norteadoras que podem ajudar você a pensar sobre alguns pontos para a criação do seu critério.

- a) Qual é o objetivo da construção deste critério de estratificação?
- b) Quais dimensões irá possuir? (Ex.: será um critério que utiliza pontuação – Critério Brasil -, será um critério de classes – FGV -, será um critério contínuo – 1º, 2º, 3º, ...)
- c) Qual a melhor medida desse critério? (Ex.: intervalos, abaixo ou acima de...)
- d) Como ajustar a medida da(s) variável(is) as especificidades locais e à dinamicidade de uma sociedade contemporânea?

6 ANÁLISES

No capítulo anterior, destacamos que o conjunto de tarefas apresentado seria aplicado em campo. Assim, neste capítulo, apresentaremos uma análise de cada uma das tarefas junto a nossa leitura da produção de significados dos participantes da pesquisa cujos pseudônimos são Alana, Olívia, P.H. e Ítalo.

Nossa análise será com base nas filmagens que foram realizadas durante os encontros e também nos registros escritos realizadas pelos estudantes em cada uma das tarefas. Como conduta, durante o processo, tentamos realizar somente a apresentação de cada uma das tarefas, de modo a minimizar a interferência na produção de significados dos estudantes. Ocasionalmente, realizamos algumas interações de modo a tentar deixar mais clara as produções dos estudantes. Dúvidas e questionamentos foram conduzidos de modo a evitar respostas diretas ou respondido com outras indagações.

Deste modo, a análise da pesquisa de campo realizada a seguir será através da leitura das noções-categóricas do Modelo dos Campos Semânticos descritas no capítulo 4. Para tanto, selecionamos algumas falas que consideramos ser as mais representativas ao grupo e individualmente em cada uma das tarefas. A transcrição de todas as falas dos encontros e dos registros escritos dos estudantes se encontram nos apêndices.

6.1 ANÁLISE DA TAREFA 1

Caro(a) estudante,

a proposta de discussão deste tema é o de desenvolver uma reflexão importante de como podemos mudar a condição social e econômica a partir da compreensão da nossa situação atual e do que os estudiosos no assunto já sabem, para com isso podermos ter ações claras e efetivas de mudança de nossa própria condição, de nossos familiares e da comunidade em que vivemos. Mas, para isso, precisamos entender e aprender algumas coisas.

Tarefa 1: Início da conversa

Como você responderia às seguintes questões:

(a) Você gostaria de mudar a sua condição financeira e social atual? Por quê?

Alana: eu marquei que sim, eu quero mudar de classe social. Eu gostaria de mudar porque atualmente dinheiro é sinônimo de poder aquisitivo e eu queria estudar para poder fazer a diferença, talvez para reverter este quadro atual que a gente vive.

P.H.: eu acho que a minha não seria muito diferente, seria semelhante. Eu acho que toda trabalhadora e todo mundo que não tenha acesso a uma renda tão alta, tem esse desejo de ter uma renda maior ou poder ter acesso a mais bens de consumo.

Olívia: eu segui a mais ou menos a mesma linha de raciocínio. Para ter uma estabilidade financeira maior, para poder fazer mais coisas, para ter acesso a mais estudos, essas coisas.

Alana: eu acho que não seria nem o caso de querer mudar minha classe social, porque você vê aqui que todo mundo respondeu na mesma linha, a gente queria ter acesso à educação. Mas é idiota a gente precisar de dinheiro para ter acesso à educação, não idiota a gente pensar nisso, mas era para ser um direito nosso, era para todo mundo ter acesso e não ser uma questão de poder aquisitivo.

A estudante Alana, em sua primeira fala, introduz o objeto classe social. É possível ainda observar em sua fala uma estipulação local, onde ela diz: “atualmente dinheiro é sinônimo de poder aquisitivo”. Em seguida, as respostas dos demais estudantes vão na mesma direção da fala de Alana, ou seja, estão no mesmo espaço comunicativo compartilhando interlocutores. Alana e Olívia relacionam a estabilidade financeira e o poder de compra ao acesso à educação de melhor qualidade. Alana ainda complementa com uma crítica: “é idiota a gente precisar de dinheiro para ter acesso à educação, não idiota a gente pensar nisso, mas era para ser um direito nosso”.

A segunda pergunta teve o objetivo de justificar a primeira e também estimular ideias prospectivas para a mudança ou não da condição financeira.

(b) Quais são os caminhos possíveis que você vê para que uma pessoa possa, caso ela queira, mudar sua condição financeira?
--

Alana: a educação. Mesmo não sendo uma garantia, por meios legais, a única coisa que a gente tem agora é a educação, mas mesmo assim não é uma garantia de a gente vai conseguir mesmo mudar. Ou pela exploração também ne, se você quiser.

Olivia: cara, eu coloquei isso também, pela educação, pelo esforço. Mas a gente vê que não muito isso entendeu... porque tem gente que se esforça muito tempo para muita coisa e não subiu. Eu acho que na sociedade que a gente vive, só o nosso esforço não é o suficiente, tem que ter a questão do dinheiro também, sempre vai voltar para isso, esse vai ser o ponto. Se você tem mais dinheiro, você consegue fazer você fazer ter mais visão, você é mais visto. Mesmo que a gente tente aqui, agora nesse momento, é capaz da gente nunca conseguir.

Ítalo¹³: [...] Para gente conseguir dinheiro, no caso aluno, jovem, para gente conseguir dinheiro no futuro, a gente tem que ter tido dinheiro no passado, nossos pais tinham que ter dinheiro para gente... para gente ganhar dinheiro a gente tem que ter dinheiro. Empreender, no caso, que foram as coisas que eu escrevi ali, ter uma base de estudos, algum tipo de profissionalização, que também não é garantia e ter sorte, muita sorte.

P.H.: [...] Eu coloquei aqui também que educação não muda classe. Não adianta a gente falar que vamos estudar o máximo possível, que a gente vai mudar, que agora eu não vou mais receber um salário de dois mil reais, agora eu vou receber de seis mil reais. [...] Sua classe social tem muito mais haver com sorte, como a Ítalo falou, até coloquei isso no meu texto, e com o pequeno empurrãozinho de pessoas já privilegiadas, eu coloquei isso. Se a gente for observar pessoas, já famosas, já importantes, tipo o Elon Musk, o pai dele tinha uma mina de esmeralda, o Bill Gates foi a primeira pessoa a ter um computador nos Estados Unidos. São pessoas que já eram privilegiadas e mesmo assim a gente recebe assessoria de faça por você mesmo, que agora eu volto, é uma coisa criada pelo empreendedorismo, de que a pessoa está fazendo por si. Só que ela não está fazendo por si, ela já recebeu todo um empurrãozinho por trás [...].

As respostas dos estudantes para esta pergunta vão na direção da educação, porém, todas com ressalvas de não ser uma garantia para mudança, cada uma com sua justificativa. Na fala de Ítalo, é possível observar uma estipulação local: “Para gente conseguir dinheiro, [...] a gente tem que ter tido dinheiro no passado”. O estudante P.H. compartilha interlocutores com Ítalo ao dizer: “sua classe social tem muito mais haver com sorte [...] e com o pequeno empurrãozinho de pessoas já privilegiadas, eu coloquei isso”.

¹³ Nas transcrições das falas as seguintes convenções foram utilizadas: a) os participantes foram identificados pelos seus pseudônimos, a professora da turma por Profa e o pesquisador por Pesq; b) Colchetes com reticências indicam omissão de partes da transcrição de uma fala; c) Palavras entre barras indicam sobre posição de falas; d) Uma barra indica interrupção súbita ou mudança na direção de uma fala; e) Aspas indicam que o participante da pesquisa está lendo o que está dizendo.

O objetivo da terceira pergunta foi expandir a ideia pessoal ampliando para uma perspectiva macro em relação a sociedade.

(c) Você acha que é justa e igualitária a distribuição de renda e riqueza na população brasileira?

Olívia: cara, eu volto no ponto de destaque: o rico sempre mais rico e o pobre sempre mais pobre. Aí volta toda aquela coisa... você enriquecer, você ter a sua condição financeira melhorada, você tem que ter alguém que já tenha uma condição boa te ajudando. Volta sempre a essa mesma questão, aí volta tudo, volta questão de governo, volta questão de estudo. É um ciclo sem fim. E sempre vai ser se a gente não fizer nada. Não tem força o suficiente para fazer.

Existe um compartilhamento de interlocutores da estudante Olívia em relação as falas de Ítalo e P.H. na pergunta anterior. Ela também introduz o objeto ciclo para as ideias de capital econômico, tempo livre, capital cultural e capital econômico novamente.

Ao fim da primeira tarefa, concluímos que ela cumpriu com seus objetivos de iniciar a conversa sobre a relação entre a desigualdade social e condição financeira da sociedade brasileira e também de estimular os estudantes a começar a pensar sobre a condição social pessoal e do seu entorno. O objeto em comum constituído pelos participantes foi a educação.

6.1 ANÁLISE DA TAREFA 2

Tarefa 2: Nações Unidas

Leia o texto e responda as questões.

Existem muitas entidades pelo mundo que buscam identificar problemas que afetam o bem-estar social das populações dos diferentes países e estudam a desigualdade social no mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) é uma dessas entidades que, além de trabalhar na manutenção da paz internacional, busca proteger os direitos humanos e estabelecer metas e ações para o enfrentamento de questões que não dependa dos rendimentos monetários dos cidadãos, tais como a erradicação da pobreza, educação de qualidade, saúde e bem-estar, proteção do meio ambiente, igualdade de gênero, dentre outros.

Questão 1: Olhando para o entorno (bairro, comunidade) em que você vive, pontue o nível de prioridade sobre os temas que o poder público da sua cidade deveria atuar para diminuir a desigualdade social e aumentar a qualidade de vida das pessoas, numerando a primeira coluna de acordo com a segunda coluna, utilizando cada uma das opções somente uma vez.

<input type="checkbox"/> Educação para crianças, jovens e analfabetos	(0) não é necessário
<input type="checkbox"/> Segurança pública confiável e justa	(1) pouco necessário
<input type="checkbox"/> Moradia digna	(2) necessário
<input type="checkbox"/> Comunicação com acesso à internet	(3) urgente
<input type="checkbox"/> Serviços de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo)	(4) imediatamente

Caso necessário, faça um comentário sobre a numeração anterior:

Alana: foi complicado, eu pensando no meu bairro e na minha rua, eu botei que educação não é necessário, por que a gente tem bastante escola, bastante colégio público também. E pelo que eu vejo, fazendo bastante vista grossa, até que funciona. [...] E no comentário eu botei que eu tenho um pouco de raiva quando esses assuntos entram em discussão porque eu acho que é uma coisa indiscutível, que era obrigação do estado garantir para todo mundo.

Ítalo: [...] Segurança pública e confiável eu coloquei como imediatamente, por que aqui onde eu moro, por mais que eu julgue como um lugar muito tranquilo, tiveram mais de uma

vez que tiveram que parar a aula, parar tudo, descer para o pátio para esperar nossos pais chegarem por que o tráfico marcou de ter tiroteio com a polícia e todo mundo tinha que sair.

Olívia: a minha ordem ficou educação, eu moro no mesmo bairro que a Alana quase, é muito perto a nossa casa, então tipo... tem bastante escola aqui, realmente, então eu coloquei como pouco necessário. [...] Comunicação com internet eu coloquei que não é necessário, mas é necessário, mas naquelas ali eu coloquei que não é necessário.

Alana e Olívia compartilham interlocutores ao analisarem o tópico “Educação para crianças, jovens e analfabetos”. As estudantes dão destaque a quantidade de escolas ao entorno. Na resposta do estudante Ítalo, é possível observar uma exemplificação abrangente entre os itens de educação e segurança. A comunicação com internet, apesar de sua importância, é colocada como menos importante em relação aos demais itens pela estudante Olívia.

Na segunda pergunta desta tarefa, o objetivo é analisar a relação entre dimensões não monetárias e monetárias.

Questão 2: Qualidade de vida está associada a ter muito dinheiro?
--

P.H.: [...] Antes de tudo não dá para dizer que está ligado só a sua conta bancária, está ligando também a conta bancaria, a influência que o seu grupo social tem. Se você, por exemplo, for uma pessoa branca a chance da sua qualidade de vida ser melhor que de uma pessoa negra é muito maior. Porque independentemente de renda, neste caso, porque a gente está falando de um grupo social que é muito privilegiado. [...] Tem um dado da Oxford, se eu não me engano, que fala sobre isso, por que a sua renda é muito identificada... dá para você ver a sua renda vendo a sua cor de pele, vendo seu CEP, vendo sua família, seu histórico familiar. E daí você consegue determinar sua renda com muita precisão. Isso dá para voltar lá naquele início que a gente falou. Educação não muda classe social.

Ítalo: [...] E no sistema econômico que a gente vive, tudo isso é comprado de alguma forma, direta ou indiretamente. Como o P.H. bem falou, as questões de uma pessoa preta vão divergir. Por exemplo, para duas pessoas que tem a mesma renda, a qualidade de vida delas vai ser diferente, por que vão ter todas aquelas questões de gênero, etnia, sexualidade, tudo isso vai interferir.

O objeto classe social, introduzido na tarefa anterior, é citado de forma mais abrangente nesta tarefa. Em se tratando de Brasil e todo seu histórico, podemos

considerar como uma estipulação local a seguinte frase do estudante P.H.: “Se você, por exemplo, for uma pessoa branca a chance da sua qualidade de vida ser melhor que de uma pessoa negra é muito maior”. É possível observar também que os estudantes Ítalo e P.H. compartilham o mesmo espaço comunicativo.

Esta segunda tarefa também cumpriu com seus objetivos, que era debater as restrições que afetam a população em dimensões não monetárias de modo tanto individual quanto amplo. Mesmo a questão 1 sendo de múltipla escolha, ao abrirmos o espaço para fala, os estudantes justificaram a marcação dos itens, o que mostra um posicionamento reflexivo frente a demanda proposta.

6.3 ANÁLISE DA TAREFA 3

Tarefa 3: Aprendendo coisas novas, ampliando a visão

Leia o texto e responda à questão.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu é um pensador central para que possamos entender as ideias e as questões sociais contemporâneas. Ele estabelece diálogos entre literatura e ciência política, história e arte, economia e linguística, análise do discurso e estatística. Assim, se buscamos por mudanças para nós e para os que estão em nosso entorno, Bourdieu é um dos estudiosos que precisamos analisar.

A primeira ideia que Bourdieu nos traz é a de que classes sociais são grupos práticos constituídos por pessoas: famílias, associações (de moradores, por exemplo), movimentos sociais e movimentos políticos.

Outros dois conceitos que ele propõe e que são importantes pensar com eles são: o de capital e o de *habitus*.

Bourdieu destaca dois tipos de capitais que seriam estruturantes na sociedade contemporânea: o capital econômico e o capital cultural. Além destes dois, há também o capital social, o capital político e o capital simbólico.

O *capital econômico* de uma pessoa é o conjunto de recursos que ela (ou sua família) possui englobando tanto patrimônio material (terras, fábricas, automóveis, equipamentos, trabalho) como patrimônio em seu sentido financeiro, na forma de salários, renda, poupanças e investimentos em bolsas e aplicações.

O *capital cultural* de uma pessoa constitui dos recursos correspondentes ao conjunto de qualificações intelectuais que foram adquiridas por ela no sistema escolar e transmitido pela família. Logo, o *capital cultural* pode ser compreendido através do nível de instrução, que são os reconhecimentos através de diplomas e certificados que ela possui. Podem ser compreendidos também através da incorporação e socialização de valores transmitidos pela família ou escola, que vão refletir nas posturas corporais, na fala em público, preferência estética etc. E, por fim, compreendidos através do gosto em apreciar e possuir livros, obras de arte, galerias de arte (quadros, pinturas, esculturas etc.).

O outro conceito de Bourdieu é o de *habitus*. Para entendermos, precisamos lembrar que vivemos em sociedade e por este motivo estamos envolvidos em crenças, leis, regras, valores culturais e valores econômicos, todos com ações e práticas diferentes. E, portanto, incorporamos toda essa gama de coisas.

As regras e estruturas destes lugares são incorporadas no corpo e na mente dos

indivíduos de uma sociedade. As percepções e ações do indivíduo, ou *habitus*, são produzidos e gerados na história e são adquiridos com o passar do tempo, ou seja, não é inalterável. Desta forma, o *habitus* é o conceito mediador entre ações e estrutura, indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade. Assim, *habitus* é um processo dinâmico que compreende o princípio gerador das práticas e o princípio inventivo, que é produzido e gestado na história. Neste sentido, o *habitus* se diferencia tanto entre as pessoas quanto entre as classes.

A análise do *habitus* permite entender o porquê que as pessoas praticam alguns esportes e não outros, porque se vestem de um jeito e não de outro; porque se alimentam de determinada maneira e não de outra.

O objetivo desta questão é refletir sobre os conceitos apresentados no texto: capitais e *habitus*.

Questão 1: Como podemos utilizar os conceitos de *capital* e de *habitus* a nosso favor para mudar nossa condição financeira e social no futuro?

P.H.: eu vou falar aqui um negocinho, não me julguem. Eu acho que isso está um pouquinho acima da minha capacidade. Tenho que ler este texto de novo [...].

Ítalo: o capital cultural seria o conhecimento que é só nosso, que os nossos pais e a escola ensinam e o *habitus* é um tipo de conhecimento geral da sociedade?

Alana: posso responder só sobre capital cultural? Posso ignorar a palavra *habitus* ali?

Ítalo: no caso como que a gente responde isso: como a gente pode utilizar os conceitos... como assim os conceitos?

Pesq: o conceito eu me referi nessa pergunta a essas ideias, de capital cultural, capital econômico e de *habitus*. Como que a gente utiliza essa ideia? Como a gente pode utilizar essas ideias a nosso favor? Melhorou? Trocar a palavra conceito por ideias?

Alana: eu tratei como se fosse uma bagagem cultural nossa. Nosso conhecimento sabe, “aí, o nosso conhecimento é a única coisa que não podem tirar da gente”. Então, acho que foi isso.

Olívia: eu já fui para outro caminho, eu já fui para como a gente vê a cultura, como a gente consegue.

P.H.: o indivíduo é altamente influenciável. A influência da sociedade acaba afetando largamente o indivíduo. Principalmente vendo o *habitus*. Mas o *habitus* também é largamente influenciado pelo capital, pelos capitais no caso.

Olívia: eu coloquei assim, capital econômico: recurso material ou financeiro. Cultural: qualificações intelectuais, nível de instrução, éticas e gostos. Aí por exemplo o *habitus*, eu coloquei valores culturais e econômicos, corpo e mente, e tempo não é invariável.

Com as respostas dadas a esta primeira questão, notamos que os estudantes aparentavam estar entrando em contato com os conceitos de capital e *habitus* pela primeira vez. Em um primeiro momento, houve muitos questionamentos e falas na tentativa de produzir significados aos conceitos introduzidos. Foi a questão que mais houve intervenções entre pesquisador e estudantes. Porém, com o desenrolar das falas, é possível observar estipulações locais na fala dos estudantes P.H. e Olívia. Com a fala dos estudantes, também atualizamos a pergunta e substituímos a palavra “conceitos” por “elementos”.

Um ponto importante a considerar nesse momento, é o fato de que em sala de aula, as noções de capital cultural e *habitus*, que não são triviais para um estudante do Ensino Médio, como sugeriu P.H., deveria ser explorado e discutido com mais tempo e detalhes, com a intervenção do professor, antes de seguir para as questões. Por outro lado, em nossa pesquisa, queríamos a primeira impressão deles sobre essas noções para chegar esses possíveis pontos em que o estudante não consegue ir muito longe falando ou, em nossos termos teóricos, produzindo significados.

Já o objetivo da segunda questão é refletir sobre como o conceito de capital cultural pode estar inserido em nosso cotidiano.

Questão 2: Como e quais meios digitais estão atrelados a aquisição de capital cultural?

Alana: [...] Mas eu acho que a gente está caminhando para equiparar o capital econômico e o capital cultural. Porque é o que a gente estava discutindo, educação faz parte desse capital e a educação tem se tornado uma coisa cada vez mais elitista. Então eu acho que a gente está equiparando com pessoas com mais cultura são mais ricas. E tem mais poder sobre tudo. Ai uma frase do texto também que eu peguei e fiquei com ela na cabeça: a do “gosto em apreciar e possuir livros e obras de arte, galerias de arte e etc.”. Isso faz muito sentido se a gente pensar como determinadas formas de arte são extremamente marginalizadas, que são formas de arte que a gente tem mais acesso assim, sabe? Aí fica

uma coisa tipo assim, “não, isso não é cultura, isso não é digno de apreciação”. Você é pobre de cultura, você é pobre de espírito. E na 2 eu botei a internet [...]

Pesq: mas alguma coisa em específico na internet? Ou você pensa de um modo geral?

Alana: de um modo geral. Muita gente acompanha notícia por rede social, pelo próprio Google. Cada jornal que está na internet tem a sua versão da matéria. Aí tem as fake News agora por robô também. Tem muita gente que compartilha fake News por aproximação, “ah, fulano me mandou este texto no WhatsApp, eu confio muito em fulano, vou repassar”. Eu sinto que não tem muito filtro sobre isso, então por isso que eu acho que a internet pode ser boa pra a gente ampliar nosso capital cultural, mas também ruim para gente detonar com ele.

Ítalo: na questão 2 eu respondi bem em cima do que a Alana falou. Vendo pelo capital cultural que cada um têm, vai designar o que essa pessoa vai buscar na internet. Numa rede de informações, tem gente que vai buscar se aprimorar em certas habilidades, tem gente que vai pesquisar como empreender e tem gente que vai usar para pesquisar só coisas mais básicas e para se divertir, como a maior parte das pessoas fazem.

Para responder a segunda questão, podemos observar que na primeira fala destacada da estudante Alana que ela ainda faz algumas reflexões sobre a questão anterior. É possível notar que existe um processo de produção de significados onde o núcleo é a educação. É possível notar também uma convergência de falas após os conceitos de capital e *habitus* serem introduzidos, o que não aconteceu na primeira questão.

Esta tarefa demonstrou que para a introdução destes novos conceitos, será necessária uma maior interação entre professor e aluno. Apesar de ter havido inicialmente certa repulsa ao texto teórico, rapidamente os estudantes começaram fazer indagações e conversar sobre os elementos apresentados no texto. Isso aponta que nosso produto educacional deverá conter mais indicações para o professor para a exploração dos conceitos, caso necessário. Imaginamos antes da aplicação desta tarefa, que provavelmente seria a primeira vez que os estudantes ficariam frente aos conceitos de capital e *habitus*. Logo, concluímos que a interação dos estudantes com a tarefa se deu de forma positiva.

6.4 ANÁLISE DA TAREFA 4

Tarefa 4: Os Capitais e o tempo

Leia o texto e responda as questões.

Você pode achar estranho, mas logo vai entender que um dos fatores atrelados ao acesso a esses tipos de capitais (cultural e econômico) e seus arranjos é o fator tempo. Sim o tempo, pois se uma pessoa tem que trabalhar o dia todo, ela terá mais dificuldades, por exemplo, de estudar para assim obter diplomas, de visitar museus, de ler um livro. Coisas que em seu conjunto constituiriam o seu capital cultural.

Famílias que possuem boa condição financeira e que possuem capital econômico, os estudos de seus filhos deixam de ser secundários e são vistos como atividade primária.

A classe média, por exemplo, sendo aquela que está abaixo da elite, mas que possui algum capital econômico, é privilegiada por poder comprar tempo livre de seus filhos para que eles se dediquem somente aos estudos. Não precisando conciliar trabalho e estudo, o tempo livre pode refletir em estudos ainda mais sofisticados como o literário, a língua estrangeira ou até mesmo o técnico. Incentivos e estímulos familiares desde muito cedo, refletem na capacidade de concentração nos estudos fazendo a formação escolar assumir perspectivas longitudinais, inculcando assim pensamentos prospectivos (de longo prazo) de diferentes instâncias.

O contrário acontece na família dos excluídos, “a criança percebe que a escola pouco fez para mudar o destino de seus pais, por que iria ajudar a mudar o seu?” (SOUZA, 2019, p.103)

Outro fator atrelado aos capitais econômico e cultural é o trabalho. A conversão do capital cultural em trabalho especializado tende a implicar em uma trajetória profissional contínua, o que desenvolve a noção de carreira ou vocação. O efeito será a ocupação de trabalhos com remunerações maiores, ou seja, o trabalho especializado, trabalhos estes que são consequência do capital cultural e que geram assim maior capital econômico.

A primeira questão desta tarefa tem por objetivo refletir sobre a ideia de tempo livre apresentado no texto.

Questão 1: Como você entende a ideia do tempo livre?

P.H.: eu vou fazer uma crítica a vocês. Vocês deveriam ter passado este texto antes para a gente já ter feito no outro texto também, pra gente já incutir isso na resposta, porque aqui já clareou muito a cabeça.

Alana: é impossível ler este texto e não lincar automaticamente com o filme “Os Tempos Modernos”. Porque trata justamente disso. Quando eles trazem a máquina de comida para o Carlitos, que é o personagem principal, é justamente nessa intenção de otimizar o tempo [...]. Eu acho que tempo livre é o tempo que a gente pode fazer o que quiser com ele, que não tem nenhuma obrigação atrelada a ele. E acho que a gente cai muito na lógica de que tempo é dinheiro, acha que esse tempo é dinheiro [...].

P.H.: a gente tem muito desse negócio de divisão do trabalho e superioridade, hierarquia das profissões. A gente sempre acaba colocando o juiz em cima de um pedreiro, de uma doméstica, só que é bom lembrar que o juiz não poderia estar trabalhando se o pedreiro não tivesse construído o fórum que ele trabalha, ou a doméstica tivesse limpando a casa dele, sei lá. Enfim. Não dá para a gente separar como profissões mais importantes ou não. Mas essas profissões acabam sendo decorrentes do tempo livre que a gente estava discutindo [...].

Com a primeira fala do estudante P.H., é possível notar que os textos da tarefa 3 e da tarefa 4 se comunicam e se complementam. Podemos considerar uma estipulação local a seguinte frase da estudante Alana: “eu acho que tempo livre é o tempo que a gente pode fazer o que quiser com ele”. Já na segunda fala destacada do estudante P.H., é possível notar uma conexão entre a ideia de tempo livre e capital cultural ou educação, ou seja, um processo de produção de significados.

A segunda questão tem por objetivo refletir sobre todos os elementos tratados tanto no texto da tarefa 4 quanto no da tarefa 3, que são os capitais, *habitus* e tempo livre, através da exemplificação de profissões.

Questão 2: Elenque 3 profissões que exigem alto volume de capital cultural e outras 3 que exigem pouco capital cultural. O que você pode falar sobre a remuneração destas profissões?

Alana: na questão 2 eu botei que as profissões bem remuneradas são pesquisador, jornalista e... (áudio incompreensível). E das menos remuneradas eu coloquei faxineira, doméstica e trocador de ônibus. Mas eu não acho que essa questão de diferença de salário seja estritamente atrelada a questão de capital cultural, eu acho que varia também do nosso ponto de partida, porque se a gente pegar uma mulher negra e um homem branco

disputando um cargo de, não sei, pesquisador em uma grande instituição nacional, é obvio que o homem branco vai ser mais bem remunerado do que ela e provavelmente teve que batalhar muito menos do que ela para chegar aonde chegou.

P.H.: vale lembrar que quando a gente pensa em um médico ou em um juiz, em quem a gente pensa? Isso tem muito a ver com as técnicas de dominação da sociedade. Isso inclusive enquanto profissões, é o capital cultural sendo visto em uma das suas formas mais plenas. [...] tempo livre é uma coisa exclusiva, praticamente exclusiva da classe média ou dominante, da classe da elite. A pessoa pode focar para, enfim, ganhar mais e mais capital cultural. A gente aqui, neste momento, está usufruindo do nosso tempo livre para ganhar mais capital cultural, se a gente for pensar nisso. A gente está usando do nosso privilégio de enquanto classe média podermos estarmos aqui, debatendo isso aqui a três horas, é o que? Não é nada mais que um privilégio de tempo livre que a gente tem. Se a gente não tivesse tempo livre, a gente não poderia estar aqui. O tempo livre tem aquela coisa né, a pessoa precisa trabalhar para poder conseguir tempo livre, e nossos pais estão trabalhando pela gente, no caso da gente aqui.

Ítalo: bom, é... no caso as primeiras que me vieram a cabeça das que exigem auto volume de capital cultural foram: professores, administradores e advogado. E o que exigem pouco capital cultural eu peguei o que veio na minha cabeça também, não tem como eu pegar de outro lugar também né: faxineiros, porteiros e zeladores. Os três primeiros exemplos eles têm esse papel, mas já que a questão é remuneração, tem uma grande diferença entre por exemplo o dinheiro do administrador, dependendo de onde ele trabalha, para que um advogado ganha e para que um professor ganha. Porque o quanto eles ganham tem a ver com o quanto eles são valorizados pela sociedade, como o trabalho deles vai ser valorizado diante disso também.

O objeto classe social, introduzido pela estudante Alana na primeira tarefa, fica mais evidente nesta tarefa ao destacar fatores históricos da formação escravocrata do Brasil. Os objetos capital cultural e tempo livre são introduzidos pelo estudante P.H.. O estudante Ítalo estabelece uma relação entre trabalho e remuneração, onde determinada profissão depende não somente do capital cultural, mas também do reconhecimento social desta profissão. Podemos considerar que a remuneração também é um novo objeto introduzido nesta questão.

Com essa tarefa, observamos que as conexões entre os elementos apresentados nas tarefas 3 e 4 e as reflexões das tarefas 1 e 2 estão se

estabelecendo. Assim, ela cumpre com seu objetivo inicial de começar a evidenciar o ciclo entre os capitais, *habitus* e tempo livre.

6.5 ANÁLISE DA TAREFA 5

Tarefa 5: Análise de perfis

Leia os textos e responda as questões.

Perfil 1

Lucas é um adolescente que mora com os pais e sua irmã mais nova Laura. Seu pai é professor e sua mãe é médica. Para auxiliá-los nas tarefas domésticas, eles contam diariamente com uma ajudante e pagam a ela um salário mínimo. Além dos afazeres da casa, a ajudante cuida também de Laura. O jovem Lucas, um ano atrás, resolveu abandonar o curso de inglês para se dedicar somente a prática do vôlei no contraturno da escola. Porém, ao voltar de uma viagem de férias feita para o exterior, ele constatou que a língua inglesa é muito importante para se comunicar bem em outros países. Assim, Lucas pediu aos seus pais para que voltassem a pagar o curso de inglês para ele. Este pedido foi prontamente atendido pelos pais.

Perfil 2

Gabriela é uma adolescente que mora de aluguel com sua irmã mais nova, com sua mãe que trabalha como diarista e com sua avó aposentada, que também faz quitutes para a mãe de Gabriela vender nos lugares em que trabalha. Sua família permite que Gabriela não trabalhe para se dedicar somente aos estudos. Ela criou um grupo de xadrez com seus colegas e frequentemente incentiva a escola a programar excursões para visitar espaços culturais (museus, teatro, galerias etc.). Ela aprimora seus conhecimentos de língua estrangeira escutando músicas e fazendo cursos na internet, através do *Duolingo* e do YouTube. Ela aprendeu na escola que estas ações são importantes para o crescimento intelectual e vive planejando seu futuro.

Perfil 3

André tem 17 anos e está cursando o terceiro ano do ensino médio. Seus pais possuem um restaurante de comida self-service que fica aberto todos os dias da semana. Em alguns finais de semana, André trabalha no restaurante da família de forma remunerada para suprir seus gastos pessoais. Ele gosta de andar sempre com roupas da moda, dando preferência pelas de marca e gosta de sempre ter o celular de última geração. Faltando 4 meses para concluir o ensino médio, ele aceitou uma proposta de emprego de tempo integral para trabalhar como ajudante de depósito de uma loja de roupas, onde ganha desconto na compra dos produtos por ser funcionário da loja.

O objetivo da primeira questão é analisar a tomada de decisão de cada um dos perfis em relação aos elementos que fazem referência ao *habitus*, capital cultural e capital econômico. Já a segunda questão, tem por objetivo saber se os elementos estudados até então, auxiliaram ou não a análise dos perfis.

Nesta tarefa, alguns estudantes responderam a segunda questão junto a primeira. Assim, durante a realização da pesquisa, não sentimos a necessidade de

pedir para os estudantes destacarem a primeira da segunda questão, para não quebrar a fluidez do debate. Logo, as respostas destacadas a seguir compõem as duas questões desta tarefa.

Questão 1: Como você analisa cada um dos perfis apresentados acima em relação as atitudes e ações que fazem em suas vidas e na consequência de seus atos para a mudança de sua condição financeira e social?

Questão 2: As noções da capital econômico, cultural e *habitus* discutidas anteriormente te ajudam a analisar estes perfis? Como?

Alana: como eu falei, eu juntei as duas questões. Lendo esse texto aqui, só reforçou o que eu tinha falado na última aula, que capital cultural e capital econômico coexistem. Para alcançar um, você precisa ter o outro em abundância. Ai o Lucas, ele exemplifica o que eu falei, porque ele só reconhece a necessidade de capital cultural por ele ter capital econômico para fazer uma viagem ao exterior e reconhecer a necessidade do inglês. [...] . O André para mim, ele fica antagônico ao Lucas porque, na minha cabeça, eu entendi que o Lucas estudava num colégio de elite e o André e a Gabriela num colégio de classe média ou classe média baixa. O André, por ele não estar inserido nesse contexto de abundância de capital econômico ele não reconhece a necessidade de capital cultural. E para mim, o que mais afetou ele foi a questão do *habitus* que ele tem a necessidade de usar roupas de marca por pertencer ao *habitus* [...].

P.H.: [...] Ela então tem que se esforçar mais que os garotos, porque ela provavelmente não tem as mesmas oportunidades que eles. O Lucas principalmente, ele tem a oportunidade de viajar para fora do país, tem a oportunidade de fazer um curso de inglês e ele percebeu que tinha essa oportunidade. Seguindo um caminho diferente da Alana, no André, eu não o vejo como se tivesse uma oportunidade tão grande quanto o Lucas, mas ele tem algumas oportunidades e ele decide desperdiçar essas oportunidades principalmente no final do ensino médio, como aqui cita que ele saiu da escola, afinal ele está trabalhando em tempo integral faltando quatro meses para terminar a escola. Todo mundo aqui sabe que o Ensino Médio é essencial hoje para poder trabalhar, para conseguir algum emprego [...].

Ítalo: [...] Enquanto a Gabriela se interessa e procura alcançar as metas dela com os recursos que ela tem ao alcance dela, o perfil 1, por exemplo, tem meio monetário para ter mais recursos só faltando talvez ele ter mais interesse. Já o perfil 3, apesar de ser um jovem que já está trabalhando, ele estava trabalhando com os pais para garantir algumas regalias, agora vai trabalhar em outro comercio também para garantir as suas regalias. Eu não vejo nada de errado nisso, a vida é dele, mas seria uma situação completamente diferente de um

jovem que precisa trabalhar por necessidade. E por mais que o perfil 2, a Gabriela, esteja se esforçando, ela ainda está em desvantagem quanto ao perfil 1.

Alana: [...] Eu achei interessante também, principalmente depois da fala do P.H., porque eu não tinha pensado nisso, a questão da Gabriela. Claramente, dos três perfis, ela é a que mais se esforça, principalmente por ser mulher, porque talvez, isso não fica explícito no texto, ela tenha a consciência de que para ele conseguir um emprego e ter uma renda seja muito mais difícil do que a dos meninos [...].

Alana: seria muito mais fácil se a classe social do André ficasse mais explícita assim. Porque aí assim a gente não sai atirando para tudo quanto é lado.

Pesq: o que é classe social para você? O que você considera por classe social?

Alana: classe econômica.

Ítalo: pode ir um pouco mais além disso. Classe social é mais abrangente.

Alana: para mim tudo depende. Porque se você tem classe social, provavelmente você tem maior acesso à educação e a todos os serviços em geral, porque isso depende de dinheiro. As classes mais baixas não vão ter, porque isso depende de dinheiro. Por isso que eu resumi em classe econômica. Mas eu sei que é mais abrangente.

Na primeira fala da estudante Alana, são introduzidos os objetos capital econômico e *habitus* e também ela nos dá evidências de estar trazendo em sua fala a noção de estratificação, pois surge a necessidade de estratificar a classe social em média ou média baixa. P.H. destaca o fato do perfil 2 ser do sexo feminino, fato que Alana também destaca através da fala de P.H., ou seja, um resíduo de enunciação. Amplo debate foi estabelecido em relação a tomada de decisão do perfil 3, não havendo convergência sobre tal ação. Novos significados em relação ao objeto classe social são postos em questão.

Na análise realizada pelos estudantes, os elementos que fazem referência ao *habitus*, capital cultural, capital econômico e tempo livre foram utilizados para analisar a tomada de decisão dos três perfis da tarefa 5. Além disso, outros componentes dos perfis foram destacados, como por exemplo o fato do perfil 2 ser do sexo feminino e os demais, perfil 1 e 3, serem do sexo masculino. A estratificação é introduzida como objeto nesta tarefa, tema este que será debatido na tarefa 6 a seguir.

6.6 ANÁLISE DA TAREFA 6

Tarefa 6: Critérios de Estratificação

Leia os textos e responda as questões.

O termo *estratificar* significa o ato de dispor em estratos ou camadas. Por exemplo, na antiguidade, sociedades como a romana, eram estratificadas em escravos, plebeus e patrícios. Já na idade média a sociedade era estratificada em senhores feudais, clero, guerreiro e servos. E, na atualidade, a estratificação, em específico a socioeconômica, tem o propósito de atender principalmente aos objetivos dos programas de ações de marketing e ao acompanhamento de políticas públicas em organizações públicas. Estas esferas realizam melhores planejamentos tendo informações de como as famílias usam o dinheiro. Para tanto, variáveis como a composição dos membros da família, região geográfica e o tipo de município (urbano ou rural) são consideradas fundamentais para estes estudos.

Veja a seguir alguns critérios de estratificação.

Tarefa 6A - Critério Brasil

Critério de estratificação que utiliza um sistema de pontuação que é obtido através de um questionário de variáveis.

VARIÁVEIS	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	3	3	5	5
Freezer	0	3	4	6	6
Lava roupa	0	3	4	6	6
DVD	0	3	3	4	6
Micro-ondas	0	3	4	4	4
Motocicleta	0	3	3	3	3
Secadora de roupa	0	3	2	2	2
GRAU DE INSTRUÇÃO DO CHEFE DA FAMÍLIA					
Analfabeto / Fundamental 1 incompleto					0
Fundamental 1 completo / Fundamental 2 incompleto					1
Fundamental 2 completo / Médio incompleto					2
Médio completo / Superior incompleto					4
Superior completo					7
SERVIÇOS PÚBLICOS					
			NÃO	SIM	
Água encanada			0	4	
Rua pavimentada			0	2	

Classe	Pontos
1 – A	45 – 100
2 – B1	38 – 44
3 – B2	29 – 37
4 – C1	23 – 28
5 – C2	17 – 22
6 – D - E	0 – 16

VARIÁVEIS	PONTOS
Banheiros	
Empregados domésticos	
Automóveis	
Microcomputador	
Lava louça	
Geladeira	
Freezer	
Lava roupa	
DVD	
Micro-ondas	
Motocicleta	
Secadora de roupa	
Grau de instrução do chefe da família	
Água encanada	
Rua pavimentada	
Total de Pontos	
Classe	

O objetivo desta questão é analisar o Critério Brasil através da sua utilização.

Questão 1: Pense numa família que você conhece, sem mencionar qual é, preencha o questionário de variáveis do Critério Brasil. Em qual classe ela se encontra de acordo com o Critério Brasil?

Ítalo: acho que esse me parece um método ruim para saber qual é a classe social, porque “ah, a pessoa não tem uma lava louça e nem um freezer”, e daí? É porque ela não quer, pode ser por isso.

P.H.: mais do que isso também né. Tem bens de consumo que não necessariamente são bens extremamente caros. A gente hoje no Brasil tem a condição de parcelar, fazer um crédito, fazer um empréstimo [...].

Alana: eu achei engraçado também que a gente veio comentando até agora que formação acadêmica não é sinônimo de dinheiro, de bom salário ou classe social. Você pode ser um pós-doutor, não sei se é assim que se chama, esqueci, mas pode estar desempregado. Então achei vacilo colocar muito ponto em cima disso, atribuir tanto ponto a este critério. E também a questão dos aparelhos eletrônicos, eu acho que a gente pode ver isso como um pós... eu esqueci a denominação... mas como uma coisa ruim e uma coisa positiva, porque por exemplo, ter um aparelho de DVD em 2014 significava: “nossa, como você tem dinheiro”, hoje pode significar que você não tem renda para aparelhos eletrônicos novos, por isso você está com o mesmo DVD de 2014.

Chama atenção dos estudantes a defasagem de algumas variáveis existente no Critério Brasil devido a rápida modernização dos aparelhos eletrônicos. O peso dado a algumas variáveis também chamou a atenção. Pode ser considerada uma estipulação local a seguinte frase do estudante P.H.: “A gente hoje no Brasil tem a condição de parcelar, fazer um crédito, fazer um empréstimo”.

Tarefa 6B - Critério Fundação Getúlio Vargas - FGV

O critério de estratificação da Fundação Getúlio Vargas traz as faixas de renda domiciliar e suas respectivas classes.

CLASSE ECONÔMICA	LIMITE INFERIOR	LIMITE SUPERIOR
Classe E	0	R\$ 1.254
Classe D	R\$ 1.255	R\$ 2.004
Classe C	R\$ 2.005	R\$ 8.640
Classe B	R\$ 8.641	R\$ 11.261
Classe A	R\$ 11.262	-

Em valores de 2014.

O objetivo da segunda questão é refletir sobre o critério da FGV e o que ele pode deixar de apresentar considerando somente a renda domiciliar. Comparações com o Critério Brasil também são esperadas.

Questão 2: Considere o critério da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em que as famílias são classificadas segundo seus limites de renda. O que você pode dizer desse critério? Que informações você entende que ele apresenta? E o que ele não informa de importante?

Ítalo: aí então está afirmando que a classe E, que é a classe mais baixa, o limite superior é 1.254,00 reais sendo que... sei lá... não entendi como a classe mais baixa o limite superior está acima de um salário mínimo. O teto não deveria ser o salário mínimo ou algo assim? [...] eu coloquei mais ou menos isso. Ela parece não levar em conta o número de pessoas que tem uma família, quantos por cento das pessoas pertencem a tais classes e levando em conta o Critério Brasil as classes não batem. Por exemplo, na família que eu analisei na parte 1 ficaria na B2 e aqui ficaria na classe C.

Apesar de ter explicitado na apresentação qual era a porcentagem de pessoas em cada uma das classes, essa informação não parece ter ficado clara. A comparação entre os critérios foi realizada pelo estudante Ítalo e foi notado também que as classes que as compõem não necessariamente se relacionam.

Tarefa 6C - Índice de Felicidade

Como explicar a diferença de felicidade em mais de 150 países visto que o resultado depende somente da avaliação das pessoas de diferentes histórias, culturas, etnias e nacionalidades? O que interfere na percepção delas? Dinheiro? Escolaridade? Empregabilidade? Saúde?

O Relatório Mundial de Felicidade considera 6 variáveis para a construção do Índice de Felicidade. São eles:

1. PIB PER CAPITA: relacionada a renda per capita, indicador econômico.
2. EXPECTATIVA DE VIDA: dados utilizados da Organização Mundial da Saúde (OMS).
3. SUPORTE SOCIAL: sensação de suporte de familiares ou amigos em momentos de necessidade e/ou lazer.
4. LIBERDADE PARA FAZER ESCOLHAS: sensação de que cada pessoa possui liberdade de fazer o que bem entender.
5. GENEROSIDADE: sensação de generosidade e altruísmo das pessoas.
6. PERCEPÇÃO DA CORRUPÇÃO: como os cidadãos percebem a corrupção no governo, em entidades e nos negócios.

Com base nesses critérios apresentamos na tabela abaixo o Índice de Felicidade de

alguns países no ano de 2020:

PAÍSES	COLOCAÇÃO
Finlândia	1º
Dinamarca	2º
Suíça	3º
Alemanha	13º
Estados Unidos	19º
Brasil	35º
Japão	56º
China	84º

Os objetivos destas questões é analisar o Índice de Felicidade, critério este subjetivo comparado aos dois primeiros.

Novamente, os estudantes responderam as duas questões em uma mesma fala e, novamente, não sentimos a necessidade de pedir que destacassem a terceira da quarta questão.

Questão 3: você acha que este critério de estratificação é importante para a sociedade?

Questão 4: O poder econômico de um país é sinônimo de felicidade de sua população?

Olivia: não para as duas, porque tipo assim, eu não vejo como a população ter um poder econômico grande fazer ela feliz. Para mim não é envolvido um com o outro. [...] para mim, a questão econômica não interfere na felicidade ou não do povo, porque tipo assim, pode ser o povo mais pobre do mundo, mas se tiver um motivo para estarem felizes eles vão estar mesmo não tendo dinheiro.

P.H.: sim! No caso dos Estados Unidos, neste ranking, neste caso é mais alto que o Brasil, mas os casos de depressão lá são altíssimos mesmo sendo o mais rico do mundo. Dinheiro não é sinônimo de felicidade, também escuto essa frase a vida inteira. Eu coloquei que ele não influencia nas questões cotidianas de assistência social, na pobreza ou nas políticas públicas, porque isso aqui não é um critério que vai ser sério, “vamos usar isso aqui para fazer as pessoas mais felizes”. Agente tem que fazer a qualidade de vida melhor e isso vai acabar correlacionando com a felicidade, o que vai aumentar a felicidade é melhorando qualidade de vida das pessoas.

Ítalo: em ambos eu respondi não porque “e daí que meu país, o Brasil no caso, está em 35º lugar?”. Isso não está medindo a minha felicidade como Brasileira. Isso não muda o fato de que existem grandes divergências no nosso país. Sei lá, talvez tenha essa visão de que o

Brasil é um país de alegria, é carnaval. [...] Talvez seja meio bobo medir a felicidade de um país usando estatísticas. Felicidade é um sentimento, não tem como medir algo assim.

Alana: eu acho que foram extremamente frios e calculistas. Não que seja o caso, mas sei lá, a China está abaixo do Brasil nesse ranking de felicidade, então cria-se uma coisa de “oh, não precisa de dinheiro para ser feliz, eu posso continuar te explorando na miséria que você vai ser o país mais feliz do mundo”. Então para mim é puro marketing, serve para levantar bandeira. Enfim, não acho que seja um índice real.

Podemos considerar que as frases em relação a felicidade e a sua comparação com dinheiro e estatística nas falas dos estudantes Ítalo e Olívia são estipulações locais. É possível observar que as falas de todos os estudantes vão na direção de não considerarem a felicidade como algo mesurável estatisticamente, compartilhando assim interlocutores em um mesmo espaço comunicativo.

Nos três critérios de estratificação apresentados, através de diferentes questões, os estudantes notaram principalmente as inconsistências de cada um deles. Como apresentamos inicialmente as funções e utilidades dos critérios de estratificação, consideramos que o debate estabelecido com as questões apresentadas se deu de forma positiva, cumprindo com os objetivos propostos. Acreditamos que as ideias de utilização e real necessidade de um critério de estratificação ficarão mais evidentes com a tarefa seguinte.

6.7 ANÁLISE DA TAREFA 7

TAREFA 7 – Criação do critério de estratificação

Considerando nossos estudos até aqui e seus conhecimentos prévios, seu objetivo agora será criar um critério de estratificação. Considere para a criação deste critério as variáveis que sejam mais relevantes para você. Caso seja necessário, elencamos quatro questões norteadoras que podem ajudar você a pensar sobre alguns pontos para a criação do seu critério.

- a) Qual é o objetivo da construção deste critério de estratificação?
- b) Quais dimensões irá possuir? (Ex.: será um critério que utiliza pontuação – Critério Brasil -, será um critério de classes – FGV -, será um critério contínuo – 1º, 2º, 3º, ...)
- c) Qual a melhor medida desse critério? (Ex.: intervalos, abaixo ou acima de...)
- d) Como ajustar a medida da(s) variável(is) as especificidades locais e à dinamicidade de uma sociedade contemporânea?

Alana (chat): colonizado e colonizador; tipo de colonização; fome; moradia digna; saneamento básico; acesso à saúde de qualidade; segurança; acesso à luz elétrica; emprego estável, não abusivo e devidamente remunerado.

P.H. (chat): só acho que as coisas de colonização não são tão boas.

Olívia: [...] Então eu acho que a gente tem que pegar o que está mais envolvido com o que a gente falou. Acho que o saneamento básico está bem aqui, porque a gente falou sobre isso, acesso a saúde de qualidade, segurança, acho que tudo está envolvido. Colonização não está muito no que a gente falou.

Alana: eu acho que, baseado em tudo que a gente viu, eu acho que a gente deveria manter a ideia do chefe da família, mas não com nível de escolaridade, mas com salário. A gente estava pegando a mãe do Lucas de exemplo, ela é médica e óbvio que por ser médica ela ganha bem. Através disso, conseguimos identificar a classe social do Lucas. Então acho que a gente podia manter este mudando nível de escolaridade por salário.

P.H.: outra coisa é que a gente pode focar não só no chefe de família, mas na renda familiar inteira. A gente foca na renda familiar, mas também pode focar nos gastos, no... não sei... no valor de tau coisa. O que vocês acham?

P.H.: coloca renda familiar total.

Alana: mensal ou anual?

P.H.: acho que mensal. Mensal é mais direto.

Alana: acho que cesta básica é melhor.

P.H.: não sei, acho que três alimentações por dia podem envolver vários fatores.

Ítalo: neste caso aqui é mais uma questão de sim ou não né?

Alana: eu acho que ela quis dizer que a gente está sendo mais objetivo. Ai para colocar... não sei... ter diferença sabe. “Ah, quantas refeições você faz no dia?”. Tem que ser uma coisa mais prática.

O quadro a seguir, intitulado “Sistema de Divisão Básico de Classes”, foi o critério de estratificação apresentado pelos estudantes posterior aos encontros.

Quadro 4: Sistema de Divisão Básico de Classes

	SIM	NÃO
Alimentação de qualidade		
Acesso à internet		
Emprego estável, não abusivo e remunerado		
Acesso a luz elétrica		
Segurança		
Acesso a saúde de qualidade		
Saneamento básico		
Moradia digna		

Renda familiar mensal	
Gasto familiar mensal	

Pontuação por quantidade de respostas “SIM”:

- 8 pontos = classe média alta ou classe alta;
- 5, 6 ou 7 pontos = classe média baixa;
- Menor que 5 pontos = classe baixa.

Ao considerar que o Brasil foi colonizado pelos portugueses, é possível observar que em determinado momento os estudantes cogitaram considerar fatores históricos do país, o que pode ser assimilado a ideia do ciclo de capitais e *habitus*. A

ideia de capital cultural, em tarefas anteriores, foi considerada como não determinante para a geração de capital econômico. Por conta disso, nesta tarefa, houve a preferência por considerar somente a renda total familiar. Devido a complexidade de mensurar algumas variáveis, a solução encontrada foi simplificar as respostas em “sim” e “não”, ideia esta que acabou se transformando no próprio elemento mensurador do critério construído.

Podemos observar com esta tarefa, que os objetos capital cultural, capital econômico, *habitus* e estratificação foram utilizados para a elaboração do critério, o que faz com que a tarefa cumpra com um dos objetivos iniciais, que era utilizar e concatenar todas estas ideias. Apesar de haver certa semelhança com o Critério Brasil, a distribuição adotada para os pontos foi de criação dos próprios estudantes, onde podemos concluir que houve produção de significados em relação ao núcleo estratificação.

Vale ressaltar que esta foi a última tarefa dos dois encontros, onde o limite de tempo e o cansaço dos estudantes fizesse com que deixássemos de questioná-los o porquê das variáveis escolhidas, porquê da distribuição de pontos e suas respectivas classes e como se enquadra a informação de renda e gastos familiar em um sistema de pontos. Deste modo, consideramos que os objetivos iniciais da tarefa foram alcançados de modo parcial.

6.8 PRODUTO EDUCACIONAL

Numa análise posterior a aplicação, identificamos que todas as tarefas motivaram o debate sobre o tema da desigualdade social no Brasil.

Na tarefa 1, apenas com a introdução do tema a ser tratado e três perguntas, os estudantes introduziram vários objetos para falar da desigualdade social, tais como: classe social, ciclo de capitais (econômico e cultural) e tempo livre.

Na tarefa 2, ao utilizar cada uma das opções somente uma vez na questão 1, os estudantes são colocados frente a uma situação de escolha em que são “obrigados” a enumerar uma lista de prioridades. Ao abrir espaço para fala, foi possível observar que as tomadas de decisão dos estudantes possuíam justificações.

Já nas tarefas 3 e 4, os textos apresentados são complementares. Apesar de ter havido a sugestão de um dos estudantes para que o texto da tarefa 4 viesse antes do texto da tarefa 3, observamos que os estudantes utilizaram dos elementos do primeiro texto para responder as questões da tarefa 4.

Na quinta tarefa, não só os elementos apresentados nos textos das tarefas anteriores foram utilizados, como também foi introduzido pelos próprios estudantes a ideia de estratificação e o debate em relação ao gênero dos perfis apresentados.

Na sexta tarefa, foi notório para os estudantes as inconsistências de cada um dos critérios de estratificação apresentado. Ao terem produzido significado para os elementos apresentados nas tarefas anteriores, o debate da desigualdade social através dos critérios de estratificação tende a ser mais amplo e vai para além dos objetivos específicos de cada um dos critérios. Se esta tarefa fosse apresentada antes das outras, talvez as inconsistências apontadas pelos estudantes não teriam sido tão evidentes.

Na última tarefa, o ponto chave é a tentativa de reunir os vários elementos debatidos anteriormente em um único critério de estratificação. A dificuldade desta reunião leva a compreensão dos critérios atenderem à objetivos específicos e que o debate da desigualdade social pode ir muito mais além dos critérios de estratificação.

Portanto, ao final desta análise, concluímos que o conjunto de tarefas apresentado possui potencialidade para a produção de significados sobre a

desigualdade social no Brasil. Assim, as tarefas aplicadas na pesquisa de campo constituirão, nesta ordem, o produto educacional do presente trabalho. Entretanto, revisões ortográficas e modificações pontuais foram realizadas em algumas tarefas na versão do produto educacional na tentativa de elucidar melhor certas informações para o leitor.

7 CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa foi pautada segundo o objetivo de elaborar um conjunto de tarefas que visasse estimular estudantes do Ensino Médio a refletirem sobre a Educação Financeira e a desigualdade social no Brasil, conjunto de tarefas este referenciado teoricamente pelo Modelo dos Campos Semânticos.

Durante o processo de investigação emergiram duas vertentes de análise, a primeira sobre uma perspectiva subjetiva e outra sobre uma perspectiva objetiva e quantitativa, na qual denominamos de disposições sociológicas e disposições socioeconômicas, respectivamente. Nas disposições sociológicas foram abordados o processo filogenético do homem, a ideia de igualdade, as relações de troca, o comportamento calculista, as construções culturalistas brasileiras, o estudo dos capitais, classe social e também as interações em relações ao tempo. Já as disposições socioeconômicas foram abordadas através dos critérios de estratificação.

Vale destacar que as duas vertentes não são antagônicas nem tão pouco dualísticas. As duas perspectivas na verdade se diferem quanto ao olhar sobre a desigualdade social, onde a segunda, disposições socioeconômicas, pode fazer artifício da primeira, disposições sociológicas, para melhor caracterizar seus critérios.

Uma construção sociológica busca formular tipos ideais das formas correspondentes de ação em casos que envolvam o mais alto grau de integração lógica. Foi seguindo esta linha que realizamos nossa construção sociológica. Porém, entendemos que essa construção é “uma” construção, e não “a” construção sociológica. Assim, consideramos que o presente estudo sociológico ainda é passível de desdobramentos e desenvolvimento. Observação semelhante cabe também para os critérios de estratificação que, apesar de buscarem abrangência, também são passíveis de atualizações, principalmente os que utilizam faixas de renda.

Ao relacionar os campos da Educação Financeira e disposições socioeconômicas junto a desigualdade social, poucos trabalhos acadêmicos emergiram. Constatamos que os critérios de estratificação e a perspectiva socioeconômica são o foco destes trabalhos, onde nenhum deles aborda a

Educação Matemática e a Educação Financeira Escolar, fato este que motivou a realização da nossa pesquisa. É claro que sem o desenvolvimento específico da sociologia, economia e estatística em relação ao tema, não haveria sequer um fio condutor para o debate. Assim, o vínculo que tentamos estabelecer entre a desigualdade social e a Educação Matemática e Educação Financeira Escolar se deu através do conjunto de tarefas produzido.

A pesquisa de campo indica que o debate sobre a desigualdade social e os elementos que a envolvem e a circundam, de fato se externalizou e se desdobrou através das tarefas propostas. Por vezes, elementos munidos de justificações trazidas pelos participantes foram para além dos objetivos propostos para as tarefas, como por exemplo a relevância do debate de gênero para certas ocasiões. A inserção destes elementos superou nossas expectativas iniciais, demonstrando potencialidade e riqueza de possibilidades para o debate sobre a desigualdade.

Com objetivo de debater a desigualdade social de forma rica, elementos como capitais, *habitus*, tempo livre e critérios de estratificação foram apresentados no decorrer das tarefas, acarretando na extensão das mesmas, porém de modo articulado através de um fio condutor. A extensão do conjunto tarefas não impactou em seu desenvolvimento, exceto na última. Logo, ao se tratar da sala de aula, sugerimos que as tarefas sejam realizadas em mais de dois encontros e, se possível, aplicadas duas a duas, seguindo a ordem apresentada.

Analisando os significados produzidos pelos estudantes para os elementos apresentados no decorrer das tarefas, o *habitus* foi o elemento de menor evidência em nossas análises e, de fato, o que gerou mais indagações quando foi apresentado. Um possível motivo para esta dificuldade pode ter se dado pelo desconhecimento tanto do conceito quanto também da palavra *habitus*, desconhecimento este sinalizado pelos estudantes. Dada sua relevância para o debate de desigualdade, por mais que o *habitus* se apresenta de forma complexa, entendemos que ele deve continuar presente no conjunto de tarefas.

Os estudantes, ou participantes da pesquisa, que integraram nosso estudo já haviam tido contato anterior tanto com temas de Educação Financeira quanto de empreendedorismo. Como na pesquisa os debates foram para além dos objetivos propostos, consideramos que em sala de aula os desdobramentos em relação a

produção de significados podem atingir a, pelo menos, aos objetivos iniciais propostos para cada tarefa.

Da análise da pesquisa de campo e do estudo investigativo sobre a desigualdade junto as motivações iniciais para a realização desta dissertação, podemos destacar que a percepção do fator tempo se configura como uma essência para o navegar em “águas profundas” que é a desigualdade social. No ciclo de reprodução de privilégios, o tempo livre é o start para aquisição de capital cultural que acarreta em trabalho especializado e capital econômico. Porém, por mais que o tempo livre seja um fator de peso, o próprio processo escolar e a aquisição de capital cultural exigem perspectivas longitudinais. É essa perspectiva longitudinal ou capacidade de prospecção ou pensamento prospectivo que faz de o fator tempo ser uma essência para o debate em desigualdade.

As informações que obtivemos dos estudantes, permitiram uma revisão e atualização das tarefas para o produto educacional, de modo a elucidar melhor certas informações para o leitor.

Do nosso grupo de pesquisa, outros trabalhos sobre Educação Financeira Escolar estão sendo desenvolvidos, tanto para o segundo segmento do Ensino Fundamental como também para o Ensino Médio. Estes trabalhos abordam diversas outras temáticas da proposta de currículo do qual seguimos, salvo um deles, que se propõe também a debater a desigualdade social no Brasil.

Vale destacar que com o desenvolvimento dessa pesquisa, nosso olhar em sala de aula também se modificou. Uma das premissas do Modelo dos Campos Semânticos é que o conhecimento está na enunciação. Partindo deste ponto, as dinâmicas propostas têm permitido aos estudantes mais espaço para explicitar suas produções de significados. Nosso olhar também se tornou mais sensível em relação as disposições da desigualdade social e suas conexões.

Esperamos que este trabalho contribua para o debate sobre a desigualdade social no Brasil, onde uma possível continuidade pode se dar através do enriquecimento das disposições sociológicas, acrescentando outros elementos e conexões, ou também na direção das disposições socioeconômicas, explorando os indicadores e variáveis que podem ser utilizados através deles.

REFERÊNCIAS

ALBINO, L. **10 lições sobre Max Weber**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 108p.

AZEREDO, G. G. **Estratificação de Classes Socioeconômicas**: um modelo teórico utilizando os dados dos censos brasileiros. 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Engenharia de Produção, Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2015.

BAUMAN, Z. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. 103p.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 199p.

BOBBIO, N. **Liberalismo e democracia**. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2017. 144p.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2013. 335p.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Institui a Estratégia nacional de Educação Financeira – ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm. Acesso em: outubro de 2019.

BRASIL. **Plano Diretor da ENEF: Estratégia Nacional de Educação Financeira**. 2017. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-Estrategia-Nacional-de-Educacao-Financeira.pdf>. Acesso em: outubro de 2019.

CAMPOS, M. B. **Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: uma análise da produção de significados**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

CRITÉRIO de classificação econômica Brasil. São Paulo: Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa, 2019. 6p.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa dicionário. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008. 896p.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3. ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2012. 228p.

KAMAKURA, W. A.; MAZZON, J. A. Critérios de estratificação e comparação de classificadores socioeconômicos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.56, n. 1, p. 56-70, jan./fev. 2016.

KAMAKURA, W. A; MAZZON, J. A. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2013. 286p.

LINS, R. C. Epistemologia, História e Educação Matemática: Tornando mais Sólidas as Bases da Pesquisa. **Revista de Educação Matemática da SBEM-SP**, Campinas ano 1, n.1, p. 75-91, set. 1993.

LINS, R. C. O Modelo Teórico dos Campos Semânticos: Uma análise epistemológica da álgebra e do pensamento algébrico. **Revista Tecno-científica**, Blumenau, v.1, n.7, p. 29-39, abr/jun 1994a.

LINS, R. C. Epistemologia e Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v.9, n. especial 3, p. 35-46, 1994b.

LINS, R. C. Notas Sobre o Uso da Noção de Conceito como Unidade de Estruturante do Pensamento. In. Escola Latino-americana sobre Pesquisa em Ensino de Física, 3., 1996, Canela - RS. **Anais do III ELAPEF** Canela, 1996. p.137-141.

LINS, R. C. Por Que Discutir Teoria do Conhecimento é Relevante para a Educação Matemática. In. BICUDO, M. A. V. (org.). **Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 75-94,

LINS, R. C. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e nota de teorização. In: ANGELO [et al.] (org.). **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. 1. ed. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 11-30.

LOTH, H. M. **Uma investigação sobre a produção de tarefas aritméticas para o 6º ano do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011

MEDEIROS, M. **Medidas de desigualdade e pobreza**. 1. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 172p.

MONTEIRO, J. M. **10 lições sobre Bourdieu**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018. 133p.

MOREIRA, E. Desigualdade & caminhos para uma sociedade mais justa. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 142p.

NERI, M. C. A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre a distribuição de renda e a pobreza? **FGV Social**, Rio de Janeiro, 34p., ago. 2019.

NERI, M. C. **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010. 121p.

PAIVA, G. F. S.; SILVA, D. B. N.; FEIJÓ, C. A. Consumo e Critérios de Classificação Socioeconômica: um estudo aplicado à pesquisa de orçamentos familiares. In: Conferência IARIW-IBGE sobre Renda, Riqueza e Bem-estar na América Latina, 2013, Rio de Janeiro.

PESQUISA de orçamentos familiares 2017-2018: primeiros resultados / IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 72p.

PIEDADE, A. F. **Capital Cultural como Elemento Estratificador da Sociedade: evidências empíricas em Belo Horizonte.** 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2009.

POCHMANN, M. **Desigualdade Econômica no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2015. 168p.

QUITTO, N. **Métodos de Estratificação Socioeconômica: um estudo comparativo qualitativo/quantitativo.** 2015. 68 f. Monografia (Pós Graduação em Pesquisa de Mercado) Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROSA, T. M.; GONÇALVES, F. O.; FERNANDES, A. S. **Estratificação Socioeconômica: uma proposta a partir do consumo** In: XX FÓRUM BNB DE DESENVOLVIMENTO, 2014, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza, 2014. p. 1-23.

ROUSSEAU, J. J. **A origem da desigualdade entre os homens.** 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia da Letras, 2017. 147p.

SILVA, A. M. **Sobre a dinâmica da produção de significados para a Matemática.** Tese (Doutorado em Educação Matemática), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2003.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. **Educação Financeira na Escola: a perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.** Boletim GEPEM, 2015.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. **Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica.** In: XI ENEM – XI Encontro Nacional de Educação Matemática, Curitiba. Anais... Curitiba: 2013. p. 1–17.

SINTESE de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018 / IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 151p.

SINTESE de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 134p.

SOARES, F. P. **Os debates sobre Educação Financeira em um contexto de financeirização da vida doméstica, desigualdade e exclusão financeira.** 2017. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Centro de Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite.** 2. ed. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. 272p.

SOUZA, J. **A elite do atraso.** 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019. 271p.

VISSER, R. G. B. **Para uma sociologia do dinheiro:** investigações sobre o habitus econômico de classe. 2015. 214 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: QUADRO DE DISSERTAÇÕES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO NIDEEM

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	EIXO NORTEADOR
NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Uma Investigação sobre Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental	2012	Marcelo Bergamini Campos Amarildo Melchiades da Silva	Eixo II
NPE: Sequência Didática			
DM: Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º Ano do Ensino Fundamental	2013	Luciana Aparecida Borges Losano Amarildo Melchiades da Silva	Eixo II
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira e Educação Matemática: a inflação de preços	2014	Márcio Carlos Vital Campos Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar para Estudantes com Deficiência Visual	2014	Glauco Henrique Oliveira Santos Amarildo Melchiades da Silva	Eixo II
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar: Orçamento Familiar	2014	Raquel Carvalho Gravina Amarildo Melchiades da Silva	Eixo II
NPE: Sequência Didática			
DM: Objetos de Aprendizagem como Recurso Educacional Digital para Educação Financeira Escolar: Análise e Avaliação	2014	Gisele Barbosa Liamara Scortegagna	Não identificado
NPE: Manual do Professor			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros	2015	Jesus Nazareno Martins Dias Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I
NPE: Sequência Didática			
DM: Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em Educação Financeira Escolar	2015	Andréa Stambassi Souza Amarildo Melchiades da Silva	Não identificado
NPE: Proposta de Curso			
DM: Educação Financeira Escolar: Planejamento financeiro	2015	Gláucia Sabadini Barbosa Amarildo Melchiades da Silva	Eixo II
NPE: Sequência Didática			
DM: MOOC na Educação Financeira: análise e proposta de desenvolvimento	2016	Luís Felipe da Silveira Liamara Scortegagna	Eixo I
NPE: Proposta de Curso			
DM: Educação Financeira Escolar: as armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo	2017	Katyane Anastácia Samoglia Costa Capichoni Massante Amarildo Melchiades da Silva	Eixo III
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade de consumidores	2017	Vivian Helena Brion da Costa Silva Amarildo Melchiades da Silva	Eixo III
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira e Educação Matemática: Inflação de preços no Ensino	2017	Leandro Gonçalves dos Santos Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I

Médio			
NPE: Sequência Didática			
DM: Dispositivo móveis no Ensino de Educação Financeira Escolar: análise e aplicação de tarefas	2018	Fausto João Alves Fernandes Liamara Scortegagna	Eixo II
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros no Ensino Médio	2018	Camila de Almeida Franco Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I
NPE: Sequência Didática			
DM: Produção e Implementação de um Simulador Financeiro como aporte a Tarefas Destinadas aos Ensino de Educação Financeira Escolar	2018	Alex Machado Leite Liamara Scortegagna	Eixo I
NPE: Simulador Financeiro			
DM: Educação financeira e educação estatística: inflação como tema de ensino aprendizagem	2018	Tamara Müller Ronaldo Rocha Bastos	Eixo I
NPE: Sequência Didática			
DM: A Produção de Projetos de Educação Financeira Escolar	2019	Roberta Gualberto Ferreira Amarildo Melchiades da Silva	Não identificado
NPE: Manual do Professor			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança no Ensino Fundamental	2019	Luciana Maria da Silva Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I e II
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do ensino fundamental	2019	Dailiane de Fátima Souza Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I e IV
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar: desenvolvimento de comportamentos empreendedores em alunos do ensino médio	2019	Elisangela Pires Liamara Scortegagna	Não identificado
NPE: Manual do Professor			
DM: Gamificação como proposta para engajamento de alunos em MOOCS sobre Educação Financeira Escolar: possibilidades e desafios para Educação Matemática	2019	Joarez Jose Leal do Amaral Liamara Scortegagna	Não identificado
NPE: Proposta de Curso			
DM: Educação Financeira Escolar: o valor do dinheiro no tempo no Ensino Médio	2021	Jaciene Lara de Paula Caetano Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Investimento no Ensino Médio	2021	Silvânia de Castro Duriguêto Amarildo Melchiades da Silva	Eixo I
NPE: Sequência Didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão financeira nas experiências cotidianas	2021	Priscila Fontes Juste Amarildo Melchiades da Silva	Eixos III e IV
NPE: Sequência Didática			
DM: As dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da Educação Estatística: um estudo de caso com alunos do Ensino Médio	2022	Natasha Cardoso Dias Ronaldo Rocha Bastos	Eixo IV
NPE: Sequência Didática			

DM: Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil	Em andamento	Hugo Lagrimante Ferreira Amarildo Melchiades da Silva	Eixo IV
NPE: Sequência Didática			
DM: Valor do dinheiro no tempo: recurso educacional digital no processo de Ensino e Aprendizagem da Educação Financeira Escolar	Em andamento	Tahieny Kelly de Carvalho Liamara Scortegagna	Eixo I
NPE: Sequência Didática			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 14 set 2020.

APÊNDICE 2: TERMO DE COMPROMISSO ÉTICO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Termo de Compromisso Ético

Firmamos este termo de compromisso com a finalidade de esclarecer os procedimentos que envolvem a pesquisa “Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil”, a utilização dos dados coletados e deixar transparente a relação entre os envolvidos e o tratamento e uso das informações coletadas.

As atividades realizadas servirão como material para pesquisas no âmbito da Educação Matemática, que procuram entender e analisar o processo de produção de significados de alunos(as) do Ensino Médio sobre aspectos e dimensões da desigualdade social no Brasil sob a perspectiva da Educação Financeira Escolar. Este material será parte integrante de nossa dissertação de mestrado, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática.

O acesso aos registros escritos e em áudio será exclusivo do grupo de pesquisa, que assume o compromisso de não os divulgar, e será feito preservando-se a identidade dos sujeitos em sigilo. Nas pesquisas que utilizarem o material coletado não será feita menção ao ano e a instituição onde a pesquisa foi realizada para preservação da identidade do grupo.

As informações provenientes da análise dessas atividades poderão ser utilizadas pelos pesquisadores em publicações e eventos científicos e divulgadas a todos aqueles que se interessarem pelas pesquisas, na forma acima indicada.

São Gonçalo, _____ de abril de 2021.

Hugo Lagrimante Ferreira (e-mail: hugolagrimantef@gmail.com) - **Pesquisador responsável por este estudo.**

Nome do aluno(a) participante da pesquisa

Aluno(a) ou Responsável pelo(a) aluno(a) (se for menor de idade)

APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO COMPLETA DO PRIMEIRO DIA DE GRAVAÇÕES DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.

Pesquisador: para começar vamos fazermos alguns protocolos. Na primeira seção do formulário tem para vocês preencherem o e-mail, o nome completo, a idade de vocês e também um nome fictício na última pergunta desta primeira seção. Se tivermos que falar que “tal” pessoa falou “tal” frase, nós não vamos usar os nomes reais de vocês, vamos usar o pseudônimo. Se quiser colocar um totalmente diferente, de gênero diferente, vocês podem. Isso é para não aparecer o nome real de vocês na pesquisa.

Ítalo: colocamos a idade que vamos completar este ano?

Pesquisador: pode ser, ou a ideia atual, tanto faz.

- É dado um tempo de 1 minuto para os participantes preencherem os dados no formulário.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 1.

Pesquisador: então antes de começar o nosso debate e ler algumas coisas em relação ao tema, eu queria que vocês respondessem inicialmente algumas perguntas para começamos as nossas reflexões. Essa é a nossa tarefa 1. Como que eu gostaria que vocês fizessem a dinâmica: nesse link que eu compartilhe do formulário, cada seção vai ser uma tarefa, então antes da gente abrir o espaço para o debate, escrevessem algumas coisas e respondessem as perguntas, do jeito que vocês quiserem responder e o que vier na cabeça de vocês.

Neste momento, o pesquisador faz a leitura das questões 1 e 2 da tarefa 1.

Pesquisador: eu queria então que vocês refletissem sobre estas três perguntas e respondessem no formulário. Acho que três a cinco minutos dá tempo. Isso é para ter uma parte escrita e depois trocarmos uma ideia sobre elas. Pode ser assim a dinâmica?

Ítalo: a gente teria que colocar por escrito os nossos argumentos ou simplesmente ser monossilábico e depois dar nossos argumentos na hora que a gente for falar?

Pesquisador: seria interessante você colocar alguns argumentos, mas não precisa ser tão extenso assim nesta parte escrita. O interessante é a gente trocar uma ideia depois aqui. Mas é só para termos mais um registro e na hora que a gente começar a debater, não influenciar no pensamento um do outro. Às vezes você tem um pensamento e na hora que a gente começar a trocar uma ideia as vezes já vai surgindo outras coisas. Então seria legal captar através dessa escrita de vocês, dessa resposta, um pensamento que vocês têm sem a gente trocar uma ideia prévia.

Ítalo: Entendi! Beleza!

P.H.: eu já acabei. Eu passo para a próxima?

Pesquisador: Não, primeiro a gente troca uma ideia sobre esta tarefa e vamos passando para as outros com todo mundo.

P.H.: Show!

- Neste momento é dado um tempo para os alunos responderem as questões da tarefa 1. Intervalo de 2:40 minutos em silêncio entre as falas.

Pesquisador: qualquer dúvida vocês falem, ok?

Mais um intervalo de 1 minuto.

Alana: já acabei aqui também.

Pesquisador: beleza! Podemos então trocar uma ideia sobre isso?

Professora: acho que falta a Ítalo.

- Outro intervalo de 2:30 minutos entre as falas pois ainda havia alunos respondendo a tarefa 1.
- É sinalizado no chat que todos haviam terminado.

Pesquisador: foi? Beleza! Então “bora lá”. Primeira pergunta: Você gostaria de mudar a sua condição financeira e social atual? Por quê? Alguém quer falar?

Alana: posso começar?

Pesquisador: pode!

Alana: eu marquei que sim, eu quero mudar de classe social. Eu gostaria de mudar porque atualmente dinheiro é sinônimo de poder aquisitivo e eu queria estudar para poder fazer a diferença, talvez para reverter este quadro atual que a gente vive.

P.H.: eu acho que a minha não seria muito diferente, seria semelhante. Eu acho que toda trabalhadora e todo mundo que não tenha acesso a uma renda tão alta, tem esse desejo de ter uma renda maior ou poder ter acesso a mais bens de consumo.

Olivia: eu segui a mais ou menos a mesma linha de raciocínio. Para ter uma estabilidade financeira maior, para poder fazer mais coisas, para ter acesso a mais estudos, essas coisas.

Alana: eu acho que não seria nem o caso de querer mudar minha classe social, porque você vê aqui que todo mundo respondeu na mesma linha, a gente queria ter acesso à educação. Mas é idiota a gente precisar de dinheiro para ter acesso a educação, não idiota a gente pensar nisso, mas era para ser um direito nosso, era para todo mundo ter acesso e não ser uma questão de poder aquisitivo.

P.H.: Ítalo, você vai falar ou eu posso falar?

Ítalo: no caso eu falei que sim, só que não drasticamente. Eu tenho uma crença que junto com a riqueza vem também a tentação aos excessos e entra mais em uma parte moral de não me perder quem eu sou. Se eu vim dessa forma, eu prefiro que... se eu estou nesse momento atual, eu preciso estar dessa forma, quando for a minha vez de mudar alguma coisa, aí vai ser de mim lutar para isso acontecer.

P.H.: posso aqui começar uma doutrinação? Vale dizer, tem um filósofo que eu não posso citar o nome, que o nome dele é proibido nas universidades do Brasil, mas que ele disse que a luta de classes é a base do ser humano. Então, tudo que a gente vive hoje é um reflexo da luta de classes. A gente tem que pagar pela educação hoje em dia tem muito a ver com a luta de classes, porque a gente tem que pagar, tem que... porque educação é um produto visto pelo sistema vigente atual. O sistema vigente está privatizando a água agora. Semana passada privatizaram a água do Rio de Janeiro. Para o sistema atual tudo é um produto, a gente é um produto. Nós não somos vistos como seres humanos que queremos educação, que queremos ter desejos, que queremos ter acesso a bens de consumo e sim, nós somos vistos como seres que precisam pagar para ter acesso a alguma coisa, receber migalhas. Quando a gente diz que receber um pouco mais de dinheiro, a gente tem muito desse negócio de... porque os salários atuais são literalmente o suficiente para gente pagar as contas e é isso. Eu não lembro o nome certo disso, mas tem uma regra que é mais barato você manter um salário mínimo para uma classe trabalhadora do que você procurar outra em outro lugar. Porque isso já aconteceu e existe uma coisa chamada liberalismo que não deixa isso acontecer. Foi o caso da escravidão, do feudalismo, esse monte de coisa. E não tem mais espaço na nossa sociedade, porque a sociedade por mais que tenha evoluído,

não tem mais... não tem ainda uma forma de pensar na classe trabalhadora, ela pensa muito mais na forma de somos todo humanos, somos todos iguais e não como a luta de classes em si, porque a luta de classes é o reflexo de tudo que está acontecendo.

Pesquisador: mais sobre isso?

P.H.: nada mais aqui.

Pesquisador: beleza! Pessoal, eu vou tentar não opinar muito depois das respostas que vocês derem, vou tentar deixar ao máximo para o final. Vou anotando aqui algumas coisas e vou tentar deixar ao máximo para o final para não influenciar em outras coisas. Mas então beleza. Vocês responderam muito voltados para essa questão da condição financeira, afeta muito, de fato. Aí vem a pergunta dois: quais são os caminhos possíveis que você vê para que uma pessoa possa, caso ela queira, mudar sua condição financeira?

Alana: a educação. Mesmo não sendo uma garantia, por meios legais, a única coisa que a gente tem agora é a educação, mas mesmo assim não é uma garantia de a gente vai conseguir mesmo mudar. Ou pela exploração também ne, se você quiser.

Olívia: cara, eu coloquei isso também, pela educação, pelo esforço. Mas a gente vê que não muito isso entendeu... porque tem gente que se esforça muito tempo para muita coisa e não subiu. Eu acho que na sociedade que a gente vive, só o nosso esforço não é o suficiente, tem que ter a questão do dinheiro também, sempre vai voltar para isso, esse vai ser o ponto. Se você tem mais dinheiro, você consegue fazer você fazer ter mais visão, você é mais visto. Mesmo que a gente tente aqui, agora nesse momento, é capaz da gente nunca conseguir. São poucos... (falha no áudio da gravação por 13 segundos)

Pesquisador: P.H., Ítalo?

Ítalo: é que por exemplo, a gente, entre nós que somos alunos da mesma escola e tau, a gente tem aula de empreendedorismo e de educação financeira. Mas para gente ter estas matérias, a gente está em uma boa escola que no caso os nossos pais pagam. Se a gente tivesse em uma escola pública, a gente não ia estar tendo estas matérias e base do que a gente está tendo, a gente não iria ter. Ia ficar só por a gente querer ir lá, pesquisar e correr atrás, mas sem nenhum tipo de auxílio ou alguém direcionando a gente. A gente não ia ter a ideia do zero de saber o que está certo e o que está errado.

Pesquisador: você acha que o sistema proporciona menos coisas, se você for comparar o sistema de ensino público e privado. O sistema público te proporciona menos?

Ítalo: Sim! Para gente conseguir dinheiro, no caso aluno, jovem, para gente conseguir dinheiro no futuro, a gente tem que ter tido dinheiro no passado, nossos pais tinham que ter dinheiro para gente... para gente ganhar dinheiro a gente tem que ter dinheiro. Empreender, no caso, que foram as coisas que eu escrevi ali, ter uma base de estudos, algum tipo de profissionalização, que também não é garantia e ter sorte, muita sorte.

Alana: não é à toa que a Ítalo falou. A gente paga o colégio mais caro de São Gonçalo. É o mais caro de São Gonçalo sei lá, acho que desde 2019. A gente está tendo educação Financeira, empreendedorismo e não é todo mundo que tem acesso a isso. Fora que de uns tempos pra cá, de uns tempos pra cá não, acho de uns meses, veio com esse negócio de querer taxar livro e a educação vem se tornando uma coisa cada vez mais elitista.

P.H.: mas educação se torna elitista porque esse é todo um propósito, porque foi o que vocês falaram, a educação é a única forma que a gente tem de mudar o mundo. A educação é o caminho pra gente ter uma vida política e a única forma de mudar a sociedade de uma forma geral é política. De uma forma geral com revolução, com leis no congresso, tudo é política. Eu estava aqui anotando alguns pontos sobre a pergunta e antes de tudo eu queria criticar o empreendedorismo, porque empreendedorismo é uma “baboseira”, esse negócio de faça por você, a gente tem que fazer por nós, sabe, que não tem outra pessoa, que a gente tem que começar a criar nossos próprios ideais, a gente tem que ser produtivo acima de tudo. Eu estava lendo um livro, não vou citar o livro como se eu tivesse lido o livro várias vezes, eu li duas páginas do livro. O Livro é “Sociedade do Cansaço” e um livro maravilhoso do Byung-Chul Han que ele critica toda essa lógica de que a produtividade é uma coisa muito boa, que a gente trabalhar enquanto os outros estão descansando é uma coisa muito boa, por que não é. A gente só está criando mais um espaço interessante dentro das nossas cabeças e que a gente acaba criando mais e mais neuroses e mais e mais doenças mentais. Ele disse que o século XXI é o século, é a era das doenças neurais. Ele disse que a gente já passou da hera das doenças bacterianas, a gente já passou da hera das doenças virais, mas agora a gente

chegou na hera das doenças neurais. E é a hera da parte mais difícil, porque todo esse discurso de positivismo, todo esse discurso de faça você mesmo acaba criando todo um gatilho contra você mesmo e acaba que você não ser produtivo, você não fazer um curso, por exemplo, você não querer estudar mais o tempo inteiro, você não querer ter ideias e está colocando elas em prática o tempo inteiro, acaba colocando você contra você mesmo. Enfim, vamos encerrar este tópico. Eu coloquei aqui também que educação não muda classe. Não adianta a gente falar que vamos estudar o máximo possível, que a gente vai mudar, que agora eu não vou mais receber um salário de dois mil reais, agora eu vou receber de seis mil reais. Isso não é nada. Porque enquanto você estiver trabalhando, ainda vai ter alguém tirando um pouquinho de mais valia de você. Porque a gente ainda vai estar trabalhando, vai estar em cima deste sistema, a gente não vai poder mudar sozinho. A educação, por mais que ela seja extremamente importante, ela não tem como mudar toda sua classe, ela não tem como fazer você criar novos caminhos de renda e tal, você não tem como mudar sua classe social. Sua classe social tem muito mais haver com sorte, como a Ítalo falou, até coloquei isso no meu texto, e com o pequeno empurrãozinho de pessoas já privilegiadas, eu coloquei isso. Se a gente for observar pessoas, já famosas, já importantes, tipo o Elon Musk, o pai dele tinha uma mina de esmeralda, o Bill Gates foi a primeira pessoa a ter um computador nos Estados Unidos. São pessoas que já eram privilegiadas e mesmo assim a gente recebe acessória de faça por você mesmo, que agora eu volto, é uma coisa criada pelo empreendedorismo, de que a pessoa está fazendo por si. Só que ela não está fazendo por si, ela já recebeu todo um empurrãozinho por trás. Tem essa história de meritocracia, que a gente tem que criar mais por nós, a gente tem que fazer tudo que... tudo que está acontecendo aqui com a gente é culpa nossa, não importa se a gente tem fome, se a gente tem frio, se a gente não tem um teto sobre a nossa cabeça. Isso tudo vai ser culpa nossa. Mas a meritocracia não consegue entender que não dá pra tirar a fome, ela não entende que a gente não tem como não beber água, ela não entende que a gente não tem como não sentir frio. Meritocracia e o empreendedorismo no geral é uma “baboseira”, é uma “baboseira” sem nenhum escrúpulo porque literalmente ela está botando a classe trabalhadora contra a classe trabalhadora. Eu ontem postei um meme sobre isso no status, porque tem aquela coisa lá de... era escrito: “dê cinco mil reais a um pobre e dê cinco mil reais a um

rico. O pobre vai voltar com um iPhone e o rico vai voltar com cinquenta mil reais”. Mas porque isso? Pôr o pobre, enquanto a sociedade está excitando o consumo da pessoa pobre, essa pessoa ainda é criticada por consumir, por ele seguir essa lógica da classe dominante. E a pessoa rica, ela gastou tudo em pó e pegou cinquenta mil reais com o pai que usa trabalho escravo na fazenda. Tem esse negócio do meme de causar toda uma reflexão por trás com coisas super resumidas. Eu não lembro que disse, mas dizem que se chama o super poder de síntese, que você acaba sintetizando tantas coisas em um negócio tão pequeno que faz você ter muitas interpretações a isso. Tem aquele meme da conversa do patrão e do empregado. Aí o empregado fala para o patrão: “eu adorei o seu carro!”. Aí o patrão: “você gostou? Trabalha bastante, chegue cedo, nunca se atrase, faça tudo no horário, seja extremamente produtivo que no final do ano eu compro outro para mim”. Toda essa lógica de lucro fica concentrada no patrão, mesmo que seja o funcionário. Há alguns dias, alguns dias não, já tem algumas semanas eu estava no twitter, por exemplo, e aí eu ouvi o cara, que ele falou que três dias de trabalho dele dão para o chefe o que ele ganha o ano inteiro de salário. E dizer que mais valia não existe, que estão roubando o trabalho da classe trabalhadora, é mentira. Ah, e eu anotei outra coisa. O sistema público que estavam falando, é ruim de propósito. Tem um “negocinho” chamado educação militar, porque isso aí é uma das formas de dominação. Enquanto a classe trabalhadora recebe educação militar e aprende a obedecer ordens e a trabalhar de forma cada vez mais produtiva e tal, a classe dominante vai numa escola particular como a nossa, a gente estuda numa escola particular e é privilegiado neste aspecto, a gente tem acesso a criatividade, a gente pode ser criativo, a gente pode trabalhar em equipe, a gente aprende a ser líder, a questões de liderança, enquanto uma escola pública é propositalmente ruim porque isso não vai melhorar... esse acesso à educação vai ajudar a dominação da classe dominante. Nesse caso, a gente estuda lado a lado com pessoas da classe dominante, só que no caso não tem como saber. Isso é tudo. Falei muito. Desculpa.

Pesquisador: Nada, que isso.

Alana: posso falar mais sobre?

Pesquisador: pode, vai lá.

Alana: cara, muito bem citado “self made man”. Eu já tinha anotado aqui pra falar sobre inclusive. Porque não só sobre uma lógica de “ah, faça você mesmo”, o

homem faz o homem, todo mundo pode empreender. Não! “Self made man” é inclusive você destruir outras pessoas pra você ser o primeiro, pra você ser o líder. Então muito bem citado. E também tem muitas essas frases tipo: “ah, trabalhem enquanto os outros dormem”, “estude enquanto outros descansam, enquanto os outros se divertem”. E é o que você falou, não é atoa que o século XXI é o século das doenças mentais. Ai segundo você falou sobre educação não só suficiente pra gente mudar de classe social. E cara, é muito verdade, porque se a gente olhar o quanto os doutores e mestres espalhados pelo Brasil estão desempregados, estão passando fome, e são as pessoas que... gente que fez pós-doc está passando fome, que é o máximo da sua formação que você pode alcançar. É muito bizarro realmente a gente pensar que a educação não é suficiente pra gente mudar. E quando você falou que a escola pública é ruim de propósito, pra mim você ia falar de função e não de propósito ou algo ocasional, porque tem muita gente que vai para a escola pública pra comer, porque não tem o que comer em casa. Ele não vai por uma questão de estudo em si, “nossa eu vou pela educação”. Não! Ele vai para voltar com o saquinho de leite pra casa. Acho que era isso. Eu ia falar mais sobre “self made man” mas já foi citado.

P.H.: esse negócio da pessoa que vai comer, vale lembre que essa coisa das pessoas que vão na escola pra comer, que essas crianças que vão na escola pra comer, começou tem quanto tempo? Uns 20 anos? Não tinha esse negócio de criança ir para a escola pra comer a 30 anos, 40 anos. As escolas eram tão sucateadas que não tinha comida no mínimo, que é o básico do básico. Até hoje tem muita coisa que é o básico do básico que está faltando, como por exemplo, tem escola que não tem banheiro, tem escola que falta eletricidade. São coisas indispensáveis e que ainda assim estão faltando e que fazem extremamente a diferença. Sobre isso, vale lembra que quem foi eleito a uns 20 anos no Brasil, foi um governo de centro-esquerda, que ainda que sejam governos que faziam conciliações e davam concessões enormes a burguesia, eles ainda tinham um pouquinho de vontade de dar respaldo ao povo, um pouquinho bem básico. Eu gosto de falar que o Brasil tem um ciclo, que é o ciclo do... a gente elege um governo de esquerda, o governo de esquerda cria uma classe média, a classe média acha que é rica, elege um governo de direita, a direita destrói a classe média e ai elegem de

novo um governo de esquerda. Nesse momento a gente está vendo a classe média sendo destruída.

Alana: isso que você falou também de as escolas não terem acesso a eletricidade, isso ficou muito explícito no passado né, porque tiveram diversos colégios públicos que pararam por mais de um ano por não ter estrutura pra fornecer o ensino remoto. Por isso que tem muito esse impasse inclusive de “ah, retorno as aulas presenciais”, porque tem gente que está sem aula a mais de um ano, não tem estrutura. Nem em casa nem na escola pra receber esse tipo de educação.

P.H.: essa semana a gente recebeu a notícia, UFRJ vai fechar. É a maior universidade da história do Brasil, é a universidade mais antiga do Brasil, ela tem duzentos anos de história e ela vai fechar. Esse é um sinônimo do sucateamento. Agora eu vou criticar o neoliberalismo. Ah gente, cheguei em outro estágio. Esse negócio de vamos sucatear pra poder vender, como fizeram com os correios, como fizeram com a Vale, como fizeram com todas as outras empresas Brasileiras que eram estatais e que davam lucro e que eram de qualidade, mas que foram sucateadas com o tempo e com o passar dos anos e que agora estão sendo vendidas para um capital que é estrangeiro. Quem comprou a Vale por exemplo? Foram estatais de mineradoras de outros países. Ai a gente vê, quando são empresas privadas que tem acesso, a gente tem essa lógica do lucro. Essa sim é uma lógica do mercado de “vamos fazer o maior lucro possível”, “vamos diminuir os custos”. E quais são os custos que são diminuídos? É o custo humano. Aí diminui a quantidade de mão de obra de pessoas empregadas, diminui o salário das pessoas. Aumenta os danos ambientais, por exemplo a Vale, a gente nunca tinha tido um problema tão catastrófico, como de Mariana, Brumadinho e de outras quinze barragens que estão com risco de acontecer a mesma coisa. A Vale já existe desde a década de 40. Até a década de 90, quando ela foi privatizada, nunca tinha tido um acidente desta magnitude. Nunca tinha tido um acidente tão grande que matou todo um ecossistema. Tem gente que fica falando de... “vamos privatizar, que aí vai melhorar o serviço”, mas vai melhorar para quem? Quem é que vai ter acesso a esse serviço mesmo depois de privatizado? O Correios é a única empresa do país que está presente em todas as cidades de todas as regiões. Mas quando a gente vê o lucro delas, a maior parte destas lojas não dá lucro, mesmo assim a loja Correios dá um lucro muito grande para o governo. E esse lucro vai para aonde? Vai para os

cofres públicos, que aí vão pagar a dívida né, ou falsa dívida que o pessoal fala, vai pagar a educação, vai pagar melhorias na infraestrutura, vai pagar saúde. E tudo isso é diluído pra poder levar mais lucro ao bolso do empresário, por que essa é a lógica do neoliberalismo, esse é o “nós por nós” deles.

Pesquisador: nem vou fazer a pergunta C. Acho que na fala de vocês já veio bastante coisa. Bom, vou fazer! As vezes vocês ainda querem...

Professora: Hugo, a Olívia estava com a mão levantada.

Pesquisador: desculpa, não vi. Diga aí Olívia.

Olívia: eu volto lá na fala do P.H. da escola estar cada vez mais elitista e que a Alana falou também. Tipo assim, ele falou sobre as escolas públicas não tem... estrutura e ele falou que isso é proposital. E é o que eles estavam falando de taxar o livro agora. Tipo, uma sociedade que não lê, uma sociedade que não pesquisa é muito melhor para o governo. Por que ele lança qualquer proposta ali com o falso pretexto de ser melhor pra gente. O povo que não lê e não estuda, não tem a oportunidade de ter esse tipo de estudo, vai acerta. É o governo, é para o nosso bem, entre muitas aspas, e é o que tem, então vou confiar, entendeu? Mas aí a gente vê como a gente tá né.

Pesquisador: Mais alguém sobre essa? E a três galera, a letra C: Você acha que é justa e igualitária a distribuição de renda e riqueza na população brasileira? Vocês já falaram bastante coisa aí, se alguém quiser só complementar.

Alana: É que eu fiz um levante aqui de 2019 pra cá. Não é curioso como o nosso PIB desceu 4,1%, mas nós tivemos mais vinte e um bilionários no país. Acho que foi até o P.H., já faz mais de um ano isso que publicou, postou uma matéria falando que era impossível ter bilionários no Brasil. Então a gente consegue ver por aí como esta situação está discrepante.

P.H.: eu falei isso no texto. Eu não tenho muita coisa a declarar por que eu já falei muita coisa sobre isso nas minhas outras falas. Mas um país que está produzindo bilionários enquanto está deixando pessoas na fome, inclusive o levante que tinha sido era quer 125 milhões de pessoas passando fome, enquanto vinte e uma pessoas viravam novos bilionários, mostra muito quem é que está dominando aquele país e qual é o propósito de tudo que está acontecendo nesse país. Dá muito a entender, a gente vendo esses dados.

Olivia: cara, eu volto no ponto de destaque: o rico sempre mais rico e o pobre sempre mais pobre. Aí volta toda aquela coisa... você enriquecer, você ter a sua condição financeira melhorada, você tem que ter alguém que já tenha uma condição boa te ajudando. Volta sempre a essa mesma questão, aí volta tudo, volta questão de governo, volta questão de estudo. É um ciclo sem fim. E sempre vai ser se a gente não fizer nada. Não tem força o suficiente para fazer.

Pesquisador: Mais?

Alana: isso que ela falou de a gente não ter força para fazer é muito interessante, né, por que quando a gente está quase culminando em uma revolução, eles dão alguma coisa pra gente que acalma todo mundo por um tempo e toda essa luta se perder, a gente se desorganiza completamente, a gente fica polarizado e nunca dá certo.

P.H.: mas o Brasil... aí, desculpa gente, agora eu preciso criticar a classe trabalhadora, desculpa gente. Mas a gente tem uma classe trabalhadora que é extremamente despolitizada e extremamente desmotivada e isso não é culpa dela. A culpa é muito mais da classe dominante. A gente é um país colonial, a gente nunca deixou de ser colônia, só que os colonizadores mudaram. Agora não são os europeus, são os brasileiros que se acham europeus. São aqueles que acham que agora são mais brancos que os outros, são melhores que os outros. E não é raro achar gente que acha isso. A gente pode ver muito bem no caso dos facínoras que bebem leite. Bem leite por uma live do presidente. Se acham o máximo. Vamos beber leite enquanto nós somos os latinos. É ridículo.

Olivia: eu acho super engraçado isso. Você quem me falou isso, que os brancos, os ditos brancos do Brasil e grande parte do mundo não são brancos e nunca serão. A gente não é branco, a gente é latino e sempre será minimizado entre muitas aspas, com isso, entendeu.

Pesquisador: e isso que vocês falaram é o que acontece hoje no mundo e é que: a desigualdade entre os países, de um modo geral, elas têm diminuído, e a desigualdade dentro dos países cada vez mais tem aumentado. Então se a gente for analisar em termos de nação, talvez a discrepância talvez nem seja tão grande assim, mas dentro delas, aí o exemplo é o próprio Brasil. Eu estou anotando aqui algumas coisas e mais para o final eu falo. Mas muito bom a fala de vocês.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 2 junto a questão 1.

- Pesquisador dá as instruções para o preenchimento da questão 1 no formulário digital.

Alana: é para gente ou para o nosso bairro por exemplo.

Pesquisador: é, tentar olhar o seu entorno, e aí se você tiver...

Alana: eu sinto que no lugar aonde eu moro tem coisas mais necessárias que outras, mas olhando para o país em geral, eu já penso diferente.

Pesquisador: então, vamos tentar trabalhar com essa ideia do seu entorno mesmo. Não tão grande, não tão amplo igual...

Olívia: cara, meu entorno só tem bar.

Alana: complicado não colocar 4 em tudo.

Pesquisador: por isso que eu botei lá que não pode usar ele várias vezes, vai ser uma vez só. Você vai ter que fazer esta escolha. Ai se você quiser comentar, caso necessário, eu até botei o campo pra você fazer um comentário. Se você quiser você fala: “poxa, eu olhei só para o meu bairro”, “um pouco maior eu olhei para a cidade”. Mas assim, vamos tentar não olhar tão amplamente para o estado ou país né. Vamos tentar pensar mais no nosso entorno mesmo, que está no nosso cotidiano né. Quem chamou?

Olívia: você já respondeu minha pergunta sem escutar minha pergunta. É por que literalmente onde eu vivo, entorno de mim, literalmente só tem bar. Bar e posto de gasolina em volta da minha casa. Aí eu vou mais município.

Pesquisador: beleza! Ai se você quiser fazer algum comentário sobre isso também depois. Ai eu até deixei o campo pra vocês fazerem esse comentário. E foi proposital né, você pode usar isso só uma vez. Eu coloquei isso propositalmente.

P.H.: eu estou com um comentário sobre a educação para crianças jovens e analfabetos. Eu descobri que ano passado o governo federal, nas mãos do presidente da república, vetou um projeto chamado “escola conectada” que custava 3 bilhões de reais que buscava levar tablet e internet para alunos e professores de todo o Brasil. Por 3 bilhões de reais o ensino remoto da pandemia poderia ter sido muito mais fácil. Só que o projeto foi vetado por ser muito caro. Mas curiosamente este é o mesmo valor que o governo federal deu pra as emendas parlamentares

para a eleição do presidente da câmara e do senado. É legal ver as prioridades do governo.

Alana: aí que complicado escolher uma vez só para cada um, por que tudo é necessário e urgente e necessário e básico.

Ítalo: tem um jeito de burlar isso aqui, só que é uma “burlação” dentro de uma visão que eu acho que, vendo pelo meu ponto de vista, não vale a pena. Ou seja, não sei como que marca isso daqui de um jeito justo.

Pesquisador: como assim? E olha só, esse aí nem tinha a parte do comentário em. Eu falei “poxa, vou colocar um comentário aqui para poder aliviar para o pessoal se quiser falar alguma coisa”.

Alana: muito obrigada!

Pesquisador: imagina uma questão de múltipla escolha na altura do campeonato.

Olívia: eu não sou boa com palavras, então tipo assim, eu sou melhor aqui mesmo. É muito complicado. Para que você faz a gente pensar tanto?

- Intervalo de 0:20 minutos em silêncio entre as falas.

Alana: só para registrar, eu já acabei.

Pesquisador: quando vocês acabarem vocês falem em gente.

P.H.: ah, eu já acabei também.

Pesquisador: falta mais alguém?

- É indicado no chat que faltam Ítalo e Olívia.
- Mais um intervalo de 1:40 minutos entre as falas pois ainda havia alunos respondendo a tarefa 2.

Pesquisador: galera, se vocês quiserem responder então a número 2, quem já acabou, também fica à vontade.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da questão 2 da tarefa 2.

Alana: já mandei também. A gente passou meia hora falando disso também.

Pesquisador: sim.

P.H.: eu já mandei também.

Olívia: terminei também.

Pesquisador: a um e a dois?

Olívia: aham!

Pesquisador: e aí galera, sobre essa tarefa 2. Como foi fazer essa numeração e responder a segunda pergunta? Quem quer falar?

Alana: é pra gente falar como nossa numeração ficou?

Pesquisador: se você quiser, podemos.

Alana: foi complicado, eu pensando no meu bairro e na minha rua, eu botei que educação não é necessário, por que a gente tem bastante escola, bastante colégio público também. E pelo que eu vejo, fazendo bastante vista grossa, até que funciona. Ai segurança eu botei necessário, por que a gente tem bastante casa abandonada aqui e vira e meche a gente tem que... alguém tem que entrar pra “futucar” se não vira boca de fumo. E ontem mesmo estava tendo tiro, por que daqui de casa, do morro do feijão, dá para ouvir. Moradia eu botei urgente. Aqui na rua tem vários cortiços, várias vilazinhas que vão subindo ou uma casa em cima da outra, e é sempre uma coisa muito precária. Comunicação eu botei urgente por que tem muito “gato” aqui na rua. Sempre cai a luz depois que chove, a gente fica quase 3 dias sem energia aqui na rua. Coleta de lixo eu coloquei imediato, por que se tiver um carro atrapalhando a rua, o caminhão de lixo pega, dá meia volta e saia da rua. Pega o lixo de metade da rua. E no comentário eu botei que eu tenho um pouco de raiva quando esses assuntos entram em discussão porque eu acho que é uma coisa indiscutível, que era obrigação do estado garantir para todo mundo.

P.H.: eu acho que é isso, o estado tem meios de garantir isso pra todo mundo.

Alana: exatamente.

P.H.: e o negócio é: todas essas propostas estão sendo desmobilizadas em nome de um neoliberalismo que quer as empresas façam isso. Só que dá onde surgiu essa ideia de que empresa é boazinha, que vai fazer isso pelo bem? Eu acho engraçado esse negócio de acabar com toda a dominação e com toda a opressão apelando pra consciência da pessoa que está te oprimindo. Eu nunca vi um escravocrata assinar a lei... eu nunca vi a história de um escravocrata que assinava a carta de alforria do escravo de boa assim, tipo “ah, vou assinar hoje, estou uma pessoa legal hoje, estou leve”. Não é assim que funcionava. Ele está “cagando” se o escravo está lá sofrendo ou não, se ele está levando chibatada, se ele está cansando por que trabalhou 15 horas por dia... ele está “cagando”. É que nem a classe dominante hoje em dia, ela está “cagando” para a classe trabalhadora.

Alana: mais se a gente trabalhar muito, talvez a gente seja alforriado, confia.

P.H.: é!

Pesquisador: mais alguém quer falar a sequência de números?

Ítalo: eu marquei o meu como educação para crianças, jovens e analfabetos como necessário, por que eu acho necessário. Segurança pública e confiável eu coloquei como imediatamente, por que aqui onde eu moro, por mais que eu julgue como um lugar muito tranquilo, tiveram mais de uma vez que tiveram que parar a aula, parar tudo, descer para o pátio para esperar nossos pais chegarem por que o tráfico marcou de ter tiroteio com a polícia e todo mundo tinha que sair. Todo mundo tinha que ir pra casa e era isso. Teve uma vez que no meio do recreio, todo mundo parou, virou aula vaga para todas as turmas por que um cara morreu na frente da escola. Os professores estavam cuidando das turmas, do pessoal menor para todo mundo ficar calmo. Moradia digna eu coloquei não necessário, por que foi o que sobrou. Comunicação com acesso a internet eu botei como pouco necessário por que, sei lá, pelo meu ponto de vista uma pessoa que tem acesso a internet... isso parece pouco necessário... eu não sei explicar. Serviço de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo) eu botei como urgente, por que já teve gente aqui na minha família que teve o caso de faltar água durante vários dias e era um horror, é muito diferente de quando acaba a luz. Quando acaba a luz da pra ficar bastante tempo até que de boa. Quando acaba a água é um negócio muito complicado. Ou quando a coleta de lixo para de vir pela rua, pelo bairro, ninguém consegue mais andar direito pela rua sem pisar em alguma coisa... foi isso que eu marquei. Daí eu botei que eu fiz essa marcação segundo meu ponto de vista, que eu não julgo ser muito abrangente. E é aquela coisa que eu falei, eu tenho experiencia de ter um ótimo acesso a internet e acesso a segurança não tão bom, mas não é como se eu fosse levar um tiro a qualquer momento, mas eu ainda prefiro ter certas dificuldades do que não ter um bom acesso a segurança.

Olívia: posso falar?

Pesquisador: diga ai.

Olívia: a minha ordem ficou educação, eu moro no mesmo bairro que a Alana quase, é muito perto a nossa casa, então tipo... tem bastante escola aqui, realmente, então eu coloquei como pouco necessário. Segurança eu coloquei como necessário. Moradia digna eu coloquei imediato. Comunicação com internet eu coloquei que não é necessário, mas é necessário, mas naquelas ali eu coloquei que não é necessário.

E o serviço de saneamento eu coloquei urgente. Na minha antiga escola, prenderam um cara lá dentro da escola, ele entrou por trás assim da escola e prenderam ele dentro da escola. E ano passado na formatura do nono ano teve tiro lá dentro, ele entrou e saiu atirando.

Alana: que coisa didática né. Ítalo você quer falar primeiro, por que eu já falei. Aí você fala e no final eu comento.

Ítalo: pode ser. Eu lembro que essa minha amiga que é ex-aluna ela estava falando sobre isso, que “ah davam tiro atrás da escola”, aí ela estava conversando, a gente estava entre um grupo de amigos e ela lá era de lá NOME DA ESCOLA, estudou desde pequena lá, o nosso outro amigo, bem mais velho do que eu, ele estudou em escola pública a vida toda e eu e meu irmão estudamos nessa escola de bairro. Na frente da nossa escola tinha tiroteio, uma pessoa morreu, atrás também tinha tiroteio por conta de ser dentro da comunidade. E dentro da escola do meu amigo entrava gente com arma de boa, tipo, tinha guarda dentro das salas, ele falou que inventaram de botar um policial dentro da sala de aula só que não durou muito tempo, os alunos começaram a ameaçar ou algo assim e tiraram. Ele estuda numa escola que é muito popular aqui no bairro. Você não tem condição de pagar uma das escolas particulares aqui do bairro, você vai pra lá ou para uma que fica no centro.

Alana: você vai fala sua sequência?

Olívia: ela já falou.

Alana: ah tá! É que eu queria comentar. É que na minha rua principalmente, fica bem sinalizada essa discrepância, por que na época que a NOME DA PREFEITA DA CIDADE foi prefeita, ela morava aqui, ela tem casa aqui até hoje, e na época dela tinha uma patrulha aqui na praça, o caminhão de lixo passava todo dia, saneamento básico era todo perfeitinho, não tinha nenhum buraco e tau. Aí ela saiu daqui agora e cada dia mais a qualidade de vida vem descendo. Aí acho que foi Ítalo que falou da água, “ah, a gente consegue viver bem sem luz, não sei o que... mas água é mais complicado”, e foi o que a gente comentou mais cedo, agora privatizaram a CEDAE, a água vai virar artigo de luxo daqui a alguns anos. E é proposital para que a gente morra. E esse negócio de que a gente não tem muita segurança é um pouco obvio porque a gente não tem moradia descente, qualquer lugar que dá a gente pega e faz um puxadinho, e aí entra questão de favelização e tau, e aí quando a gente vê o tráfico já pegou.

P.H.: todo país que tem essa experiência de “vamos privatizar a água, vamos privatizar a luz, vamos privatizar a coleta de lixo, vamos privatizar tudo”, sempre acaba em uma revolta social. A gente está vendo o Chile por exemplo, está reescrevendo a constituição. É outro nível de revolta. Eu estou esperando essa revolta chegar no Brasil inclusive, eu estou com meu estoque, com meus tridentes prontos aqui pra poder ir espetar a bunda de miliciano que está no congresso. Mas enfim.

Pesquisador: tem algumas coisas que de fato são bem complicadas né. A exemplo disso, que vocês falaram da água, tem o exemplo do Texas né, que a energia lá é... o preço da energia é através da demanda, privatizaram lá todo o sistema de luz aí é por demanda, quanto mais tiver demanda, a energia vai subir, você vai pagar mais caro. E aí teve o problema de uma galera morrendo por conta de falta de aquecimento no inverno e tau. Então isso é bem complicado mesmo. Bom, na questão 2...

Alana: deixa eu só comentar mais uma coisa?

Pesquisador: diga!

Alana: tem a questão do Amapá também né, que ficou mais de um mês sem luz elétrica e o governo não fez nada. Como que eles vão tapar esse buraco? Conta de luz está subindo quase 15% todo mês.

P.H.: e mais, quando eles ficaram sem luz por esse tempo todo, as contas de luz vinham com preços exorbitantes, vinham tipo dois mil reais, três mil reais, enquanto as pessoas não tinham luz para usar. Não funcionava. Eu choro muito, agora falando um pouquinho do que você falou do Texas. Eu choro muito com os “liberaloides” que tipo, “aí não, a gente tem que ficar igual os Estados Unidos”, porque? Eu acho que não! Eu acho que não sabe, tipo, eu prefiro ter um sistema de saúde descente, que mesmo que ele não seja tão bom ele ainda existe.

Novamente, o pesquisador faz a apresentação da questão 2 da tarefa 2.

Pesquisador: o que vocês pensam disso? Acho que vocês já responderam e falaram muita coisa né, mas...

Olívia: está associado. Vai P.H.

P.H.: obrigado! Antes de tudo não dá para dizer que está ligado só a sua conta bancária, está ligando também a conta bancária, a influência que o seu grupo social tem. Se você, por exemplo, for uma pessoa branca a chance da sua qualidade de vida ser melhor que de uma pessoa negra é muito maior. Porque independentemente de renda, neste caso, porque a gente está falando de um grupo social que é muito privilegiado. A gente pode fazer a mesma coisa com a população LGBT, com mulheres, com indígenas. Tem uma espécie de Fiuk da vida que reclama... “desculpa por eu ser homem”, agora, enfim... tem essa coisa... mas não dá pra dizer que está ligado a minha conta bancária, por que toda a sociedade está praticamente “cagando” para a minha conta bancária por que se a gente for pensar nessa caso muito... tanto é que não dá para olhar a minha conta bancária dentro da minha cara, dá muito mais para ver a minha cara, ver o meu gênero, dá para ver minha cor, esse tipo de coisa. Não dá para a gente ficar é... me sumiu a palavra... dizendo que, fazendo essa espécie de falsa dicotomia, de que é só sua renda que vai importar isso, ou só isso, ou só sua cor, só seu gênero. Não é só isso. É todo um conjunto que influencia de todas as formas. Tem um dado da Oxford, se eu não me engano, que fala sobre isso, por que a sua renda é muito identificada... dá para você ver a sua renda vendo a sua cor de pele, vendo seu CEP, vendo sua família, seu histórico familiar. E daí você consegue determinar sua renda com muita precisão. Isso dá para voltar lá naquele início que a gente falou. Educação não muda classe social.

Pesquisador: mais alguém?

Olivia: Ítalo levantou a mão.

Ítalo: eu me lembro de ano passado ou início... não, ano passado, a gente estudou em educação física qualidade de vida. E dentro disso, dentro do que é uma vida boa, existem vários fatores como a saúde, a saúde do corpo, a alimentação, a relação que você tem com o trabalho, a relação que você tem com a educação, a relação que você tem com a saúde mental, seus momentos de descanso com sua família. E no sistema econômico que a gente vive, tudo isso é comprado de alguma forma, direta ou indiretamente. Como o P.H. bem falou, as questões de uma pessoa preta vão divergir. Por exemplo, para duas pessoas que tem a mesma renda, a qualidade de vida delas vai ser diferente, por que vão ter todas aquelas questões de gênero, etnia, sexualidade, tudo isso vai interferir. E qualidade de vida é um negócio

muito ignorado que a gente deveria dar mais atenção. A gente tenta administrar essas coisas individualmente, a gente é ensinado que são coisas individuais, que sei lá, a minha alimentação não tem nada a ver com o meu desempenho em outra coisa x e agente... no caso a gente aprendeu isso em uma matéria, em Educação Física que qualidade de vida é isso. Mas por exemplo, minha vó não sabe disso, minha mãe não sabe, muita gente não sabe. É isso.

Alana: como Ítalo falou ali nas entrelinhas, pelo menos que eu entendi, cada um tem também a sua visão de qualidade de vida, então você pega um negro, por exemplo, ele ter muito dinheiro significa que ele vai ter um mínimo de respeito na sociedade sabe, enquanto você vê um branco que tem muito dinheiro ele quer o que, comprar uma casa de praia. Porque o branco só por ser branco, ele já tem a dita qualidade de vida que um negro rico teria. E acho que era só isso mesmo que eu vou ter para falar. É.

Pesquisador: acho que é isso né. A fala de você antes aí meio que já resumiu um pouco esta questão 2. Nós que vivemos em um país muito desigual, a qualidade de vida dentro de alguns termos de corpo saudável, se a gente for até considerar estes tópicos decima aí, que a gente considerou anteriormente de educação, segurança, vai estar ligado um pouco ao dinheiro de fato. Você vai buscar morar em lugares que vão ter mais segurança, a escola, por um ensino privado, enfim. Acho que da tarefa 2 esgotou.

Alana: rapidinho.

Pesquisador: diga.

Alana: acho que é muito de colocar na balança assim, por exemplo, foi o que a gente estava falando do ...

Falha no áudio por 4 segundos.

Alana: a gente colocou o pobre versus o rico, foi o tema de um trabalho que a gente teve que fazer. Você, eu não sei muito o número, por exemplo o Brasil assim, é um povo racista. Da última vez que eu vi dados, 54% da população é negra aqui. Só que tipo assim, você não vê negros em empregos de grande... eu não sei explicar, de renome por exemplo, entendeu? É metade da população. E você não vê assim. Se você for pegar as escolas particulares aí por exemplo, se comparar o número de alunos branco com o de alunos negros, é muito menor, é muito menor.

P.H.: a gente falou disso em uma aula de história, eu vou aqui fazer um breve resumo. A gente estava falando sobre a imagem do Brasil como é vista lá fora, e aí eu tinha falado, por que a imagem que a gente tem do Brasil, mesmo sendo brasileiro é de que a gente tem, que a gente acha do que vê do Brasil, é aquela imagem de Copacabana, é uma Ipanema, vai para um Cristo Redentor da vida, é muito aquela imagem centrada na zona sul do Rio que mesmo se a gente for olhar no contexto do Rio, é minúscula, a maior parte é zona norte, é zona oeste, e enfim. A gente vendo muito mais essa imagem de país branco, essa imagem de país que é civilizado que nós seguimos o método de etiqueta dos nossos colonizadores e a gente acaba não seguindo... é... a gente acaba perdendo toda nossa ancestralidade, a gente acaba perdendo nossa ancestralidade negra, a gente acaba perdendo nossos traços indígenas, tudo isso para gente poder agradar branco na Europa que está “cagando” para gente.

Pesquisador: eu até marquei aqui, estou marcando várias coisas, e essa é uma coisa que eu marquei, dessa ideia do negro. Existe um pensamento, uma ideia né, do porquê disso. A Lei Aurea, isso tem 130 anos? 130 anos! Então estamos muito recentes nessa ideia de não ter escravo, mas existe ainda, está em muitos de nós o pensamento escravocrata e tau. Teve toda uma mudança que o negro teve que se adaptar né quando ele foi liberto. Mas eu marquei para falar isso com vocês no próximo encontro, que eu acho que é bem interessante. Eu queria passar para a tarefa 3.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 3.

Alana: eu queria que você voltasse no finalzinho do parágrafo do capital cultural, eu queria pegar uma citação ali.

Pesquisador: então galera, esse texto aí, esse é um sociólogo francês, o Pierre Bourdieu. Os estudiosos de sociologia vão tentar abraçar o máximo de coisas para poder desenvolver sua teoria e perpassar por todos eles tentando não criando muito juízo de valor das coisas, fazer essa análise não só histórica, mas analisar porque que os processos na sociedade foram se constituindo. Aí o Bourdieu criou estes dois conceitos que para poder fazer a análise da sociedade, seriam fundamentais para desenvolver o pensamento e analisar melhor. Um deles é a ideia de capital, e aí ele

considera que o capital cultural e o capital econômico são os principais, mas existem outros aí também, que é o capital social, simbólico. E também a ideia de habitus, que nada mais é que as nossas práticas do cotidiano, existem influências não só pessoais, o habitus, não só numa ideia pessoal como de classe também. Esse texto a gente tentou fazer um resumo dessas ideias de um livro do Bourdieu. É claro que isso é bem extenso. E aí eu venho com as perguntinhas que são as seguintes.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação das questões 1 e 2 da tarefa 3.

P.H.: eu vou falar aqui um negocinho, não me julguem. Eu acho que isso está um pouquinho acima da minha capacidade. Tenho que ler este texto de novo para poder...

Alana: exatamente, por isso tirei print.

Olívia: eu estou igual ao P.H.

Pesquisador: beleza gente. Leiam o texto se vocês quiserem e tentem responder no tempo de vocês.

Alana: eu peguei uma frase do texto e é ela que eu vou usar para tudo.

Pesquisador: porque realmente tá gente, é um texto denso, realmente não são ideia que a gente vai ler uma vez e já vai absorver. São coisas bem densas mesmo. E eu fiz um esforço muito grande de tentar o texto mais simples possível e ficou isso aí, deu isso daí. Então se vocês, até depois que a gente abrir os espaços para fala, quiserem fazer este comentário em relação ao texto ou alguma outra coisa que a gente possa melhorar.

Alana: eu ignorei a definição. Peguei capital cultural. Tá, vou destrinchar esse nome aí. Acabei ignorando totalmente o que o texto disse.

Pesquisador: beleza, é a sua ideia também. Vai com sua ideia, tranquilo.

P.H.: deixa eu te perguntar um negócio, foi você que escreveu isso daqui, foi você que fez o resumo?

Pesquisador: sim, tem alguns errinhos de português aí...

P.H.: está muito resumidinho.

Ítalo: o capital cultural seria o conhecimento que é só nosso, que os nossos pais e a escola ensinam e o habitus é um tipo de conhecimento geral da sociedade?

Alana: um senso comum, não sei.

Ítalo: é, tipo isso.

Alana: eu já vi esses conceitos um tempo atrás, mas não lembro direito.

Pesquisador: então, na verdade, deixa eu pensar melhor para te responder. São coisas distintas tá, capital cultural e habitus. Habitus está mais ligado ao nosso cotidiano, mas habitus e habito são coisas diferentes. Por exemplo, eu tenho o habito de tomar banho todos os dias, então é uma coisa que você repete e não muda. Você vai tomar banho todos os dias. Habitus não, vai influenciar nas nossas ações e pensamentos e modos de agir, e isso vai mudando de acordo com o tempo, porque a gente vai adquirindo informações e vivências, e a gente pode ir mudando e lapidando nossas atitudes de acordo com nossas vivências.

Professora: posso intervir?

Pesquisador: com certeza, me ajuda aí.

Professora: realmente essas questões são difíceis. A gente estudou muito tempo e discutiu muito pra conseguir entender também. Uma coisa que a gente colocou aqui... não é que seja difícil, é algo um pouco complexo que eu acho que tem muito elementos que a gente tem que considerar. Uma coisa que o Hugo escreveu no texto que eu acho importante sobre o habitus é que ele é um processo dinâmico. Então assim, ele não é uma coisa fixa, ele é um processo que é dinâmico.

Alana: é um processo consciente ou inconsciente?

Pesquisador: eu acho que é uma mistura dos dois. Mas é uma pergunta difícil.

Alana: é porque ficou entre subjetivo e objetivo. Entre não sei que e não sei que... ai eu fiquei um pouquinho confusa.

Pesquisador: eu responderia que é uma mistura dos dois.

Alana: posso responder só sobre capital cultural? Posso ignorar a palavra habitus ali?

Pesquisador: tudo bem.

Alana: muito obrigada.

Ítalo: no caso como que a gente responde isso: como a gente pode utilizar os conceitos... como assim os conceitos?

Alana: tipo, sei lá. Banana é um alimento. Alimento você usa para acabar com a fome. Acho que é tipo isso.

Pesquisador: o conceito eu me referi nessa pergunta a essas ideias, de capital cultural, capital econômico e de habitus. Como que a gente utiliza essa ideia? Como

a gente pode utilizar essas ideias a nosso favor? Melhorou? Trocar a palavra conceito por ideias?

Ítalo: sim. Um pouco.

Professora: você acha que esses elementos conseguem ajudar a gente a mudar a nossa condição financeira e social? Sim! Então como? Como eles poderiam influenciar nessa mudança?

Ítalo: entendi.

Alana: já acabei aqui tá.

Pesquisador: beleza! Vamos dar mais um tempinho aí.

P.H.: gente, deixa eu fazer uma perguntinha para vocês. Eu resumi habitus como a influência da sociedade no indivíduo. Vocês acham que está certo? Não sei... agora eu realmente estou em dúvida.

Professora: eu acho que o habitus tem muito da sociedade, e tem muito da classe, e tem muito de muita coisa. Mas também tem muito do indivíduo. Então não sei.

Alana: entraria na questão de processo histórico cultural, da gente entender o homem como um ser socio cultural? Não sei...

Pesquisador: sim! Porque se a gente vai para essa fala do P.H. “só a sociedade influencia”, então dá a entender que é sempre uma ideia externa. E aí a gente meio que tira o nosso de lado né. Poxa, eu estou sendo influenciado aqui. E a gente também é responsável pelas nossas atitudes e de absorver essas informações, concatenar todas as informações que a gente recebe, processar elas, e tomar nossas próprias atitudes. É a ideia do livre arbítrio, por exemplo. É uma ideia que está junto. Então, se a gente falar só da sociedade seria muito forte, porque aí a gente sempre coloca essa carga no outro. Tem da gente também, essa ideia de habitus tem da gente também.

Professora: tem influência da família também tá, não só da sociedade.

Pesquisador: aí a classe, a primeira coisa que eu falo da classe, que é as coisas que a gente está entorno, é o movimento de luta que está entorno de nós.

P.H.: papo reto. É decepcionante isso. Vocês acabaram de apresentar o conceito e já querem uma proposta de intervenção assim de imediato. A gente lê uma página e é isso, já propõe a intervenção. Não gostei.

Ítalo: eu consegui pensar num negócio, só que eu acho que está muito mal explicado e se você ler depois sem eu explicar, você não vai entender, porque eu não consigo desenvolver um raciocínio explicável em pouco tempo.

Alana: não sei como eu vou fazer a redação do ENEM. Eu desenvolvo tudo falando.

Pesquisador: gente, calma! É porque isso, talvez, seja a primeira vez que estejam vendo isso né. Por isso que eu falei, eu resumi em uma página para apresentar um esboço da ideia. Não é nem a ideia, é um esboço. Então fiquem calmos.

Alana: está muito bom, mas acho que faz parte da experiência de sala de aula pegar bem na ansiedade dos alunos, sabe.

Olívia: eu não consigo desenvolver gente, eu não consigo. Eu já li o texto mais uma vez.

Alana: olha só, o meu formulário está com uma linha em tudo, vai ter que pegar a gravação do que eu falei.

Pesquisador: não tem problema não, por isso tem o dois.

Olívia: tem um monte de pergunta que você perguntou que eu coloquei: sim! Não! Eu não consigo passar para palavra... aí nossa, que confuso...

Professora: Olívia, primeiro ele começa falando que Bourdieu propõe diversos tipos de capitais né. Capital econômico, capital cultural e também o social, político e simbólico. Nesse primeiro parágrafo aqui que ele fala sobre capital econômico, você consegue falar sobre o que você entendeu sobre este parágrafo? O que é capital econômico para vocês?

Alana: esse “bagulho” aí que a gente tem, dinheiro.

Olívia: é, questão de posse.

Professora: algo mais?

Alana: não.

Professora: aí no próximo parágrafo ele fala sobre o que que é capital cultural e dá alguns exemplos. Então o que vocês entenderam sobre capital cultural?

Alana: eu tratei como se fosse uma bagagem cultural nossa. Nosso conhecimento sabe, “aí, o nosso conhecimento é a única coisa que não podem tirar da gente”. Então, acho que foi isso.

Olívia: eu já fui para outro caminho, eu já fui para como a gente vê a cultura, como a gente consegue.

Professora: tentei pensar em um professor e no Bill Gates, que vocês estavam falando. Tentem olhar para o volume de capital econômico e para o volume de capital cultural de cada um deles. Tenta entender a ideia do habitus olhando para dois perfis bem diferentes assim, sabe.

Alana: o habitus diz como diferentes pessoas vão lidar com a mesma situação?

Professora: pode ser uma leitura.

Alana: pode ser não, tem que ser.

Professora: é a sua leitura.

Alana: ai meu deus, esse negócio...

Professora: não existe o que é. Existe o que você entendeu o que é. Mas eu posso entender diferente.

Alana: mas habitus não é uma banana. Não tem nada a ver.

Professora: para mim fez sentido isso que você falou.

P.H.: mas é outro nível. A gente está aqui, a gente leu o texto uma vez. E mais, a gente leu um texto, a gente não leu outros livros dele. Eu digo isso pessoalmente, não sei se vocês já leram. É algo bem difícil de pensar.

Professora: quando você lê esse texto, você consegue falar alguma coisa sobre ele? Mesmo que você ache que seja repetitivo. Ou alguma frase deste texto te chamou mais a atenção.

P.H.: eu consigo, só que eu vou estar repetindo a palavra influência cinco vezes por frase.

Professora: tudo bem, pode repetir, não tem problema. O que você entendeu sobre este texto?

P.H.: o indivíduo é altamente influenciável. A influência da sociedade acaba afetando largamente o indivíduo. Principalmente vendo o habitus. Mas o habitus também é largamente influenciado pelo capital, pelos capitais no caso.

Professora: mais alguém?

Alana: eu estou esperando todo mundo terminar.

Professora: ata.

Olívia: cara, eu fiz umas anotações enquanto você lia o texto. Não sei se isso serve, mas foi do que você falou...

Professora: qualquer coisa que você possa falar sobre o texto serve super.

Alana: eu trabalho com a escuta seletiva, então eu ouvi o que eu quis.

Olívia: eu coloquei assim, capital econômico: recurso material ou financeiro. Cultural: qualificações intelectuais, nível de instrução, éticas e gostos. Ai por exemplo o habitus, eu coloquei valores culturais e econômicos, corpo e mente, e tempo não é invariável.

Professora: e sobre o habitus, alguém quer falar alguma coisa, alguma frase que chamou mais a atenção ou que fez mais sentido para você?

Alana: não fez sentido nenhum.

Ítalo: no caso o que eu respondi na questão já que está perguntando como que podemos utilizar estes conceitos... dá, dá, dá, dá... vocês estão lendo a questão. O que eu respondi foi: sabendo diferenciar o que é o conceito de capital e de habitus, e sabendo o que cada coisa se enquadra dentro deste conceito, a gente pode, visando a moral, ou moral visar a igualdade entre todos, a gente pode definir o que deveria ser parte do capital e o que poderia ser parte do habitus e como manter cada um no seu canto. Foi isso que eu entendi como deveria ser a resposta da coisa.

Professora: todo mundo já acabou lá, de responder o formulário? Não? Tá. Tudo bem.

Alana: como você falou que estudou também sobre o texto, como é que a moral acompanha o habitus? Porque tem toda essa questão da moral vigente, ela muda. Ela acompanha o habitus ou o habitus que acompanha ela entre aspas?

Como funciona esta dinâmica entre eles?

Professora: o habitus é um processo dinâmico, então está tudo entrelaçado e mudando ao mesmo tempo. Sabe aquela coisa que tem uma setinha pra cá e outra pra cá (↻) assim. Uma coisa influencia a outra o tempo todo. Eu acho que é por aí.

Pesquisador: eu acho que é esse mix dos dois né. E é isso, é o fato de ser dinâmico. A gente não pode se isentar. A partir das informações que a gente recebe, a gente começa também a tomar decisões das nossas escolhas. Aí é o ciclo né, a gente recebe informações, pensa mais alguma coisinha. Então igual talvez estas ideias aqui. Talvez vocês não tivessem visto antes. Agora vocês, por mais introdutório que a gente tenha colocado, já viram. Então isso pode influenciar em algum outro pensamento de vocês, que vai gerando este ciclo. Acho que é por aí.

Professora: é importante frisar que não tem resposta errada e resposta certa nessas tarefas. A gente quer ver quais as leituras de vocês a partir desse fragmento da obra do Bourdieu. O que vocês entendem sobre estes elementos que estão

sendo apresentados pela primeira vez pra vocês. Então fiquem tranquilos que não tem nenhum tipo de juízo de valor em “ah, está certo”, “está errado”, “não pode falar assim” ou “pode”. Vocês estão livres para falar o que vocês quiserem. O importante é vocês falarem coisas.

P.H.: vocês têm algum livro do Bourdieu pra recomendar?

Professora: depois eu te empresto um.

P.H.: estou aqui na Amazon, colocando tudo na lista de desejo, não sei nem se eu vou comprar.

Pesquisador: empresta aquele mais fininho de 700 páginas.

Professora: eu te adianto que você ler Bourdieu por Bourdieu é muito difícil. Mas eu tenho um livrinho aqui, que é mais simplesinho, que é uma outra pessoa falando da obra de Bourdieu que talvez seja mais interessante para começar. Ai depois você vai pra Bourdieu mesmo, que é mais complicadinho.

P.H.: seria a espécie daquele autor que gosta de complicar bastante? Faz uma sociedade primitivista da vida que gosta de ninguém entender?

Pesquisador: não sei se é bem por aí assim, se a ideia dele foi essa. É porque essas coisas, na verdade, quando esses caras vão escrever isso, Bourdieu é um epistemólogo, também. Eles tratam do conhecimento. Então não necessariamente quando você ler uma obra dele, você vai ver todo o pensamento dele naquela obra, porque também é uma questão de construção, a própria obra e os conceitos é uma questão de construção. Então igual a professora falou, você ler, fazer uma primeira leitura de uma outra pessoa que leu toda a obra de Bourdieu, seja mais claro do que o próprio Bourdieu. Isso não só dele tá, isso de vários livros que mechem com essa ideia de conhecimento. Aí você vai ter algumas dúvidas ao ler. Poxa, esse conceito aqui, o que será que de fato o Bourdieu quis? Aí você entra pra obra dele, entendeu? Porque são coisas muito densas, tudo tem que estar conectado. Ele tem que seguir uma linha e as coisas tem que estarem conectadas. Aí nem sempre essas coisas vêm no estalo já de imediato. É toda uma construção que o “camarada” leva anos. O Bourdieu, se eu não me engano, foi uma questão de cerca de uns 40 anos desde o primeiro livro até a última obra dele. Mas é muito doido, realmente é denso.

Professora: depois a gente fica batendo mais papo sobre Bourdieu, porque tem muita coisa legal, se vocês quiserem a gente troca uma ideia sobre isso. Mas conseguiu responder o questionário?

Alana: já enviei.

Professora: então Hugo, acho que já pode seguir com o debate da tarefa 3.

Pesquisador: podemos começar então? Como que a gente utiliza a nosso favor essas ideias? Bora lá.

Alana: na primeira eu botei... é que eu mudo de opinião toda hora, então o que eu botei está quase totalmente diferente do eu escrevi. Mas eu acho que a gente está caminhando para equiparar o capital econômico e o capital cultural. Porque é o que a gente estava discutindo, educação faz parte desse capital e a educação tem se tornado uma coisa cada vez mais elitista. Então eu acho que a gente está equiparando com pessoas com mais cultura são mais ricas. E tem mais poder sobre tudo. Ai uma frase do texto também que eu peguei e fiquei com ela na cabeça: a do “gosto em apreciar e possuir livros e obras de arte, galerias de arte e etc.”. Isso faz muito sentido se a gente pensar como determinadas formas de arte são extremamente marginalizadas, que são formas de arte que a gente tem mais acesso assim, sabe? Aí fica uma coisa tipo assim, “não, isso não é cultura, isso não é digno de apreciação”. Você é pobre de cultura, você é pobre de espírito. E na 2 eu botei a internet. Tanto para o bem quanto para o mal. No mundo globalizado que a gente vive, as informações circulam muito rápido, se a gente não colocar um pé atrás e ter um certo filtro para este tipo de coisa, a gente acaba afundando na internet. Mas ela também pode ser a forma de pessoas terem mais acesso à informação.

Pesquisador: mas alguma coisa em específico na internet? Ou você pensa de um modo geral?

Alana: de um modo geral. Muita gente acompanha notícia por rede social, pelo próprio Google. Cada jornal que está na internet tem a sua versão da matéria. Aí tem as fake News agora por robô também. Tem muita gente que compartilha fake News por aproximação, “ah, fulano me mandou este texto no WhatsApp, eu confio muito em fulano, vou repassar”. Eu sinto que não tem muito filtro sobre isso, então por isso que eu acho que a internet pode ser boa pra a gente ampliar nosso capital cultural, mas também ruim para gente detonar com ele.

Pesquisador: quem mais?

Ítalo: na questão 2 eu respondi bem em cima do que a Alana falou. Vendo pelo capital cultural que cada um têm, vai designar o que essa pessoa vai buscar na internet. Numa rede de informações, tem gente que vai buscar se aprimorar em certas habilidades, tem gente que vai pesquisar como empreender e tem gente que vai usar para pesquisar só coisas mais básicas e para se divertir, como a maior parte das pessoas fazem. A visão da internet em 2011 eram memes, vídeos de gatinhos e coisas de jovens, era essa a visão que tinha. E meio que hoje em dia também tem um pouco disso só que desvencilhou bastante da internet que o jovem só querer se divertir.

P.H.: eu não tenho muita coisa a acrescentar, mas eu diria que o habitus e o capital em geral são largamente necessários um para o outro, eles são interdependentes. Tanto é que não dá para existir um sem o outro. Tanto é que naquela pergunta de como definiria a nosso favor, eu não sei responder isso. Eu não tenho literatura o suficiente para responder isso, nem como significado de como fazer isso. Mas não tem como dizer que dá para separar bonitinho o capital e o habitus, porque os dois são extremamente interdependentes e vão ser extremamente importante um para o outro para poder terem sua razão de ser.

Pesquisador: quem mais faltou? Quer falar? Então show! Então é isso, de fato é um conceito denso. Nem a gente que já está lendo a pouco tempo também, mas já leu algumas coisas a mais não tem um domínio dessa parte. Mas a gente queria trazer para vocês para ver o que rolava.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 4 junto as questões 1 e

2.

P.H.: eu vou fazer uma crítica a vocês. Vocês deveriam ter passado este texto antes para a gente já ter feito no outro texto também, pra gente já inculir isso na resposta, porque aqui já clareou muito a cabeça.

Alana: é verdade!

Pesquisador: na verdade, só pra te deixar claro, os dois estavam misturados. Então vou ter que voltar a misturar de novo e deixar um texto grandão. Este texto estava no meio do outro.

Alana: posso só fazer um comentário antes de responder o formulário?

Pesquisador: pode!

Alana: é impossível ler este texto e não lincar automaticamente com o filme “Os Tempos Modernos”. Porque trata justamente disso. Quando eles trazem a máquina de comida para o Carlitos, que é o personagem principal, é justamente nessa intenção de otimizar o tempo. E é interessante pensar também no conceito de alienação dentro do que Marx dizia, porque não é só uma alienação de a gente estar automatizado, de o processo da indústria, do trabalho e o produto se torna exterior ao trabalhador. É também um processo de que você fica tão preso naquilo que você acaba ficando sem tempo livre para fazer outras coisas como se formar, por exemplo.

Pesquisador: boa! Vou dar um tempinho para vocês responderem o formulário.

- Intervalo de 3:25 minutos em silêncio entre as falas.

P.H.: terminei, eu acho.

Alana: também terminei.

Pesquisador: quem falta? Podemos ou não?

Professora: falta a Ítalo. Uma característica da Ítalo é que ela costuma escrever uns textos um pouco maiores que os dos colegas, eu acho. Então ela demora um pouco mais para buscar estes elementos.

- Mais um intervalo de 3:10 minutos de silêncio entre as falas.

Ítalo: acabei!

Pesquisador: então bora! E aí galera, primeira questão, o que vocês podem dizer sobre ela?

Alana: eu acho que tempo livre é o tempo que a gente pode fazer o que quiser com ele, que não tem nenhuma obrigação atrelada a ele. E acho que a gente cai muito na lógica de que tempo é dinheiro, acha que esse tempo é dinheiro. É o que a gente estava conversando mais cedo, “trabalhem enquanto os outros descansam, estude enquanto os outros se divertam”, eu acho que vai muito neste sentido. E já é para comentar a questão 2 agora ou espera rodar a pergunta e depois a gente vai para a questão 2?

Pesquisador: pode comentar junto.

Alana: na questão 2 eu botei que as profissões bem remuneradas são pesquisador, jornalista e... (áudio incompreensível). E das menos remuneradas eu coloquei faxineira, doméstica e trocador de ônibus. Mas eu não acho que essa questão de

diferença de salário seja estritamente atrelada a questão de capital cultural, eu acho que varia também do nosso ponto de partida, porque se a gente pegar uma mulher negra e um homem branco disputando um cargo de, não sei, pesquisador em uma grande instituição nacional, é obvio que o homem branco vai ser mais bem remunerado do que ela e provavelmente teve que batalhar muito menos do que ela para chegar aonde chegou.

Pesquisador: o que você considera como pesquisador?

Alana: não sei, funcionário público?

Pesquisador: que realiza pesquisa?

Alana: sim!

Pesquisador: da parte que realiza pesquisa seria então professor, pessoas atreladas a...

Alana: é, isso. Professor que fez pós graduação... não sei.

Pesquisador: beleza! Próximo!

Ítalo: é interessante que dentro deste exemplo que a Alana deu, de pesquisador que você levou a entender como professor, por exemplo. Na mente da maior parte das pessoas, a gente liga professor a escola, escola a crianças. Nesse caso, eu acho que a mulher, na hora da entrevista de emprego ou algo assim, a mulher teria uma maior aceitação, eu não sei... por conta de outra questão que a gente já falou, de ter essa visão de que escola e ser professor...

Alana (chat): divisão social do trabalho.

Ítalo: é! Isso aí, isso aí!

Alana: também entra em uma questão muito machista ne, “aí, homem não pode lidar com criança, isso é função da mulher”.

P.H.: a gente tem muito desse negócio de divisão do trabalho e superioridade, hierarquia das profissões. A gente sempre acaba colocando o juiz em cima de um pedreiro, de uma doméstica, só que é bom lembrar que o juiz não poderia estar trabalhando se o pedreiro não tivesse construído o fórum que ele trabalha, ou a doméstica tivesse limpando a casa dele, sei lá. Enfim. Não dá para a gente separar como profissões mais importantes ou não. Mas essas profissões acabam sendo decorrentes do tempo livre que a gente estava discutindo. Tem pesquisas que dizem que no Brasil, se você nasceu em uma classe pobre, você só vai sair, parar de ser pobre, daqui a onze gerações se não tiver um milagre na sua vida. Você pode

estudar o quanto você quiser, mas você vai ter que trabalhar, você vai ter que “ralar” e você nunca vai ter o reconhecimento da sociedade. Eu acho que isso é um pouquinho da... (áudio incompreensível) ...de tudo isso. Então, enfim.

Pesquisador: mais alguém?

Alana: eu falei na primeira questão que tempo, o tempo livre é o tempo que a gente não tem obrigações atreladas a ele e que a gente pode fazer o que quiser com ele, e isso cairia muito na lógica de que tempo é dinheiro, “trabalhem enquanto os outros dormem, estude enquanto os outros se divertem”. A questão 2, eu coloquei, eu citei as três profissões cada, mas eu acho que a remuneração dessas profissões tem haver com o ponto de partida, a classe social... a classe social não, a sua cor e seu gênero. Uma mulher negra teve que batalhar muito mais que um homem branco, por exemplo, para chegar em um cargo de pesquisadora de uma instituição respeitada, por exemplo. E por ela ser mulher, ela obrigatoriamente, obrigatoriamente não, mas dentro dessa lógica que a gente vive, ela vai ganhar mais que o homem branco que está competindo com ela.

P.H.: vale lembrar que quando a gente pensa em um médico ou em um juiz, em quem a gente pensa? Isso tem muito a ver com as técnicas de dominação da sociedade. Isso inclusive enquanto profissões, é o capital cultural sendo visto em uma das suas formas mais plenas. Quando a gente pensa num médico, eu pessoalmente penso em um homem branco. Quando eu penso no juiz, eu penso em um homem velho branco. Por mais que a gente tente desconstruir o máximo possível, tem vezes que não dá por que essas imagens que estão construídas nas nossas cabeças ficam para sempre. Para sempre não, a gente pode se desconstruir, mas elas são extremamente difíceis de se desconstruir, é um processo que demora muito.

Olívia: citando um exemplo bem ruim que eu vou falar da Globo. Ela fez uma propagando tipo isso. Não tem aquela Gleice que ganhou o BBB? Então, perguntaram para uma mulher lá quem ela imaginaria uma mulher milionária, como ela imaginaria. Aí ela falou: “uma mulher branca, de cabelo liso, estatura mediana, corpo violão” essas coisas assim. E tipo, era a Gleice entendeu, ela que se apresentou. Vai muito da nossa ideia de visão, é o que P.H. falou, é tudo uma construção na nossa cabeça, tudo que mostrou para gente. Isso em várias áreas, por exemplo, a religião também, eu fui criada quatorze anos em uma religião e tive

que pesquisar um santo negro para eu saber, entendeu? Eles pegam a imagem de loiro e olhos claros. Se você pega toda a genética do lugar onde Jesus nasceu, não é loiro de olhos claros.

Alana: Jesus é preto né. Como uma pessoa do norte da África é branca de olhos azuis.

P.H.: exatamente o que você falou, mas se a gente for pensar também nas técnicas de dominação da religião, agora eu vou criticar a religião mesmo gente, me desculpem, se vocês são cristãos... Vamos pensar na figura de deus. Quem que a gente pensa na figura de deus?

Alana: em um homem branco e barbudo.

P.H.: exatamente! E quando a gente pensa que a gente deve toda obediência a deus, toda a... como a gente deve toda obediência a gente deve temer a deus, a gente pensa que toda religião é aquela criada pelo homem, por mais que a gente possa acreditar que tenha alguma coisa lá encima, a religião como uma coisa organizada é feita pelo homem. Como ela é feita pelo homem, ela serve para atender seus propósitos. O cristianismo foi criado um pouquinho antes da idade média começar. Ele da forma mais... vamos focar no cristianismo medieval, ele servia para o que? Servia para dominar outros povos, dominar os pagãos, depois na colonização, dominar os povos nativos. Aí tem muito aquela coisa, deus é um homem branco e que a gente pensa como um homem europeu, um homem europeu normal. Então não sei se dá para concordar muito com isso.

Alana: fora que na teoria deus não teria gênero né? Mais quando a gente pensa em deus, é o deus, o senhor e é sempre o homem branco que vem na nossa cabeça.

P.H.: porque não é a deusa? Porque não é e deusa? Mas isso tem muito a ver com as técnicas de dominação, porque...

Alana: o próprio conto de Lilith.

P.H.: o que?

Alana: conto de Lilith.

P.H.: ah, sei!

Alana: então... a mulher é menosprezada na religião.

P.H.: sim! Porque a religião é uma das principais formas de dominação. Não estou aqui pregando um ateísmo militante, mas é uma forma de dominação muito eficaz. Tanto que é que ela foi usada por séculos e funcionou muito bem.

Pesquisador: a grande pergunta é: e o tempo livre nisso tudo?

P.H.: tempo livre é uma coisa exclusiva, praticamente exclusiva da classe média ou dominante, da classe da elite. A pessoa pode focar para, enfim, ganhar mais e mais capital cultural. A gente aqui, neste momento, está usufruindo do nosso tempo livre para ganhar mais capital cultural, se a gente for pensar nisso. A gente está usando do nosso privilégio de enquanto classe média podermos estarmos aqui, debatendo isso aqui a três horas, é o que? Não é nada mais que um privilégio de tempo livre que a gente tem. Se a gente não tivesse tempo livre, a gente não poderia estar aqui. O tempo livre tem aquela coisa né, a pessoa precisa trabalhar para poder conseguir tempo livre, e nossos pais estão trabalhando pela gente, no caso da gente aqui. Vocês já têm o trabalho de vocês, eu imagino. Mas não dá para gente dizer que o trabalho glorifica o homem e tau e querer que a gente trabalhe que comece a capinar um terreno desde cedo, porque isso aí vai acabar minando nosso tempo livre que vai acabar minando nosso capital cultural, que vai sendo diminuído. Agora uma dúvida que eu tenho aqui. Vocês acham que se todo mundo que tivesse um tempo livre e pudesse expandir nosso capital cultural ao máximo, quem vocês acham que ficariam com os trabalhos ditos de “ralé”? Que são as domésticas, as diaristas, os pedreiros como eu citei. Quem seriam estas pessoas?

Pesquisador: aí, porque todos os nossos pensamentos, estamos pensando a nível de Brasil, a gente está discutindo desigualdade social no Brasil. Mas aí temos que ir de fato para os países de primeiro mundo. Porque aí quando a gente vai para os países de primeiro mundo, todos recebem uma educação de qualidade e vem os exemplos clássicos da Inglaterra, da Finlândia, Suécia... tem que ir para estes argumentos. Porque aí lá, diminuindo a desigualdade e você tendo acesso a todo... e tempo livre para poder estudar, você vai fazer o que você quiser. Essa que é a grande diferença. Cada um vai fazer o quer. Então você vai estudar para você ocupar o que você quiser e a diferença salários não será tão gritante igual é aqui no Brasil, de um salário de um médico para a empregada doméstica. Ou um pouco mais, se a gente pensar em algum que exige alguma instrução ou alguma experiência de pedreiro, de... essas profissões que a gente tem como desvalorizadas e exigem capital cultural. Então tem isso também e as preocupações serão outras.

Alana: talvez não existisse mais trabalho da ralé porque todos os trabalhos se tornariam dignos.

Pesquisador: exatamente.

Ítalo: aí entra questão de moral. Não só socio econômica.

P.H.: desculpa, é que eu não consigo... Eu adoro esses exemplos de países da Europa tipo Inglaterra, França, melhorados aos máximos seus índices de saúde, educação, enquanto eles exportaram todos os seus problemas para países que eles colonizaram, tipo a Inglaterra exportando um monte de preso para os Estados Unidos para não ter que lidar com esse problema, com a ressocialização no século XVI. Minto, minto...

Alana: até a nossa colonização né. Nós fomos colonizados pela classe marginalizada de Portugal.

P.H.: É! Ou o que eles usavam de todo o seu privilégio enquanto brancos em toda sua dominância, em toda sua superioridade enquanto brancos para poder escravizar pessoas na África, escravizar pessoas aqui na América Latina, escravizar pessoas na Ásia. Não consigo gente, desculpa, Europa para mim é uma coisa sem condições, não consigo gostar. É uma coisa linda, é muito bonito de olhos mesmo, se a gente olhar sem pensar.

Alana: legal de estudar isso e dá até raiva.

P.H.: a gente tinha um texto de redação para fazer. Eu cabei falando disso. A gente acabou sendo os herdeiros da colonização. Nós somos os herdeiros dos nossos colonizadores. E aí, a gente estava falando sobre a dominação de negros e acabei citei também os indígenas. Porque a gente tem sangue nas nossas mãos de qualquer jeito. Ou está nas nossas veias ou está no nosso prato. É isso! Não tem como a gente separar isso.

Olívia: cara, você estava falando de tomar os países né, passou isso ontem no Fantástico, só que foi sobre a questão ambiental. Vários países do meio ambiente e taus, que tem diversos produtos importados que são de lugares que não tem o mínimo de cuidado com o meio ambiente. E são considerados amigos, só que a maioria ou quase tudo dos de lá são de lugares terrivelmente prejudiciais ao planeta.

P.H.: vamos pegar o exemplo da Noruega. Noruega muito divertida né? Noruega muito maravilhosa né, 25% dos carros são elétricos, todo mundo tem acesso a placa solar que é baratinha, ele é o país que mais financia o fundo Amazonia, mas

também é um dos países que está na OPEP, que são países que mais poluem no mundo porque ficam pegando petróleo adoidado. Ele extinguiu todas as baleias que tinham na costa. A pesca de lá é extremamente predatória e eles extingiram algumas centenas de peixes e, enfim. É muita hipocrisia esse negócio de “somos amigos do meio ambiente”, “vamos todos das as mãos e fazer uma ciranda”. Mas pelo amor de deus né. Não consigo gente, desculpa.

Pesquisador: mais alguém?

Ítalo: sobre a questão do tempo livre, eu respondi meio que encima do que foi dito, que tem a ver com a liberdade que a gente vai ter dentro desse tempo. E como a gente tinha estudado em sociologia, o nosso tempo com o avanço da tecnologia e da incidência do trabalho e tau... agora o trabalho não está preso dentro de quatro paredes, dentro de uma indústria ou da empresa. Agora a gente leva o trabalho para casa, os professores levam o trabalho para uma... “ah, quando você chegar em casa você envia tal documento?”, “quando você chegar em casa você faz isso”. A qualquer momento você pode ter que parar tudo, entrar em uma reunião no computador e agora você está trabalhando. Você pode ficar o dia inteiro, que seria seu dia de folga, esperando a confirmação de alguma coisa do seu chef ou algo assim. E da segunda questão, das três... já é pra falar da segunda questão?

Pesquisador: sim, fala aí!

Ítalo: bom, é... no caso as primeiras que me vieram a cabeça das que exigem auto volume de capital cultural foram: professores, administradores e advogado. E o que exigem pouco capital cultural eu peguei o que veio na minha cabeça também, não tem como eu pegar de outro lugar também né: faxineiros, porteiros e zeladores. Os três primeiros exemplos eles têm esse papel, mas já que a questão é remuneração, tem uma grande diferença entre por exemplo o dinheiro do administrador, dependendo de onde ele trabalha, para que um advogado ganha e para que um professor ganha. Porque o quanto eles ganham tem a ver com o quanto eles são valorizados pela sociedade, como o trabalho deles vai ser valorizado diante disso também. Na questão dos que exigem pouco capital cultural, lógico, eles ganham menos, mas hoje em dia dependendo de onde o faxineiro trabalha e de quantos trabalhos um professor trabalha, eles podem ganhar quase a mesma coisa também.

Professora: mas e o tempo livre deles e o volume de trabalho?

Ítalo: é! Bem diferente! E tem aquela coisa que eu falei ne, a diferença de como eles são vistos pela sociedade e assim como o trabalho deles é valorizado diante disso.

P.H.: eu ia falar sobre isso. Principalmente nos tempos de pandemia que a gente tem tecnologia no geral que já está fazendo isso de uma forma cada vez maior. A gente tem visto um apagamento da fronteira entre trabalho e repouso. A gente fica em casa, liga o computador e dá aula. Aí no computador a gente vê também um filme, nesse computador a gente escreve um texto sobre sei lá... nesse computador a gente vai colocar uma música para ouvir enquanto está cozinhando. Ai a gente está apagando toda uma fronteira, aí eu falo daquele livro que eu li duas páginas e já estou opinando sobre. Isso acaba sendo muito do “faça por você”, “seja produtivo”. Aí quando a gente vê está a (nome de uma professora) no Twitter falando que está corrigindo redação. Eu fico indignado nessas coisas, porque tipo, duas horas da manhã era para a gente estar dormindo. Eu vejo Twitter ao vivo? Eu vejo Twitter ao vivo, mas não vem ao caso o porquê eu estar vendo ao vivo. Mas não é só a (nome de uma professora) que eu vejo. Vejo outros professores também falando que estão trabalhando duas horas da manhã fazendo tal trabalho, aí quatro horas da manhã está passando trabalho para gente, está preparando aula. Estou falando nesse caso com o exemplo do professor. Mas a gente pode ver outras profissões também, minha mãe é psicóloga e ela está aqui, tem vez que é meia noite e ela está escrevendo relatório. Que isso? É o apagamento da fronteira entre casa e trabalho. Sinceramente, não gosto! Fico indignado! A gente perde todo o descanso. O descanso perde o sentido.

Ítalo: sobre essa coisa do apagamento entre a fronteira, durante esse último mês em que a gente teve simulado, a gente teve “pausa de 10 dias, descansem alunos”. Matéria nova, matéria nova, matéria nova. Simulado, simulado, simulado. Prova, prova, prova. Trabalho, trabalho. Dai então, por conta disso eu não sei se o pessoal... é... eu passei por momentos de muito estresse e ansiedade. Eu já estou bem melhor, mas por exemplo, no dia em que a gente fez o simulado, no segundo dia, eu parei, respirei fundo e falei: ok! Ok! Eu dormi praticamente o dia todo, mas porque, se eu vou ficasse acordada eu sentia uma coisa muito ruim de tipo: “não, eu tenho muita coisa para fazer ainda, não acabou! Eu tenho muita coisa para fazer ainda!”. E o meu jeito para lidar com essa minha ansiedade foi dormir. E mesmo assim, toda vez que eu acordava, eu me sentia muito ansiosa, eu dormia. Eu tive um

dia de descanso, pelo menos que eu me obriguei a ter ficando apagada. Toda hora que eu acordava eu olhava o grupo de WhatsApp, “será que tem alguma coisa nova?”. Às vezes eu acordo de manhã “meu deus, será que é uma coisa natural e eu esqueci?”, “será que algum professor botou alguma coisa”. É aquela coisa, por exemplo, quando a gente está presencial, o dia de entregar tarefa do professor é no dia da aula dele ou coisa assim. Agora é de madrugada! E por exemplo, o que P.H. falou que “ah, a (nome de uma professora) corrigindo prova as duas da manhã” me veio à cabeça de que professor sempre teve este sofrimento de ficar até de madrugada corrigindo coisa. Mas agora é diferente também, porque por exemplo, a gente pode entregar para ela uma atividade no sábado a meia noite, o que nunca aconteceria antigamente. Teríamos que entregar no dia da aula dela, de manhã, bonitinho, certinho. Ao mesmo tempo que tentam respeitar nosso tempo a gente invade o tempo do professor.

P.H.: o professor é uma coisa a parte. O que você estava sentido é muito comum, porque acaba sendo uma lotação total. Do que adianta darem cinco dias de descanso se na semana seguinte vão passar quinze trabalhos? Foi o que aconteceu, passaram quinze trabalhos. Passaram muita coisa. A gente demorou semanas para poder se adequar a isso e poder terminar. A gente demorou quase um mês e tivemos que ficar pedindo para aumentar prazo e tau. E realmente não foi culpa deles. O negócio é: a gente está no meio de uma pandemia e teve essa ideia de “girico” de colocar dez dias de feriado, “aí, vamos fazer um lockdown, vamos paralisar as escolas”. Para que? Fechou bar? Fechou lanchonete? Aí fico indignadíssimo.

Pesquisador: é isso né? Essa dinâmica do tempo está mudando de fato em vários sentidos, de tudo, tanto dos nossos estudos e também das nossas dinâmicas de trabalho, porque a gente vai para casa e não tem esse tempo determinado. Então, isso é algo muito novo, essa dinâmica é muito nova. Aí a gente também não sabe se isso vai permanecer ou se não vai. Mas é o que tem para o momento. Por vezes é frustrante essa coisa de não termos os horários marcados, a gente trabalhar naquele horário e o resto do tempo eu ter o tempo livre para fazer uma leitura, ver um filme. Essa ideia do tempo agora com a pandemia, ela sobre uma mudança drástica. Só para fechar, essa ideia do tempo livre e atrelado a ideia do capital é igual o P.H. falou. A gente está aqui este tempo todo, eu tenho que fazer a minha pesquisa e

tudo mais, e no caso de vocês, que também já foi o meu caso, porque tem alguém trabalhando por nós, tem alguém por trás da gente para a gente poder, de fato, adquirir mais conteúdo. E quem sabe não transformar isso em diplomas e certificados que vai fazer, falando por mim, foi o meu caso na adolescência de ter esse tempo livre, transformar em um diploma. A principal ideia foi de projetar futuro, né? Eu não fiz essa pergunta a vocês, mas pelo que eu vi aqui da conversa vocês pensam em fazer algo, não acabar no ensino médio, continuar fazendo um curso técnico ou uma graduação. Por vezes, isso, de fato, é uma ideia de pensamento a longo prazo. Vocês já estão pensando no futuro a longo prazo que tem gente que não tem essa condição, tem que pensar no dia de amanhã ou no mês seguinte ou pessoas que já vão ter que estarem trabalhando, conciliando trabalho e estudo. Então essa era a ideia que eu queria passar para vocês com a tarefa.

APÊNDICE 4: TRANSCRIÇÃO COMPLETA DO SEGUNDO DIA DE GRAVAÇÕES DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.

Pesquisador: boa tarde! Estamos aqui no nosso segundo encontro para fazermos as tarefas sobre desigualdade social. Já cumprimos os protocolos no encontro passado de nome, de autorização da gravação. Só lembrando um pouco do encontro passado, foi o seguinte.

Neste momento, o pesquisador faz um breve resumo do que foi proposto em cada uma das quatro tarefas realizadas no primeiro encontro.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 5 junto as questões 1 e 2.

Pesquisador: vamos seguir aquela ideia mesma ideia de deixar um tempinho, uns cinco minutos para vocês responderem lá no formulário e depois a gente trocar uma ideia aqui? Pode ser?

- Intervalo de 8:30 minutos em silêncio entre as falas enquanto os alunos respondiam as questões.

Alana: professor. Hugo.

Pesquisador: diga!

Alana: eu posso condensar as duas respostas? Porque eu acabei fazendo uma análise de vinte linhas na segunda pergunta explicando como eu usei os três conceitos nessa análise. Então eu posso juntar as respostas? Ou tenho que responder separado?

Pesquisador: pode! Acho que não faz mal não.

Alana: então eu já acabei.

Pesquisador: beleza!

P.H.: eu diria que seria mais fácil fazer a segunda depois do debate. Eu sei o que falar, mas não sei o que escrever.

Pesquisador: ok, vamos ver então.

- Mais um intervalo de 1:00 minutos de silêncio entre as falas.

Olívia (chat): na um é pra falar sobre classe? Tipo baixa média e alta?

Pesquisador: é contigo, você quem sabe.

- Mais um intervalo de 3:00 minutos de silêncio entre as falas.

Professora: essa tarefa está dando um caldo em.

Pesquisador: é! A galera está escrevendo bem!

- Outro intervalo de 1:00 minutos de silêncio entre as falas.

Ítalo: alô.

Professora: oi, estamos te ouvindo!

Pesquisador: deu o tempo? Acabou?

Professora: você consegue ouvir a gente?

Ítalo: consigo! Meio que falta a questão 2 porque a página tinha descarregado.

Professora: beleza! E você Alana, como está aí?

Alana: já acabei já. Só estou esperando.

Ítalo: levando em conta que eu não utilizei as noções de capital econômico, cultural e o habitus, eu posso responder só não? Porque eu não lembro o que eles significam.

Pesquisador: pode!

Ítalo: ok, então eu terminei.

Pesquisador: se for verdade, pode né.

Ítalo: eu não lembro direitinho o que cada um quer dizer.

Pesquisador: então beleza. Então borá galera! O que vocês acharam? Como vocês responderam à questão número 1? Diga aí.

Alana: posso começar ou alguém quer ir?

P.H.: começa!

Alana: como eu falei, eu juntei as duas questões. Lendo esse texto aqui, só reforçou o que eu tinha falado na última aula, que capital cultural e capital econômico coexistem. Para alcançar um, você precisa ter o outro em abundância. Ai o Lucas, ele exemplifica o que eu falei, porque ele só reconhece a necessidade de capital cultural por ele ter capital econômico para fazer uma viagem ao exterior e reconhecer a necessidade do inglês. E acho que ele só reconhece essa necessidade pelo contexto que ele nasceu, porque ele já nasceu com esse dinheiro e sempre teve tudo ali. Então na hora que ele estalar o dedo ele pode escolher se ele quer fazer inglês ou não. Aí chega na Gabriela, aí eu vou acender... (áudio incompreensível) ... capital cultural. Porque tanto ela como o André têm muitas

dificuldades de acesso e por isso eles precisam se esforçar mais que o Lucas para ter acesso tanto a capital econômico como capital cultural. O André para mim, ele fica antagônico ao Lucas porque, na minha cabeça, eu entendi que o Lucas estudava num colégio de elite e o André e a Gabriela num colégio de classe média ou classe média baixa. O André, por ele não estar inserido nesse contexto de abundância de capital econômico ele não reconhece a necessidade de capital cultural. E para mim, o que mais afetou ele foi a questão do habitus que ele tem a necessidade de usar roupas de marca por pertencer ao habitus. Eu fui conversar com meus pais o conceito de habitus, eles me deram mais um explicada do que era. É quando você sente uma necessidade involuntária de meio que pertencer a um grupo, meio que pertencer a um determinado padrão. Então de a faixa etária do André está se vestindo com a mesma roupa, usando o mesmo corte de cabelo, usando as mesmas marcas, ele vai sentir uma necessidade involuntária de pertencer a este habitus. Então, acho que ele acaba ignorando a necessidade de capital cultural e por essa necessidade de pertencer ao habitus. E acho que foi isso.

Pesquisado: mais alguém?

P.H.: toda a influência que os garotos tem, eu cito o Lucas e o André, são bem diferentes da infância que a Gabriela tem. A Gabriela, nesse caso, ela tem as influências da família e provavelmente são pessoas trabalhadoras, afinal são uma diarista e uma quituteira. Pessoas que são diaristas a gente tem essa noção de que são pessoas que não tiveram muitas oportunidades e que não é um emprego tão desejado. E quando falam que ela não é permitida trabalhar, a gente começa a pensar que pode ser porque a família quer que ela consiga um trabalho bom, ela consiga ter oportunidades que sejam melhores que a da sua família. Então a família deve ter que se esforçar bastante olhando assim por fora. Sendo assim eu penso que ela tem que se esforçar bastante e que no final aqui até cita, que essas ações que ela tem agora são importantes para o crescimento intelectual e vive planejando seu futuro. Ela então tem que se esforçar mais que os garotos, porque ela provavelmente não tem as mesmas oportunidades que eles. O Lucas principalmente, ele tem a oportunidade de viajar para fora do país, tem a oportunidade de fazer um curso de inglês e ele percebeu que tinha essa oportunidade. Seguindo um caminho diferente da Alana, no André, eu não o vejo como se tivesse uma oportunidade tão grande quanto o Lucas, mas ele tem algumas

oportunidades e ele decide desperdiçar essas oportunidades principalmente no final do ensino médio, como aqui cita que ele saiu da escola, afinal ele está trabalhando em tempo integral faltando quatro meses para terminar a escola. Todo mundo aqui sabe que o Ensino Médio é essencial hoje para poder trabalhar, para conseguir algum emprego. Nesse caso eu deduzi que ele decidiu desperdiçar a oportunidade de fazer o Ensino Médio para poder ter acesso a loja de roupas e ao depósito e para ter gastos pessoas sofríveis. Não vejo isso como uma decisão muito adequada, muito decente, mas foi a decisão que ele fez e infelizmente ele desperdiçou uma oportunidade. Afinal não é uma necessidade ter roupa sempre da moda ou celular de última geração, não é uma necessidade e ele preferiu seguir com ela. Assim, ele desperdiçou a oportunidade de acabar o Ensino Médio.

Pesquisador: mais alguém?

Ítalo: na questão 1 eu acho que fiz uma análise um pouco mais simples, mas eu analisei o seguinte: o perfil 1 tem uma situação financeira superior ao perfil 3, mas o perfil 1 e 3 tem situações melhores que o perfil 2. Enquanto a Gabriela se interessa e procura alcançar as metas dela com os recursos que ela tem ao alcance dela, o perfil 1, por exemplo, tem meio monetário para ter mais recursos só faltando talvez ele ter mais interesse. Já o perfil 3, apesar de ser um jovem que já está trabalhando, ele estava trabalhando com os pais para garantir algumas regalias, agora vai trabalhar em outro comércio também para garantir as suas regalias. Eu não vejo nada de errado nisso, a vida é dele, mas seria uma situação completamente diferente de um jovem que precisa trabalhar por necessidade. E por mais que o perfil 2, a Gabriela, esteja se esforçando, ela ainda está em desvantagem quanto ao perfil 1. Acabo!

Olívia: cara, eu fui mais ou menos na vibe de cada um. Só que eu separei por classe: média, baixa e alta. Eu coloquei que o Lucas é de classe alta porque assim, simplesmente ele decidiu parar de fazer o curso, se fosse minha mãe ela me dava um “tapão” e se eu pedisse ela não iria deixar eu voltar. “Você não quis larga? Agora lide com suas consequências”. E ele simplesmente voltou, “ah, quero fazer de novo, eu vou fazer”. Então eu coloquei que ele não valoriza o que ele tem e ele faz o que “dá na telha”. A Gabriela eu coloquei em uma situação de renda mais baixa, porque como a gente percebe, a avó é aposentada e a mãe é diarista e mesmo assim a avó faz quitutes para a mãe vender para complementar a renda para ela não precisar

trabalhar e conseguir focar no estudo e conseguir um futuro melhor do que elas tiveram. Porque tipo assim, dá para entender por alto que elas querem que a Gabriela tenha um futuro melhor do que elas tiveram. Eu coloquei do André que ele é de classe média e que ele arranhou um trabalho simplesmente para satisfazer o próprio ego, querer comprar as próprias roupas, as roupas que ele quer, das marcas que ele quer, ter um celular de última geração. Ele foi para trabalhar não por necessidade e sim por querer se encaixar num grupinho que não é o dele.

P.H.: pode não necessariamente ser o dele, o negócio é ele estar desperdiçando uma chance para ter acesso a o que não necessariamente é importante. A gente vendo o olhar, a sensação de pertencimento de uma pessoa é muito importante, mas será que ela vale apenas ele desperdiçar todas as condições que ele está tendo e recebendo?

Professora: deixa eu fazer uma pergunta para o P.H. rapidinho. P.H., você falou assim: “pode até ser um grupo que não que não seja o dele”. O que você quis dizer com isso?

P.H.: nesse caso, porque essas pessoas com quem ele pode estar andando podem ser pessoas com uma renda bem mais alta que a dele e ele pode acabar se sentindo deslocado, ele pode acabar se sentindo desprezado com isso. Não estou fazendo nenhuma segregação com ele, mas ele pode acabar querendo ter coisas que ele acaba não tendo a condição de ter. A gente vê isso em muitos lugares hoje e infelizmente é uma coisa muito ruim.

Alana: igual a Olívia, não igual ela, mas principalmente pela fala dela, eu fiquei um pouco perdida, eu fiquei um pouco curiosa para saber qual era a classe social do André. Porque eu descordo do P.H., eu não acho que ele tenha procurado emprego para comprar roupa de marca é simplesmente por uma questão de futilidade. Eu acho que como ele nasceu em um contexto diferente do Lucas, ele não sente a necessidade, não enxerga a necessidade de atribuir cultura, de ter conhecimento. Então, para ele é o contexto que ele nasceu, não é de classe baixa, mas com certeza é menor que a do Lucas. Então o contexto que ele nasceu, foi ensinado que a prioridade é ter roupa de marca. Eu achei interessante também, principalmente depois da fala do P.H., porque eu não tinha pensado nisso, a questão da Gabriela. Claramente, dos três perfis, ela é a que mais se esforça, principalmente por ser mulher, porque talvez, isso não fica explícito no texto, ela tenha a consciência de

que para ele conseguir um emprego e ter uma renda seja muito mais difícil do que a dos meninos. Tanto que tem uma reviravolta toda na casa dela para ela poder estudar. A mãe dela trabalha para manter a casa e a avó cuida da irmã. Se a gente olhar, muitas meninas com 15, 16 ou 17 anos, que eu creio que seja a faixa etária deles, já está cuidando de casa sozinha, cuida de criança pequena, e quando não está cuidando tem que sair para trabalhar para sustentar a casa toda. Então eu achei interessante isso ficar meio escondido no texto, que a Gabriela é a mais esforçada.

P.H.: eu digo mais. Digo que o André teve essa vontade mais por um capricho por bastante aspás. Aqui tinha dito que ele trabalha no restaurante da família para suprir os gastos pessoais. Ele não trabalha no restaurante da família porque a família precise que ele trabalhe, mas ele trabalha e vai gastar o salário com que ele quer. Quando ele vai para esta proposta do emprego integral em uma loja de roupas, a gente pensa, como é um emprego integral e não só no final de semana, o salário dele vai ser maior. Logo, eu concluo que ele queria fazer isso para poder ter os gastos pessoais. Quais são os gastos pessoais: andar com roupa da moda, ter roupa de marca e celular de última geração. Pode não ser o caso, mas é o que eu acabei concluindo pelo que está escrito no texto. Eu não sei, eu discordo dele nesta perspectiva.

Alana: eu perdi o início da sua explicação, qual foi a justificativa que você deu mesmo para o André não querer trabalhar no restaurante da família?

P.H.: provavelmente, como ele está trabalhando em tempo integral nessa loja de roupas, um trabalho integral deve pagar mais do que você trabalhar no sábado e domingo. Então ele acaba recebendo maior salário para poder ter mais gastos. Eu enxergo isso como se fosse um capricho dele. A gente tem um texto aqui de 15 linhas para poder ter esta introdução a vida dele. Eu não posso dizer de primeira que ele está fazendo isso aí porque ele não olha para o futuro, que é isso ou aquilo. Mas vendo aqui o que está escrito, como ele vai receber um salário maior e os gastos pessoais dele são explicitados no texto como andar com roupas da moda com preferência pelas de marca e ter celular de última geração, a gente pensa que ele quer ter um salário maior para ter mais acesso a essas coisas. Ele acabou desperdiçando a chance de ter o ensino médio concluído. Eu fiquei mais revoltado porque faltava 4 meses para ele acabar. Eu não entendi.

Ítalo: eu acho que nestes casos em textos assim, muito professores já falaram isso comigo pelo fato de eu ser horrível em interpretação de texto, é que quando tem pouco coisa falando sobre personagem você analisa só por isso, não analisa como se fosse um humano de verdade porque é um perfil. Então não tem “ah, será que ele está querendo isso ou aquilo”. Analisa de qualquer jeito.

P.H.: sim, exatamente. Eu só acho que é uma análise muito superficial para a gente ter logo essa dedução. O negócio é, pelo que está escrito aqui, eu acabei tendo essa conclusão. Eu não sei se essa coisa é certa, o que motivou ele a ter este gasto, se ele estava querendo ajudar a avó que estava passando mal ou algum problema. Não sei! Mas pelo que está escrito aqui os gastos pessoas dela são gastos superficiais, não são gastos que vão mudar a vida dele, não é uma conta que ele tem que pagar urgentemente.

Olívia: é né, é um texto curto e cada um tem uma interpretação. Eu tive a mesma interpretação de P.H. Foi para fortalecer as coisas dele, as luxurias com a roupa e do telefone. Para a Alana não, foi para ele se coisar... Acho que abre para diferentes interpretações porque cada um tem seu ponto de vista para determinadas situações.

P.H.: eu também concordo muito com a Alana. Porque pode ele acabar querendo se inserir em um grupo. Eu falei isso no meio negócio sobre habitus, porque ele pode querer se incluir em um grupo que pode acabar sendo um grupo que tenha uma renda maior que a dele e ele tem que trabalhar para ter acesso as mesmas coisas que este grupo quer ter. Acaba sendo uma coisa que pode prejudicar ele no futuro? Talvez! Mas ele o que ele quer.

Pesquisador: então eu faço uma pergunta a vocês. Neste perfil do André teve até algumas pessoas que classificaram. Vocês destacaram também que ele pode ter uma renda maior do que a da Gabriela e talvez menor do que a de Lucas pelo fato dos pais terem um comércio. Esse comércio está subjetivo, não sabemos se é um grande comércio e faz eles terem uma vida bem boa ou é um comércio de que só dá para sobreviver, então está de fato subjetivo. E se eu mudasse a situação dos pais deles, e se eles trabalhassem em algum outro emprego que não exigisse uma qualificação de diploma, igual de professor. E se os pais não tivessem uma profissão que exigisse um diploma, o que vocês poderiam falar sobre a atitude dele? Ou até mesmo se fosse uma situação parecida com a da Gabriela, o que vocês poderiam falar da atitude dele, que ele tomou em relação a escola? O André.

Alana: como o P.H. falou, o André faltava 4 meses para ele terminar o ensino médio. E tem muita gente de classe média, classe média baixa e classe baixa que a meta de estudar é conseguir arrumar um emprego e não se formar de fato fazendo uma graduação. Então pode ter sido que ele e os pais dele tenham se vislumbrado com essa vaga, porque tem muita gente que está fazendo o terceiro ano do Ensino Médio e assim que aparece um emprego, larga a escola e começa a se dedicar extremamente aquilo. Então na minha visão foi o que aconteceu com o André.

P.H.: teria que ser um pouquinho mais específico na minha opinião, porque um diploma não necessariamente é um sinônimo de um salário maior. Um professor, por exemplo, pode ficar 20 anos, 20 anos não, exagerei. Pode ficar 10 anos estudando, pode até fazer um doutorado e não por isso vai receber um salário grande. Tem professor que recebe salário mixuruca ou salário mínimo. Infelizmente isso acontece.

Pesquisador: então porque você colocou isso lá no Lucas? O que você entendeu do Lucas? O pai dele é professor. Não sei se foi você em específico, alguém aí falou, colocou ele como o que tem o melhor poder aquisitivo. E aí?

P.H.: não, eu não botei isso.

Pesquisador: não lembro se foi você. Foi alguém! O que você pode dizer sobre isso?

Alana: foi eu!

P.H.: eu coloquei que ele estava desperdiçando uma grande chance que os pais dele estavam garantindo que era a chance de ele poder fazer o curso de inglês. Mas que ele percebeu que ele estava perdendo essa chance que ele estava recebendo e decidiu voltar para poder fazer. Mas o do Lucas eu não entendi. Repete por favor, eu me perdi.

Pesquisador: o Lucas, o pai dele é professor. Não sabemos o quanto o pai dele ganha. O que a gente pode considerar, que na parte econômica, alguns entenderam que a parte econômica dele é a melhor situação de todos os três perfis.

P.H.: vale lembrar que a mãe dele também é médica. Medicina recebe um salário gigantesco aqui no Brasil. E o professor tem um abismo salarial gigante. Um professor em uma universidade pode receber 20 mil reais por mês de salário e um professor de ensino básico em uma escola municipal no Piauí pode receber 1500 reais por mês. Há um abismo salarial gigante. Neste caso não está especificado.

Mas eu coloquei no texto aqui que ele está desperdiçando a chance que os pais dele garantiram, não que ele tinha um poder aquisitivo maior. Neste caso, a gente tem a noção que eles têm uma empregada que é a ajudante. No caso do André, como é um negócio, a gente acaba pensando que ele pode ter uma renda mais ou menos, uma renda que dá para viver, uma classe média, assim como o Lucas. O Lucas ele pode ter um poder aquisitivo um pouquinho maior por causa da mãe dele. A mãe dele é médica. A mãe dele pode sustentar a casa, eu não sei. São perfis muito pequenos para gente analisar e falar que tem tau coisa.

Ítalo (chat): e o pai, sendo professor, um educador, fica implícito que ele poderia acrescentar no capital cultural dele.

P.H.: ah, sim! Sim! Mas eu não entendi sua indagação. Eu fiquei meio perdido.

Ítalo: na questão econômica do perfil 3, André, diz aqui que os pais dele tem um restaurante de comida self-service. E até onde eu saiba, não precisa de uma formação ou algo assim para abrir um restaurante de comida self-service. Então ele pode ver nos pais que eles cresceram, eles têm um comércio próprio e assim eles têm uma boa situação econômica, o que permite ao filho deles trabalhar para poder... “ah, você pode até ter o que você quiser, mas você vai ter que trabalhar para isso”. Então ele meio que teria uma visão de que ele não necessita de uma formação para ganhar na vida.

Alana: a gente entra naquela questão de empreender por oportunidade e necessidade também né. Quem sabe os pais do André não se juntaram para abrir um restaurante porque os dois ficaram desempregados.

Olivia: é aí que eu volto para o ponto de várias interpretações em um contexto muito pequeno e que a gente não tem muita informação.

Alana: seria muito mais fácil se a classe social do André ficasse mais explícita assim. Porque aí assim a gente não sai atirando para tudo quanto é lado.

Pesquisador: o que é classe social para você? O que você considera por classe social?

Alana: classe econômica.

Ítalo: pode ir um pouco mais além disso. Classe social é mais abrangente.

Alana: para mim tudo depende. Porque se você tem classe social, provavelmente você tem maior acesso à educação e a todos os serviços em geral, porque isso depende de dinheiro. As classes mais baixas não vão ter, porque isso depende de

dinheiro. Por isso que eu resumi em classe econômica. Mas eu sei que é mais abrangente.

P.H.: a classe social pode ser também econômica, mas também pode ser tipo... a gente não sabe se Lucas é branco, se o André é negro, a gente não sabe essas coisas. A gente não pode deduzir assim. É um perfil sociológico que está focando só em algumas coisas que eles fazem e que na minha opinião está bastante incompleto. Não dá para gente deduzir muita coisa. Uma ficha eu acho que seria mais fácil de entender.

Pesquisado: mais alguém quer falar sobre essa?

Olivia: eu coloquei o Lucas como classe social mais alta pelo contexto que me deram ali no texto. Só que é como a Alana falou, não tem como a gente saber que naquele perfil sexualidade, cor de pele e religião. Tudo isso influencia. Então tendo em mente entre muitas coisas que ele é um branco padrão, e todos eles são, eu coloquei assim por causa da situação da mãe médica, porque medicina é muito valorizada aqui. E foi também o que o P.H. falou do contexto do pai que pode ser assim. O pai dele é professor, então já tem uma questão que ele pode receber muito mais conhecimento só por isso. A Gabriela eu coloquei como a mais baixa. Mulher, só tem exemplo de mulher em casa. Querendo ou não mulher é mais minimizada na sociedade. Então querendo ou não ela vai ter menos oportunidade. Mesmo que ela tenha a mesma qualificação de um homem, é capaz de um homem ser escolhido primeiro. O do André eu coloquei como médio porque tipo assim... é médio porque eu acho que é médio.

P.H.: foi o que eu falei também, a gente não sabe aonde eles moram. A Gabriela a gente pode ter uma noção porque uma diarista, seguindo aquelas tiras do Leandro Assis, eu vou seguir como base o que ele falou, normalmente uma diarista mora em uma favela ou em algum subúrbio, em algum lugar meio desprezado, uma periferia. Mas o Lucas e o André a gente não tem noção do CEP deles. Foi o que eu falei no encontro passado, o CEP pode determinar o que você vai ficar para o resto da sua vida. Foi a pesquisa da Oxford que falou sobre isso, que o seu CEP, a sua cor de pele, a renda dos seus pais, o seu gênero, a sua sexualidade, tudo pode influenciar o caminho que você vai seguir pelo resto da vida. A gente não tem a noção deles aqui completa. Seria mais fácil de dizer.

Pesquisador: mais alguém? Então beleza, acho que foi muito bom esse debate dos perfis. Vamos passar para a seguinte.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 6 e 6A junto a questão

1.

Alana: microcomputador é o que exatamente?

Professora: computador.

Alana: a família que eu estou analisando tem dois banheiros, mas um não está funcionando. Conta mesmo assim?

Pesquisador: conta sim! Conta a estrutura física. Não está funcionando no momento, mas pode vir a funcionar.

Alana: entendi.

- Intervalo de 1:00 minutos em silêncio entre as falas enquanto os alunos respondiam à questão.

Ítalo: o que diabos é microcomputador?

Pesquisador: notebook, desktop, computador. É interessante porque essas variáveis são de 2019. Ainda não tinha o de 2020. Então vocês veem que os nomes estão parados no tempo.

- Mais um intervalo de 3:00 minutos em silêncio entre as falas.

Pesquisador: mesma ideia galera, quando vocês forem acabando, vão falando para a gente trocar ideia.

Alana: por onde dá para ver os serviços públicos? Está no formulário?

Pesquisador: mandamos uma foto no grupo (grupo do WhatsApp). Você está com acesso? Porque o serviço público são só dois: água encanada e rua pavimentada. Sim ou não. Água encanada, não é 0 e sim é 4. Rua pavimentada, não é 0 e sim é 2.

- Outro intervalo de 2:00 minutos em silêncio entre as falas.

Olívia: galerinha, não sei enviar arquivos pelo Forms.

Professora: você salvou no seu computador?

Olívia: sim!

Professora: então, tem um botãozinho ali: “enviar arquivo”. Aí você clica nele e vai procurar o arquivo aonde que ele está salvo no seu computador.

Olívia: achei! Obrigada!

Alana: terminei a primeira aqui então, estou aguardando.

Pesquisador: ok.

- Mais um intervalo de 2:50 minutos em silêncio entre as falas.

Pesquisador: deu aí galera, para acabar? O que vocês marcaram neste critério? O que deu de pontuação e de classes?

Olívia: o meu deu 37 e deu B2.

Alana: o meu deu 43 e deu B1.

Ítalo: 36, B2.

P.H.: fechei o meu arquivo e não estou conseguindo mais abrir, espera um minutinho.

Pesquisador: ok! Vocês sentiram alguma dificuldade para poder fazer essa marcação das variáveis? Quando vocês olharam essas variáveis, tiveram alguma dificuldade ou alguma coisa esquisita ou alguma variável que não foi considerada?

Olívia: cara, eu achei esquisito porque eu conheço a família e não condiz com o que realmente tem, não condiz com o que realmente é. A família que eu fiz não é de classe B, nunca foi e nunca será.

Ítalo: acho que esse me parece um método ruim para saber qual é a classe social, porque “ah, a pessoa não tem uma lava louça e nem um freezer”, e daí? É porque ela não quer, pode ser por isso.

P.H.: mais do que isso também né. Tem bens de consumo que não necessariamente são bens extremamente caros. A gente hoje no Brasil tem a condição de parcelar, fazer um crédito, fazer um empréstimo. Agora peguei aqui a minha. A minha deu 59 pontos, foi classe A. A família que eu peguei com certeza não é classe A, não tem como.

Alana: eu achei engraçado também que a gente veio comentando até agora que formação acadêmica não é sinônimo de dinheiro, de bom salário ou classe social. Você pode ser um pós-doutor, não sei se é assim que se chama, esqueci, mas pode estar desempregado. Então achei vacilo colocar muito ponto em cima disso, atribuir tanto ponto a este critério. E também a questão dos aparelhos eletrônicos, eu acho que a gente pode ver isso como um pós... eu esqueci a denominação... mas como uma coisa ruim e uma coisa positiva, porque por exemplo, ter um aparelho de DVD em 2014 significava: “nossa, como você tem dinheiro”, hoje pode significar que você

não tem renda para aparelhos eletrônicos novos, por isso você está com o mesmo DVD de 2014.

Pesquisador: ainda tem a questão do computador né, fazendo tudo pela internet muita gente tem mais de um computador em casa.

P.H.: tem também o negócio do preço do computador. Dez anos atrás era muito caro, hoje é muito mais barato por mais que ainda seja caro, mas ainda assim é uma necessidade.

Pesquisador: geladeira também, você pensar na geladeira, você pode ter uma geladeira simples que com talvez menos de mil reais você consiga comprar uma geladeira daquela menor e mais simples, até geladeiras que tem acesso à internet.

P.H.: sim, tem geladeira de seiscentos, oitocentos reais até geladeiras de doze mil reais. Não necessariamente eu acho que neste contexto aqui, nesta estratificação que foi feita, ficou muito pouco... bem ruim... não sei como descrever. Está uma definição bem escrachada, bem mal feito.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 6B junto a questão 2.

- Após a leitura é dado um tempo de 5 minutos para os alunos responderem as questões da tarefa 6B no formulário.

Pesquisador: podemos? Todos já acabaram?

P.H.: já terminei.

Pesquisador: falta quem?

Olívia: acabei!

Ítalo: é para responder o índice de felicidade também?

Pesquisador: ainda não, ainda não. Questão 3 e 4 eu ainda vou falar. Bom, o que vocês podem dizer deste critério? Quais informações vocês entendem que ele apresenta e o que ele não informa de importante?

Olívia: eu achei uma bosta!

Alana: eu também!

Olívia: cara, qual a diferença da classe C para a B? Um real do valor superior e do valor inferior de uma e da outra. O que 1 real vai fazer de diferença na minha vida? Hoje em dia você compra duas balas com 1 real.

P.H.: não necessariamente você está falando que vai ser 1 real da diferença de classe, mas tipo, é só para poder manter uma coisa bem lá encima sabe? Uma separação. Mesmo que seja um pouquinho bem pouco nítida, ainda é importante essa comparação. Mas eu concordo em partes com você. Aqui só está a renda, não está falando sobre o imposto que você tem sobre a renda, não está falando sobre o gasto familiar, não está falando sobre sua moradia, não está falando sobre nada disso. Ainda tem há a renda externa né, não sei se está aqui descrito, mas vai que seu pai trabalha de Uber.

Alana: eu acho que o gráfico deveria acompanhar a inflação porque o real está muito desvalorizado. Hoje, com 1.200,00 reais, que é a classe E, você não consegue fazer quase nada, você paga as suas contas e muito mal pagas e sobra um dinheirinho ou outro.

Pesquisador: se a gente for parar para pensar, igual eu falei, está em valor de 2014. Talvez estes 1.200 reais seja um pouco menos que um salário mínimo e meio. Talvez o salário mínimo nesta época era entorno de 700,00 a 800,00 reais. Então talvez daria um salário mínimo e meio se a gente for pensar em salários mínimos.

Ítalo: aí então está afirmando que a classe E, que é a classe mais baixa, o limite superior é 1.254,00 reais sendo que... sei lá... não entendi como a classe mais baixa o limite superior está acima de um salário mínimo. O teto não deveria ser o salário mínimo ou algo assim?

Pesquisador: é porque ele considera a família. Essa família tem quantas pessoas? Aí essa pode ser uma inconsistência também, porque a família pode ter muitas pessoas e depender desse dinheiro, como ter várias pessoas e ter só um provedor. Essa é uma boa pergunta, se é um salário mínimo... quanto é considerado que um salário mínimo vai sustentar? É mínimo para quantas pessoas? É mínimo para quem? É mínimo só para mim? Aí pode ser que o salário mínimo dê conta para eu sobreviver. Mas boa dúvida. Mais alguém neste critério?

Ítalo: eu coloquei mais ou menos isso. Ela parece não levar em conta o número de pessoas que tem uma família, quantos por cento das pessoas pertencem a tais classes e levando em conta o Critério Brasil as classes não batem. Por exemplo, na família que eu analisei na parte 1 ficaria na B2 e aqui ficaria na classe C.

Pesquisador: legal! Critério Brasil e Fundação Getúlio Vargas não batem então. Mais alguém?

P.H.: eu concordo com tudo que falaram.

Pesquisador: do critério da Fundação Getúlio Vargas é isso então.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 6C junto as questões 3 e 4.

Olívia: a quarta questão é em relação ao que eu penso ou em relação a tabela?

Pesquisador: boa pergunta! Pode ser o que você pensa. Responde dos dois, coloca o que você pensa e em relação a tabela. Na verdade, talvez seja o que você pensa, porque talvez tenha alguns países aí que estamos um pouco distantes da realidade deles, por mais que algum fala que lá é feliz ou não, sei lá né, vai saber.

P.H.: eu estou chocado que estatisticamente o Brasil é mais feliz que o Japão e que a China.

Pesquisador: o que te choca?

P.H.: Japão e China são países bem mais ricos que o Brasil. Isso me chocou bastante.

Pesquisador: aí eu te pergunto: poder econômico de um país é sinônimo de felicidade da sua população?

P.H.: exatamente. Se a gente for pensar, tudo isso em cada país, menos o 3 e 4 (itens do índice de felicidade que vão de 1 ao 6) nesses países que eu citei, e o 5 também, o 3, 4 e 5 são um pouquinho menores que os outros do que aqui no Brasil, se a gente for considerar.

Pesquisador: como é? Itens 3, 4 e 5 para o Japão e China você diz?

P.H.: eu sinto que são melhores que o Brasil.

Pesquisador: o item 4 para a China é controverso. Polêmico.

P.H.: o Japão também é bem... é, isso que eu ia falar, tem muita pressão. A sociedade é "cagada". Mas corrupção... o suporte social também né, é tabu falar de saúde mental em alguns países. Mas corrupção, expectativa de vida e PIB per capita, questões mais econômicas, eles são muito superiores ao Brasil.

- Intervalo de 1:30 minutos em silêncio entre as falas.

Ítalo: a questão 4 eu posso só responder: não! Porque eu acho que encima eu respondi o que pergunta embaixo.

Pesquisador: pode.

Olívia: eu não tenho argumentos, eu só escrevi não nas duas.

Pesquisador: ok. Mais alguém fazendo? Quando acabar, avisem.

P.H.: eu já acabei.

Pesquisador: falta quem?

Alana: acabei de acabar.

Pesquisador: o que vocês responderam nas duas perguntas?

Olívia: não para as duas, porque tipo assim, eu não vejo como a população ter um poder econômico grande fazer ela feliz. Para mim não é envolvido um com o outro. Para mim são outros quinhentos cada um, entendeu?

P.H.: você falou que não afetava diretamente as situações socioeconômicas?

Olívia: para mim, a questão econômica não interfere na felicidade ou não do povo, porque tipo assim, pode ser o povo mais pobre do mundo, mas se tiver um motivo para estarem felizes eles vão estar mesmo não tendo dinheiro.

P.H.: sim! No caso dos Estados Unidos, neste ranking, neste caso é mais alto que o Brasil, mas os casos de depressão lá são altíssimos mesmo sendo o mais rico do mundo. Dinheiro não é sinônimo de felicidade, também escuto essa frase a vida inteira. Eu coloquei que ele não influencia nas questões cotidianas de assistência social, na pobreza ou nas políticas públicas, porque isso aqui não é um critério que vai ser sério, “vamos usar isso aqui para fazer as pessoas mais felizes”. Agente tem que fazer a qualidade de vida melhor e isso vai acabar correlacionando com a felicidade, o que vai aumentar a felicidade é melhorando qualidade de vida das pessoas.

Pesquisador: mais alguém?

Ítalo: em ambos eu respondi não porque “e daí que meu país, o Brasil no caso, está em 35º lugar?”. Isso não está medindo a minha felicidade como Brasileira. Isso não muda o fato de que existem grandes divergências no nosso país. Sei lá, talvez tenha essa visão de que o Brasil é um país de alegria, é carnaval. Depende muito da personalidade que um povo monta, acho que estou falando besteira, mas depende muito da personalidade de cada pessoa, de cada família, de cada povo, de como ele interage. Talvez seja meio bobo medir a felicidade de um país usando estatísticas. Felicidade é um sentimento, não tem como medir algo assim.

Alana: eu acho que foram extremamente frios e calculistas. Não que seja o caso, mas sei lá, a China está abaixo do Brasil nesse ranking de felicidade, estão cria-se

uma coisa de “oh, não precisa de dinheiro para ser feliz, eu posso continuar te explorando na miséria que você vai ser o país mais feliz do mundo”. Então para mim é puro marketing, serve para levantar bandeira. Enfim, não acho que seja um índice real.

Pesquisador: mais alguém quer comentar algo? Então vocês veem que é divergente, cada critério vai adotar uma estratégia, mas na estatística é muito difícil mensurar essas coisas. Fazer um levantamento estatístico que vai representar toda a realidade é muito difícil, porque vão estar envolvidas muitas variáveis. Por vezes, é uma questão de escolha mesmo. Igual o Critério Brasil, ele selecionou algumas variáveis que por vezes não condiz com a realidade de hoje. A ideia de pontos e ter os bens materiais por vezes não condiz com a realidade, igual a ideia da geladeira que nós demos exemplo, tem geladeira de 800,00 e geladeira de 10.000,00, mas todo mundo tem uma geladeira. Todos estes critérios tem uma inconsistência, não vão conseguir abraçar tudo. Neste critério da Fundação Getúlio Vargas, no próprio texto inicial nos vimos, ele não considera se é o meio rural ou urbano. Você considerar um salário de 1200,00 no rural pode ser mais significativo, comprar mais coisas, do que no urbano. Então tem estas inconsistências.

Professora: posso fazer um comentário?

Pesquisador: claro.

Professora: eu acho que essa marcação das classes, as classes ficam bem marcadas também pela questão do habitus e do capital cultural, conectando já lá antes com as tarefas anteriores. Então acho que os critérios eles não conseguem marcar isso. Você olhar para uma pessoa que ganha mais de R\$ 11.000,00 reais. Tem uma classe social que ganha mais de R\$ 100.000,00 reais que tem habitus muito específico. Os critérios não conseguem marcar bem essa passagem. Esse critério da FGV me incomoda mais neste ponto.

P.H.: eu ia falar disso. O habitus dessas pessoas de R\$ 100.000,00 reais são bem diferentes das pessoas de R\$ 11.000,00 reais. Mas as de R\$ 11.000,00 reais também tem habitus diferentes das que recebem R\$ 1.000,00 reais por mês. Outra coisa que eu fiquei com dúvida é se é renda média ou renda familiar.

Pesquisador: é renda familiar total. Mas aí é isso, a ideia de classe. O Bourdieu naquele texto, é um texto mais pesado, mas ele considera lá que: “são grupos práticos constituídos por pessoas: famílias, associações (de moradores, por

exemplo), movimentos sociais e movimentos políticos”. Então quando você faz análise mais voltada para a parte da sociologia, essas coisas não tem muito a ver com o dinheiro diretamente. Vai estar associado mais a pensamentos, ideias que eles estão movendo ali, hábitos de convívio. O que é classe social? Qual o conceito de classe social para você? Está falando de uma coisa exclusivamente econômica? Então não seria classe social, seria classe econômica. Estamos misturando as duas coisas? Foi o que o Critério Brasil tentou fazer misturando classe econômica com a ideia da escolaridade, misturando um pouco das coisas. O Índice de Felicidade tentou misturar várias variáveis, mas até que ponto isso de fato reflete e consegue dados tão precisos assim para poder fazer essas afirmações? Então toda vez que falamos de classe, eu acho que esta é a grande ideia destas tarefas, qual o conceito de classe social de onde estamos falando? Primeiro vamos estabelecer um conceito do lugar que estamos falando para depois começar este debate. Acho que é esse o nosso foco.

Neste momento, o pesquisador faz a apresentação da tarefa 7.

Pesquisador: o que vocês acham melhor, fazer individualmente ou todos vocês em grupo?

Olívia: eu voto fazer em grupo, meu cérebro não funciona mais.

P.H.: é muito difícil fazer isso sozinho, tanto é que o IBGE não faz isso sozinho, não é a gente que vai fazer isso sozinho.

Alana: posso colocar minha sugestão no chat então, porque aí a gente pode discutir sobre e no final montar.

Pesquisador: façam em grupo. Vou deixar aqui aberto para vocês trocarem ideias em grupo. Eu queria que vocês apresentassem uma ideia. Não precisa de ficar redondo, redondo, “fechamos, é isso aqui e fim de papo”. Eu queria que vocês apresentassem uma ideia que eu acho que é o mais interessante. Deixar a coisa fechada, vocês já perceberam aqui que vai faltar alguma coisa. Pode ser então? Deixar o espaço para vocês? Pode ser? Podem abrir o áudio e câmeras que eu vou fechar aqui a minha. Ai quando vocês terminarem vocês avisam aqui.

- Imediatamente os estudantes começam o debate a partir de uma ideia proposta no chat.

Alana (chat): colonizado e colonizador; tipo de colonização; fome; moradia digna; saneamento básico; acesso à saúde de qualidade; segurança; acesso à luz elétrica; emprego estável, não abusivo e devidamente remunerado.

P.H. (chat): só acho que as coisas de colonização não são tão boas.

Alana: P.H., isso do tipo de colonização é justamente o que você falou, porque tem colônia de exploração e colônia de povoamento. Aí uma é foca realmente em explorar e a outra é povoar o lugar, transformar em civilização, tau, tau, tau...

P.H.: eu entendi o que você falou, mas acho que não tem cabimento a gente colocar isso no contexto do século XXI. Se a gente for analisar o contexto histórico tem bastante sentido, só que a gente mudaria isso para o contexto de exploração e de desigualdade entre países. Eu acho que seria mais atual.

Alana: Ítalo, Olívia?

Olívia: eu sou estou aqui vendo a mente brilhante de vocês trabalharem.

Alana: a “dondoca” tem que opinar, né?

Olívia: gente, eu nem sei como, de verdade. Calma, me deixa pensar.

Ítalo: achei tudo isso muito interessante. Se tiver que desenhar um gráfico estou aqui para ajudar.

Alana: muito obrigada!

Olívia: cara, se eu não me engano esses são temas que você pensou para a gente fazer né? Então eu acho que a gente tem que pegar o que está mais envolvido com o que a gente falou. Acho que o saneamento básico está bem aqui, porque a gente falou sobre isso, acesso a saúde de qualidade, segurança, acho que tudo está envolvido. Colonização não está muito no que a gente falou.

Alana: eu coloquei pensando em como isso reflete na nossa construção atual. Mas já que a maioria não quer, a gente pode tirar.

Ítalo: mais é aquela coisa né, eu acho importante a coisa de colonização porque foi a partir daí que a gente viu os países, pelo menos da américa, a se desenvolver. Os países da África ser do jeito que estão. O porquê do nosso país está atrás de vários países como os Estados unidos. Porque a gente não é igual a tau país? É por isso daqui.

Alana: justifica os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Foi assim que eu pensei.

Ítalo: exatamente.

P.H.: a gente tem que focar em um lugar só. Não tem como falar de um país subdesenvolvido e desenvolvido e colocar depois o acesso a energia elétrica de uma região. A gente vai falar sobre Brasil, vamos falar internacionalmente, vamos falar do que?

Alana: eu tinha entendido que era um índice global.

P.H.: então como ficaria isso?

Ítalo: para saber coisas do país a gente podia fazer assim: esse país foi o que, foi colonizador ou colonizado? Se foi colonizado, qual o tipo de colonização ele teve?

Alana: vão ser dois índices? Aí a gente categoriza o país em desenvolvido e subdesenvolvido e faz um índice para cada um? É isso?

Ítalo: é, pode ser. Não seria mais fácil a gente focar em algo menor.

Alana: querem fazer para o Brasil então?

P.H.: eu acho que do Brasil seria mais fácil, porque aí a gente não teria que focar em muitas coisas. Eu acho que a gente podia fazer logo um Excel ou um PowerPoint. O que vocês acham?

Alana: pode ser, Ítalo até se dispôs a montar.

Ítalo: montei aqui uma tabela. No caso a gente analisaria por região do Brasil ou por estado?

P.H.: tem como você apresentar a tela? Eu acho que por região é mais fácil de fazer. Estado vai dar trabalho. A gente precisa colocar as coisas, não é?

Professora: eu acho que vocês precisam colocar quais os critérios que vocês pretendem estabelecer para dividir a população em classes sociais. E como estes critérios vão ser medidos, se vai ser pontuação, se vai ser faixa. Vocês precisam ver como isso vai acontecer.

P.H.: mas a gente precisa colocar os dados bonitinhos e preencher ou não?

Professora: não.

Alana: você podia determinar esse critério pra gente. Para criar já é um pouco mais complicado.

Pesquisador: a ideia que eu pensei para isso é vocês... "ah, pensando a nível de Brasil", vamos pensar a nível estadual ou nível municipal. Quais variáveis vocês podem contemplar para poder estratificar? Não precisa fazer o preenchimento e tudo mais. Vai ser um critério parecido com o Critério Brasil? Vai ser parecido com o da Fundação Getúlio Vargas? Ou vocês vão criar variáveis e fazer só faixas, entre tau

coisa e tau coisa. Quais as variáveis mais relevantes para vocês? A ideia é vocês colocarem o que há de mais relevante para vocês e chegarem neste consenso para poder criarem esta estratificação e modo de como estratificar, se vai ser por pontos, se vai ser por faixa. Eu acho que é por aí.

Professora: pensem no seguinte, se eu quiser me enquadrar em alguma classe social de acordo com o critério de vocês, eu preciso de quais ferramentas? Eu preciso saber o que? Eu acho que vocês precisam deixar mais ou menos moldado para que eu, lendo este documento que vocês estão fazendo agora, consiga saber qual é a minha classe social. Por exemplo, lá no critério Brasil é só eu somar os pontos que eu consigo me enquadra na faixa A, B1, B2, etc. então acho que vocês precisam pensar em um rascunho de como alguém se enquadraria numa classe social de acordo com as ideias que vocês acham relevantes.

Alana: eu acho que, baseado em tudo que a gente viu, eu acho que a gente deveria manter a ideia do chefe da família, mas não com nível de escolaridade, mas com salário. A gente estava pegando a mãe do Lucas de exemplo, ela é médica e óbvio que por ser médica ela ganha bem. Através disso, conseguimos identificar a classe social do Lucas. Então acho que a gente podia manter este mudando nível de escolaridade por salário.

P.H.: outra coisa é que a gente pode focar não só no chefe de família, mas na renda familiar inteira. A gente foca na renda familiar, mas também pode focar nos gastos, no... não sei... no valor de tau coisa. O que vocês acham?

Olívia: focar na renda total e não só em uma? Boa! Gostei!

Alana: pode ser, também apoio.

Ítalo: no caso, se a gente vai analisar os gastos, a gente tem a avaliar também como a gente vai dividir em números cada classe.

Alana: acho que é válido a gente considerar os gastos, mas talvez seja válido não colocar só por uma questão de simplificar a tabela.

Ítalo: aí os gastos a gente teria que levar em conta o número de pessoas que tem na família, grau de escolaridade das crianças.

Alana: exatamente, ficaria muito minucioso.

Ítalo: é!

Alana: P.H., eu vi que você estava escrevendo. Você está esboçando as outras características da tabela? Só para eu saber.

P.H.: eu estava fazendo um gráfico de barras, só que eu acho que não vai ficar tão bom porque vai ser mais difícil de fazer.

Alana: entendi.

P.H.: estou pensando em um gráfico de pizza, sei lá.

Alana: aquela da linha também.

Ítalo: eu acabei de dar uma olhada aqui e está falando que em média um casal gasta com comida mensalmente R\$ 400,00 reais com alimentação. Não, R\$ 600,00 reais.

Alana: nas aulas de financeira a gente fazia muito isso, de calcular os gastos da família. Sempre dava uns R\$ 1.000,00 ou R\$ 1.200,00 reais.

P.H.: Isso fazendo o mínimo do mínimo né, que a gente colocava...

Alana: sem plano de saúde, sem um monte de coisa.

P.H.: a gente colocava alimentação, um pouquinho de lazer e o gasto de reserva.

Alana: moradia, conta de água, conta de luz e internet. Acesso a internet poderia ser uma das características.

P.H.: lembrando agora que no 6º ano nos fizemos este trabalho. A gente colocou escola de R\$ 1.000,00 reais para pagar, plano de saúde de R\$ 5.000,00 reais. Uma coisa mirabolante.

Alana: complicado. Olívia, fala alguma coisa.

P.H.: gente vamos começar a fazer um negócio mais... eu abri aqui o Word também.

Alana: Olívia falou que está reconectando. Vamos por eliminatória aqui então. Acesso a internet todo mundo concorda né? Todo mundo, Ítalo e P.H. que são maioria já. Está bom. Emprego estável, não abusivo e devidamente remunerado? Beleza, pode colocar aí. Acesso a luz elétrica, todo mundo concorda?

Ítalo: sim!

Alana: beleza! Pode por então. Segurança, todo mundo concorda?

Ítalo: sim!

Alana: P.H.?

P.H.: concordo com todas as coisas, nem precisa perguntar.

Alana: beleza! P.H., você falou que concorda com todos tirando aqueles dois primeiros da colonização né?

P.H.: é! Esse conceito é muito abrangente e não é atual o suficiente.

Alana: beleza então!

Olívia: voltei!

Alana: você saiu, mas eu vou botar aqui de novo. Aquelas coisas que eu escrevi, tem alguma que você não concorde? Porque a gente já está montando o gráfico aqui com o que já tem. Para ver se parece mais alguma ideia.

Olívia: Acho que para mim está bom. Você tirou a colonização e o resto eu concordo.

Alana (chat): fome; moradia digna; saneamento básico; acesso à saúde de qualidade; segurança; acesso à luz elétrica; emprego estável, não abusivo e devidamente remunerado.

Alana: beleza. Próximo é acesso a saúde de qualidade.

Ítalo: é uma boa também. Levando em conta que aqui no Brasil a gente tenha saúde pública, ela é um caco.

Alana: mas pelo menos tem né.

Ítalo: é! Tecnicamente todo mundo tem acesso a saúde, só que não uma saúde boa. Ah tá, de qualidade, é isso.

Alana: aí depois disso é saneamento básico.

P.H.: o acesso a saúde de qualidade não precisa ser do SUS. Não é tão ruim assim. Não é aquele monte que o pessoal pinta. O SUS é até bom, só que não tem investimento suficiente para manter um padrão Europa.

Alana: pode deixar que assim que privatizarem vai ficar zero bala.

Olívia: eu ouvi que a privatização da CEDAE é boa para instalarem mais relógios e terem mais dinheiro.

Alana: cara, é complicado! Uma parte da cidade foi leiloada para o banco da família do Paulo Guedes.

P.H.: na realidade só uma parte da CEDAE sobrou. As outras três lá que fatiaram...

Alana: (áudio incompreensível).

P.H.: é! Eu odeio esse negócio “ah, vamos privatizar”.

Alana: exatamente.

Olívia: dá super certo, você não viu a Vale. Perfeita!

P.H.: e os Correios, como vão melhorar. Tão útil.

Alana: esperamos até hoje.

P.H.: olha o Amapá como está ótimo. A luz está baratinha. Nem quebra.

Alana: precinho de banana.

Ítalo: banana está caro.

P.H.: preço de banana é a... (áudio incompreensível). Acho que só falta o saneamento básico ali né.

Alana: moradia digna e não sei como colocar o critério de alimentação. Tinha escrito fome porque era só um esboço.

P.H.: e o saneamento básico, vai colocar?

Alana: por mim, coloca. E por vocês?

Olívia: por mim também.

P.H.: por mim também bota.

Olívia: gente, não sei se vocês já decidiram, mas qual vai ser o...

Alana: a pontuação?

Olívia: é!

Ítalo: além de saneamento básico era o que mesmo?

Alana: moradia digna. Já colocou o tópico de renda total da família. Aquele tópico que a gente estava falando salário do chefe da família, renda total da família. Vai colocar? Vai colocar como?

P.H.: coloca renda familiar total.

Alana: mensal ou anual?

P.H.: acho que mensal. Mensal é mais direto.

Alana: é melhor! Na alimentação a gente poderia colocar três refeições ao dia. O que vocês acham?

Olívia: pode ser.

P.H.: pode ser também a cesta básica que compram.

Alana: acho que cesta básica é melhor.

P.H.: não sei, acho que três alimentações por dia podem envolver vários fatores.

Ítalo: neste caso aqui é mais uma questão de sim ou não né?

Alana: como assim?

Ítalo: menos a parte de renda familiar.

P.H.: eu acho que não. Eu acho que todas as coisas que a gente está botando são importantes. Foi isso que você falou?

Alana: eu acho que ela quis dizer que a gente está sendo mais objetivo. Ai para colocar... não sei... ter diferença sabe. "Ah, quantas refeições você faz no dia?". Tem que ser uma coisa mais prática.

Ítalo: a gente pode botar duas tabelas, só que por exemplo, em acesso a internet: sim ou não. Acesso a luz elétrica: sim ou não. Emprego estável, não abusivo e remunerado: sim ou não. Acesso a saúde de qualidade: sim ou não. Saneamento básico: sim ou não. Moradia digna: sim ou não. Isso me parecem perguntas que caberiam em uma coletânea de sim ou não. Mas por exemplo, renda familiar, segurança e não sei os outros que eu e no caso não falei. Eu não sei...

P.H.: a gente pode colocar faixas. A gente coloca, tipo, acesso à internet pode ser a todos os dias e qualquer momento ou pode ser todos os dias...

Alana: a gente pode até de algum gráfico que agente tenha pegado. Aquele gráfico que a gente pegou de 1 a 5. Aquele não, aquele é ruim. Ah, pode ser esse também, ter acesso todos os dias, é um serviço estável. A gente poderia categorizar assim.

Olívia: eu gostei também, acho que é mais objetivo e é mais rápido.

Alana: no caso eu vou ter que sair daqui a 10 minutos, aí vai ser com vocês.

P.H.: eu acho que é isso gente.

Pesquisador: galera, vocês querem trocar uma ideia sobre isso depois via este grupo nosso do WhatsApp e fechar depois ou preferem fechar isso agora e finalizar?

P.H.: eu acho que precisa colocar um negócio tão específico assim, a gente só faz o gráfico mesmo, não precisa preencher nem nada. Só coloca que é isso, isso e isso.

Pesquisador: eu que eu estou vendo aqui é que vocês consideram algumas variáveis, mas é o que a Ítalo falou né, como vocês vão medir estas coisas? De fato, tem alguns aí que é sim ou não. Mas para estratificar as pessoas através disso, vai ser como? De quantos sim e quantos não? Vai ter pontos? Você vai preencher de 1 a 5?

Alana: pelo que a gente conversou aqui vai ser por sequência.

Pesquisador: entendi! Níveis de prioridades né? Igual aquele que eu pedi pra vocês. Mas aí como vocês estratificariam através dessa sequência?

Olívia: em dias, se eu não me engano. Tipo, todos os dias...

Alana: poderia ser semanalmente também, para ficar um pouco menos pesado.

Ítalo: se a gente perguntar, por exemplo, emprego estável e remunerado todo dia, frequentemente, isso não cabe nessa questão.

Alana: é verdade!

P.H.: a gente pode colocar os que são sim ou não em um separado e os que tem sempre, frequentemente, as vezes e nunca a gente coloca em outro. Mas não vamos fazer isso agora né? Vai ser difícil.

Professora: o que vocês acham de terem uma semana para fecharem isso e mandarem lá no grupo?

Alana: acho super válido.

Olívia: eu também acho que a gente pode bolar mais e deixar tudo bonitinho.

Professora: se vocês quiserem eu marco com vocês para abrir uma reunião aqui no Meet se quiserem gravar. Ou vocês podem ir debatendo lá no grupo do WhatsApp e depois entregarem só o documento pronto.

Olívia: aham!

Ítalo: pode ser! Então vai acabar nossas respostas anteriores enviando agora?

Professora: não, aí vocês enviam o formulário agora sem esta resposta final se comprometendo a entregar o arquivo pronto, uma pessoa em nome do grupo. Aí a entrega pode ser feita lá no WhatsApp né?

Pesquisador: pode, com certeza!

P.H.: as respostas já enviam?

Professora: envia logo o formulário para não perder as respostas de vocês.

Pesquisador: isso. Bom, vocês viram aí né galera, que não é nada simples criar um critério de estratificação.

Olívia: nenhum pouco.

Pesquisador: nenhum pouco né! Vocês vão ter que ver quais são as variáveis relevantes para vocês, vocês vão ter que criar um modo de mensurar, então é bem difícil. Essa tarefa eu considero a mais difícil de todas. Então é isso, deixa para depois então e vocês vão trocando uma ideia. Se vocês forem se reunir mais uma vez, a gente abre o link para deixar gravado aqui para nós. Se não, vocês troquem ideia via WhatsApp no grupo que a gente vai acompanhando lá. É o que for melhor para vocês. Ai depois vocês me entregam. Fechou então?

Professora: é importante deixar claro para eles que o mais importante para sua análise é ouvir este processo de discussão entre eles, por isso a gente pede para gravar. Isso é mais importante do que o resultado final. Então se vocês forem continuar discutindo, por favor, discutam no grupo onde a gente está. Ou pede para

nós que abrimos uma sala no Meet para gravar que a gente sai da sala e deixa vocês a vontade. Só avisa.

Pesquisador: isso! A grande sacada é vocês chegarem neste consenso. Então acho que podemos fechar aqui né. Pode ser? Combinado?

Olívia: combinado!

P.H.: pode ser!

Ítalo: pode ser!

APÊNDICE 5: TRANSCRIÇÃO COMPLETA DO DIÁLOGO VIA WHATSAPP PARA A FINALIZAÇÃO DA TAREFA 7 DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.

Ítalo: a gente vai se reunir amanhã pra fazer a coisa de estratificação ou o prazo é amanhã?

P.H.: não sei amg / acho que uma pessoa só pode fazer / eu não sei colocar bonitinho no word, mas posso tentar

Ítalo: A parte do word posso fazer

P.H.: amg é só isso mesmo / a gente já decidiu tudo que vai botar mesmo

Ítalo: mas não terminamos de dividir os critérios daquela vez / tipo, sua pontuação é x, o q isso quer dizer?

P.H.: ah, achei q já tínhamos esse assunto por encerrado

Ítalo: fizemos isso em nossa última reunião

P.H.: isso / quer entrar no Meet pra discutirmos isso?

Ítalo: teria que gravar, né?

Professora: não TEM que... mas se quiserem eu abro a sala, boto pra gravar e saio

Ítalo: acho melhor por aqui mesmo / Eu passei a renda familiar lá pra baixo porque não sei o que fazer, é a única que não é questão de sim ou não. Poderíamos calcular levando em conta o gasto em média de 1 indivíduo por mês e por meio de uma equação, designando esse gasto mensal pelo número de pessoas que tem nessa família. Mas isso seria muito complicado, então não sei o que fazer

P.H.: acho que então podemos tirar (ou mudar) a questão do emprego remunerado e tals / bota junto a questão sobre gasto!

Olívia: concordo com o P.H. / Porque querendo ou não os dois tem a mesma questão em destaque

P.H.: do que adianta por renda se não vai botar gasto / alguém do centro de SP não gasta o mesmo de alguém que mora no interior do Piauí.

Ítalo: Assim? / pera, estou vendo que vocês escreveram agora

P.H.: Olívia e Alana, concordam?

Olívia: Sim / gostei de como ficou / mas como vamos calcular renda?

Ítalo: Não entendo muito de economia e tal, mas se a subtração da renda com o gasto der um resto significativo, quer dizer que a pessoa até que é "bem de vida"

P.H.: acho que renda familiar média / classe média / da pra ter uma vida confortável e tal

Olivia: ok

Ítalo: ou seja, não passa aperto no fim do mês, logo, a diferença da segunda planilha e a pontuação da tabela de cima já dá pra considerar como critérios de estratificação com lógica, né?

P.H.: sim

Ítalo: então acabou?

P.H.: acho que sim

Olivia: sim / por mim sim

Ítalo: Alana? / Falta um nomezinho pra esse nosso trem

Professora: perguntinha: como eu sei qual a minha classe social pelo critério de vocês?

Ítalo: se você responde sim a todos os critérios da primeira tabela e a subtração da renda familiar pelos gastos por um valor significativo, então tu tá de boa / digo, está em uma segurança financeira

P.H.: nesse caso a gente não os dividiu separadinhos e tal né / é só 👍 e 🗨️

Ítalo: verdade / quando a gente diz alimentação de qualidade nos referimos a qualidade mesmo, como aprendemos em ed. física ou só ter algo pra comer?

P.H.: algo para comer eu acho / mais que arroz e feijão / pode comprar legumes, carne etc

Ítalo: porque "sim tenho alimentação de qualidade" vale pra uma pessoa com uma dieta balanceada seria um sim diferente de quem come miojo, que é diferente de quem nem comer come / a divisão de classe média pra rico não funciona com a nossa tabelinha, estou à beira da desistência / respostas afirmativas de 5/8 seria aceitáveis dentro de uma classe média baixa?

Professora: o que você considera um resto significativo?

Ítalo: algo que não seja troco do pão / é como se fosse um resto que demonstrasse que o indivíduo consegue passar o mês sem aperto / a forma como pensei "hummm,pode dar certo" foi essa, calcular o resto, mas eu não sei direito o que seria algo significativo / um dinheiro que você pode gastar agora e não fará falta no mês que vem, mas em números, não sei responder

Professora: entendi

Alana: desculpa pela ausência, eu estou bem enrolada essa semana /
aprovadíssimo.

APÊNDICE 6: CRITÉRIO DE ESTRATIFICAÇÃO ELABORANDO NA TAREFA 7 DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.

Sistema de Divisão Básico de Classes

	SIM	NÃO
Alimentação de qualidade		
Acesso à internet		
Emprego estável, não abusivo e remunerado		
Acesso a luz elétrica		
Segurança		
Acesso a saúde de qualidade		
Saneamento básico		
Moradia digna		

Renda familiar mensal	
Gasto familiar mensal	

Pontuação por quantidade de respostas “SIM”:

- 8 pontos = classe média alta ou classe alta;
- 5, 6 ou 7 pontos = classe média baixa;
- Menor que 5 pontos = classe baixa.

APÊNDICE 7: RESPOSTAS ESCRITAS DAS TAREFAS ENVIADAS ATRAVÉS DO GOOGLE FORMULÁRIO DURANTE A PESQUISA DE CAMPO.

Estudante: Alana

Tarefa 1

Questão A - Sim. Na nossa sociedade dinheiro (poder aquisitivo) é sinônimo de poder e eu quero ter o poder de fazer a diferença, fazer com que todos alcancem seus objetivos independente da classe social.

Questão B – Educação: se matando de estudar, já que não temos oportunidades igualitárias e estudar também não é uma garantia. (por meios legais)

Questão C - Não. Nós temos 66 bilionários no Brasil atualmente, tivemos mais 21 bilionários nos últimos anos e simultaneamente a queda do PIB

Tarefa 2

(0) Educação para crianças, jovens e analfabetos	(0) não é necessário
(2) Segurança pública confiável e justa	(1) pouco necessário
(3) Moradia digna	(2) necessário
(1) Comunicação com acesso à internet	(3) urgente
(4) Serviços de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo)	(4) imediatamente

Comentário: são questões que nem deveriam entrar em discussão, é função do estado garantir que toda população tenha acesso aos serviços citados à cima.

Questão 2: Sim.

Tarefa 3

Questão 1: não é à toa que se chama *capital* cultural, a ideia de capital faz a gente entender que isso vale alguma coisa, e acredito (sendo positiva) que quanto mais capital - cultural - mais teremos uma visão mais ampla sobre o mundo e mais poder sobre ele, seria uma faceta alternativa do capitalismo (hahaha).

Questão 2: a internet (positivamente e negativamente)

Tarefa 4

Questão 1: um tempo que não temos obrigações atreladas e podemos fazer o que quisermos com ele.

Questão 2: geopolítico, pesquisador, jornalista; faxineira, doméstica, trocador (respectivamente). Obviamente as 2 primeiras profissões são as mais remuneradas, mas eu não acho que seja por conta do capital cultural, e sim uma questão de cor e gênero, que determina diferentes pontos de partida.

Tarefa 5

Questão 1: .

Questão 2: capital cultural: no caso do Lucas, ele estabelece uma relação entre capital cultural e capital econômico a partir do momento que ele só reconhece a necessidade de ampliar seu capital cultural por causa da sua viagem ao exterior (graças ao seu capital econômico). Esse conceito não foi tão gritante na análise de perfil do Lucas e da Gabriela, mas ainda pertinente. capital cultural: o Lucas e a Gabriela têm muito mais dificuldade de acesso ao capital cultural por conta do seu capital econômico (que é médio/baixo comparado ao de Lucas), por isso eu disse na aula anterior que os 2 conceitos de capital acabam se equiparando, pois um depende do outro e sua abundância significa poder. Podemos perceber que Gabriela tem que se esforçar muito mais que Lucas para alcançar o capital econômico e cultural, pois não nasceu no mesmo contexto que ele. habitus: eu entendi que o André quer usar roupas de marca por causa do habitus, mas não observei esse conceito no Lucas e na Gabriela. (capital cultural e econômico coexistem, para alcançar um você precisa do outro).

Tarefa 6

Questão 2: como o real está muito desvalorizado, acredito que os valores da tabela mudam. É muito rasa

Questão 3: não

Questão 4: não

Estudante: Olívia

Tarefa 1

Questão A: Sim, pois a renda dos meus pais gira a base da economia e eu gostaria que tivéssemos mais estabilidade

Questão B: Estudo, esforço e força de vontade

Questão C: Não

Tarefa 2

(1) Educação para crianças, jovens e analfabetos	(0) não é necessário
(2) Segurança pública confiável e justa	(1) pouco necessário
(4) Moradia digna	(2) necessário
(0) Comunicação com acesso à internet	(3) urgente
(3) Serviços de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo)	(4) imediatamente

Comentário: isso é muito complicado e devíamos ter acesso a isso tudo

Questão 2: Sim.

Tarefa 3

Questão 1: Tendo acesso à informação, cultura, estabilidade, sendo imparcial e aprendendo ajudar e exercer seus pensamentos em bases estruturais isso influenciará em como você vai tomar suas escolhas e como exercerá papel em uma sociedade futura

Questão 2: Hoje em dia você tem muito mais acesso à cultura, só com o seu celular se tem acesso a diversas formas de cultura como: imagens, pinturas, livros entre outros. Então Internet

Tarefa 4

Questão 1: Um tempo em que você não tem nada para fazer, pode ficar o dia todo largado no sofá vendo televisão e isso não vai interferir no seu dia-a-dia

Questão 2: Muito capital cultural: Historiador, Filósofo e Professor. Pouco capital cultural: Gari, vigia e caixa de mercado. As que eu escolhi, pelo que eu sei, são muito pouco valorizados e recebem uma quantia não tão real a sua verdadeira e devida importância

Tarefa 5

Questão 1: No perfil um se encaixa uma família de classe alta, pois assim que filho quis voltar pro curso os pais permitiram. No perfil dois uma família de classe mais baixa, pois pelas informações dadas a vó mesmo com a aposentadoria e a mãe trabalhando ainda faz quitutes para complementar a renda familiar para que a neta não precise trabalhar e se dedique nos estudos. E no perfil três uma família

de classe média/alta, porquê mesmo que os pais tenham um trabalho fixo o André gosta de ter sua própria renda pra mante seus gostos e ter sua própria renda do que depender única e exclusivamente dos pais para isso.

Questão 2: Sim, pois de acordo com o modo que cada um deles vive se tem como entender, ou pelo menos tentar entender, como foram criados e quais suas bases e estruturas para com a sociedade. Pelo seu ambiente de convívio, amigos e manias.

Tarefa 6

Questão 2: Que ele classifica as classes de acordo com sua renda mensal. Valores em reais. O porquê de ser esse valor e por que motivos são classificados assim.

Questão 3: Não, pois você vendo a sociedade em si e não os números do governo você vê que a situação social é bem diferente do governamental

Questão 4: Por mim não, mas pela tabela sim.

Estudante: P.H.

Tarefa 1

Questão A: Sim. Creio que poderia alcançar mais objetivos tendo uma melhor condição financeira.

Questão B: Creio que se precisa de muita sorte, e um grande impulso vindo de pessoas já privilegiadas na sociedade.

Questão C: Não. Em um mesmo país que gera bilionários enquanto a maior parte de sua população sofre com a fome nunca poderá ser chamado de igualitário.

Tarefa 2

(4) Educação para crianças, jovens e analfabetos	(0) não é necessário
(1) Segurança pública confiável e justa	(1) pouco necessário
(2) Moradia digna	(2) necessário
(0) Comunicação com acesso à internet	(3) urgente
(3) Serviços de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo)	(4) imediatamente

Comentário: Todas são imediatamente necessárias.

Questão 2: Sim, mas vai muito além do dinheiro da sua conta pessoal, mas também da dominância da sua própria classe social e estereótipos de gênero, classe, cor, etnia, sexualidade, renda, etc.

Tarefa 3

Questão 1: As influências sociais no indivíduo que levam a indução de novos hábitos e são largamente inspirados em questões de capital econômico e, principalmente, cultural.

Questão 2: Todos, não se há imparcialidade quando falamos de algo feito por humanos.

Tarefa 4

Questão 1: A possibilidade de postergar a necessidade de trabalhar para uma criança, que pode focar então em seus estudos e preparação para trabalho futuro.

Questão 2: Há maior remuneração àquelas com capital cultural maior, como um juiz, um professor universitário ou um advogado. Enquanto isso, seguindo a desvalorização desse trabalho, motoristas, pedreiros e domésticas recebem menos, por serem vistos como "menos importantes" no contexto atual.

Tarefa 5

Questão 1: Os atos relacionados à educação podem alterar drasticamente o futuro do sujeito. No caso do Lucas, ele teve a noção de que ele estava desperdiçando a grande chance que seus pais o garantiram, de fazer o curso de inglês. Gabriela, porém, tinha um caminho maior a seguir, já que não teve as mesmas oportunidades que Lucas, mas ela tentava criar suas próprias oportunidades. No caso do André, ele desperdiçou uma chance de ouro, pois queria dinheiro em curto prazo, e desperdiçou a chance de concluir o ensino médio para poder trabalhar e conseguir ter acesso aos bens de consumo que desejava.

Questão 2: Sim. Temos a perspectiva externa ao destrincharmos esses casos específicos, onde o capital cultural e, principalmente, o capital econômico, influenciam as escolhas e as óticas dos sujeitos. Percebe-se que as decisões tomadas por cada um mostra quais são seus desejos para o futuro, e os caminhos seguidos por cada. O habitus de cada um, dado principalmente pela influência das

famílias, mas também por influências externas, podem ser decisivos para as decisões individuais.

Tarefa 6

Questão 2: Os espaços de renda são cada vez maiores entre as classes, e mesmo com valores bem menores do que o necessário, a maior parte da população se encontra nas classes D e E. Falta-se ainda, dados sobre o gasto médio familiar, que são imprescindíveis para a determinação de certas classes.

Questão 3: Não. Não influencia diretamente em questões cotidianas de assistência social, de pobreza, ou de políticas públicas.

Questão 4: Não, porém pode influenciar.

Estudante Ítalo

Tarefa 1

Questão A: Sim, mas não de forma drástica. Talvez um leve aumento de renda, o que já faria uma grande diferença, mas acho que isso iria interferir nas relações e relacionamentos a quais estou acostumada. Por outro lado, uma renda maior traz muito mais segurança de vida.

Questão B: Empreender, se qualificar em alguma área para que possa ter um bom emprego, estudar e dependendo da mudança almejada, ter sorte.

Questão C: Não, é só olhar os jornais, enquanto tem gente segura em casa e com uma boa saúde, a pessoas em áreas de risco e conflito e em filas nos hospitais públicos.

Tarefa 2

(2) Educação para crianças, jovens e analfabetos	(0) não é necessário
(4) Segurança pública confiável e justa	(1) pouco necessário
(0) Moradia digna	(2) necessário
(1) Comunicação com acesso à internet	(3) urgente
(3) Serviços de saneamento básico (água, esgoto e coleta de lixo)	(4) imediatamente

Comentário: Fiz a marcação segundo meu ponto de vista, que de certa forma, não julgo ser muito abrangente. Me parece ser uma maior prioridade ter segurança para ir na rua e não levar um tiro do que ter acesso a internet, mas eu tenho acesso à internet e uma maior segurança do que foi, mas ainda não é uma total

segurança, durante algumas vezes no ano passado eu estava na aula online e ouvia um tiroteio não muito longe daqui. Ter que escolher 1 só é complicado, pois é tudo necessário

Questão 2: Sim, está totalmente, mas não deveria. Para ter uma boa saúde, alimentação, saúde mental, educação, etc., tudo é um produto, tudo acaba sendo pago hoje em dia em nosso país e no mundo a fora

Tarefa 3

Questão 1: Sabendo diferenciar as coisas que são capital e habitus, dentro do nosso atual momento, e moralmente visando igualdade entre todos, o que deveria ser capital e habitus e como mantê-los da forma como devem ser.

Questão 2: Indo do ponto que a maior parte das pessoas, de várias classes sociais tem acesso à internet, como vão utilizar essa rede de informação, para que vão usa-la e o que vão pesquisar irá variar da sua mentalidade, o que é construído pelo capital cultural. A diferença de um jovem gastar seu tempo na internet consumindo entretenimento e outro jovem pesquisar aulas, meios de ganhar dinheiro ou formas de melhorar suas habilidades em algo.

Tarefa 4

Questão 1: Tempo livre o tempo em temos liberdade, podemos usá-lo para qualquer coisa que quisermos, sem ter preocupações de estarmos deixando de fazer algo, um momento um tanto quanto planejado, um trajeto curto de uma viagem de ônibus, por exemplo, não seria considerado como tempo livre, pois de certa forma esse tempo não está sendo destinado a suas vontades dentro dos recursos totais que você poderia usufruir.

Questão 2: profissões que exigem alto volume de capital cultural: Professores, administradores e advogados. que exigem pouco capital cultural: faxineiros, porteiros e zeladores. Os primeiros 3 exemplos, por mais que tenham papéis e valorizações diferentes perante a sociedade e salários diferentes, mas mesmo assim estão "acima" na questão sócio econômica que os exemplos citados abaixo. Sendo que certas profissões, por exemplo, os professores, por terem "menos valor" que outras, recebem menos.

Tarefa 5

Questão 1: O perfil 1 tem situação financeira melhor que o 3, o perfil 1 e o 3 tem situações financeiras melhores que a do perfil 2. A Gabriela, perfil 2, procura melhorar e alcançar suas metas com o que está ao seu alcance, enquanto o perfil 1, por exemplo, tem meio monetário para ter mais recursos, só faltando, talvez, interesse. O perfil 3, apesar de ser um jovem que trabalha, trabalha com os pais para garantir suas regalias. Não há mal nenhum nisso, mas é uma situação completamente diferente de outros jovens que trabalham por necessidade. Por mais que o perfil 2 esteja se esforçando, ainda está em desvantagem quanto ao perfil 1.

Questão 2: não.

Tarefa 6

Questão 2: Ela não leva em conta o quanto de pessoas tem nessas famílias, quanto por cento das pessoas pertencem a tais classes, e levando em conta a tabela do Critério Brasil, as classes não batem.

Questão 3: Não, e daí que o meu país está em 35º? Isso não mede a minha felicidade, não muda o fato de que existe uma boa diferença entre classes socioeconômicas. Aliás, felicidade é algo muito vasto, existem famílias humildes, ou melhor, pobres, que são muito mais felizes do que famílias de classe média alta ou baixa, ou até mesmo famílias ricas. Felicidade é um sentimento, me parece bobo tentar medir isso.

Questão 4: não.

APÊNDICE 7: CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA PARA A SOLICITAÇÃO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Ilmo. Sra. professora Maria Aparecida Bastos Vieira de Souza
Diretora do Colégio Santa Terezinha

Juiz de Fora, 19/04/2021

Prezada professora,

Apresento *Hugo Lagrimante Ferreira*, meu orientado no Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. O Prof. Hugo tem proposta de projeto de pesquisa para dissertação e produto educacional cujo tema é “Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil”.

O projeto tem como objetivo geral ‘analisar a produção de significados de alunos do Ensino Médio sobre a relação entre a desigualdade social e a condição financeira da sociedade brasileira’, tendo como referencial teórico o Modelo dos Campos Semânticos. Como a pesquisa envolve a participação dos estudantes e suas interações com os colegas e também com a colaboração da professora *Natasha Cardoso Dias*, durante a aplicação de sequências didáticas, solicito a autorização para que o projeto possa ser desenvolvido no âmbito da disciplina de Matemática pelo Prof. Hugo e sob a supervisão e colaboração da Profa. Natasha na escola sob sua direção. Asseguro que todas as medidas de sigilo e ética serão tomadas quando da coleta dos dados e da elaboração do relatório final. Asseguro ainda que o referido relatório final (em forma de dissertação e produto educacional) será encaminhado a esta diretoria.

Coloco-me à disposição para quaisquer eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Professor Amarildo Melchiades da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática /UFJF
Tel.
Email: xamcoelho@terra.com.br